



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO (CET)  
MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO

Carla Adriana Oliveira Silva

**AS FESTAS HISTÓRICAS E RELIGIOSAS DE LUZIÂNIA/GO ATUANDO NO  
DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL TURÍSTICO DA CIDADE.**

Brasília

2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO (CET)  
MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO

Carla Adriana Oliveira Silva

**AS FESTAS HISTÓRICAS E RELIGIOSAS DE LUZIÂNIA/GO ATUANDO NO  
DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL TURÍSTICO DA CIDADE.**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação  
Mestrado Profissional em Turismo  
da Universidade de Brasília como  
requisito parcial para obtenção do  
grau de mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eloísa  
Pereira Barroso

Brasília  
2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de  
Brasília. Acervo 1016223.

Silva, Carla Adriana Oliveira.

As festas históricas e religiosas de Luziânia/GO atuando  
no desenvolvimento do potencial turístico da cidade

/ Carla Adriana Oliveira Silva. -- 2014.

156 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,  
Centro de Excelência em Turismo, Mestrado Profissional  
em Turismo, 2014.

Orientação: Eloisa Pereira Barroso.

Inclui bibliografia.

1. Turismo - Luziânia (GO). 2. Cultura e turismo.  
3. Patrimônio cultural. 4. Festas religiosas. I. Barroso,  
Eloisa Pereira. II. Título.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO (CET)  
MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO

Dissertação de autoria de Carla Adriana Oliveira Silva, intitulada As festas históricas e religiosas de Luziânia/GO atuando no desenvolvimento do potencial turístico da cidade, submetida ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Turismo, em 03/07/2014, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

---

Profa. Dra. Eloísa Pereira Barroso  
Orientadora  
CET/UnB

---

Profa. Dra. Cléria Botelho da Costa  
PPG-História/UnB

---

Profa. Dra. Karina Dias  
CET/UnB

**Suplente:**

---

Profa. Dra. Neuza de Farias Araújo

Dedico este trabalho à minha família,  
e em especial ao meu filho Ian  
Gabriel.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao ser superior no qual eu confio e que guia os meus passos em busca do bem maior.

Agradeço à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eloísa Barroso, pelas atenciosas e pacientes orientações que me ajudaram e me guiaram nesta difícil caminhada.

Agradeço ao município de Luziânia, que me recebeu de forma tão acolhedora, lugar onde fiz amigos eternos e cidade que despertou meu interesse em busca de mais conhecimento.

Agradeço à minha mãe, Ivonildes Oliveira, que sempre me ensinou a importância de ser uma mulher independente e a caminhar em busca dos meus objetivos.

Agradeço a todos da turma do mestrado, em especial às amigas do grupo “Asneiras do CET”: Ângela Gomes, Carolina Fávero, Elissélia Ramos, Geruza Erig, Juzânia Brandão e Thamyris Andrade, que durante esse aprendizado, estiveram unidas e foram companheiras nos momentos de dificuldades, sempre se ajudando mutuamente.

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, por incentivar a qualificação de seus servidores e por me conceder o afastamento que garantiu que eu me dedicasse com mais tranquilidade à conclusão desta dissertação.

Agradeço a todos os servidores e amigos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, especialmente aos do campus Luziânia, pelo estímulo e apoio que me deram em todo o processo.

Agradeço à amiga, Wânia Sanches, por me aguentar durante as crises nervosas e momentos de desespero, tão frequentes nessa maratona.

Agradeço à amiga e psicóloga, Lígia Cavalcante, por plantar a sementinha do mestrado na minha cabeça.

Agradeço à amiga e professora, Letícia Érica Ribeiro, por compartilhar sua experiência acadêmica comigo, sempre oferecendo apoio e ajudando nos momentos de maior dificuldade.

Agradeço ao amigo, jornalista e fotógrafo, Sidney Rocha, por contribuir com sua experiência profissional na elaboração das entrevistas e por ceder suas fotografias.

Agradeço à amiga, Luiane de Araújo, por sua amizade, disposição e paciência em me ajudar com a revisão e formatação deste trabalho.

Agradeço aos amigos que gentilmente contribuíram com as entrevistas: Angélica Moreira, Francielle Rocha, José Álfio da Silva, Karina da Silva, Lucas Pires e Wilter Coelho.

Agradeço aos amigos Fabiana Félix, Lívia Nunes, Luiz Felipe, Maria de Jesus Oller, Mariana Batista, Melissa Mongé, Priscila Teixeira da Silva, Rodrigo Sampaio, Wagner Sanches e todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estiveram ao meu lado durante esse processo de construção do conhecimento, oferecendo a amizade e a força que eu precisava para seguir em frente.

“O mundo é redondo, e o lugar que parece o fim  
pode ser o começo.”

Ivy Baker Priest

## RESUMO

A preservação dos patrimônios tangíveis e intangíveis é fundamental para que se possa conhecer a história cultural, social e política de um determinado local. A atividade turística vem se destacando ao longo dos anos não apenas como fator de desenvolvimento econômico, mas também como agente no ato de rememorar e na preservação dos patrimônios históricos e culturais de diferentes lugares. Luziânia, por ser uma das cidades mais antigas do planalto central, com 266 anos, carece de estudos acerca do modo como o seu patrimônio histórico-cultural, tangível e intangível, atua e/ou pode atuar no desenvolvimento do potencial turístico do Município. Portanto o objetivo do estudo em tela é avaliar como a cultura e as festas religiosas de Luziânia podem ser importantes na preservação e divulgação dos patrimônios histórico-culturais da cidade, além da influência que estas festas possuem no desenvolvimento do turismo local.

Palavras-chave: Cultura; Patrimônio; Turismo; Festas Religiosas; Luziânia.

## **ABSTRACT**

The preservation of tangible and intangible is crucial to understand the cultural, social and political history, of a specific location. Tourist activity has been highlighted over the years not only as a factor of economic development, but also as a way of remembering and preserving the historical and cultural heritage of different places. Luziânia, as one of the oldest cities in the central plateau, at 266 years would benefit from studies about how their historical-cultural, tangible and intangible, act and / or could act in the development of the potential tourism of the city. Therefore, the purpose of the study is to evaluate the culture and religious traditions of Luziânia, and it may be important in the process of preservation and dissemination of historical and cultural heritage of the city, besides the influence that these traditions have in the development of local tourism.

Keywords: Culture; Heritage; Tourism; Religious Festivals; Luziânia.

## **LISTA DE SIGLAS**

CNT - Conselho Nacional de Turismo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

GO – Goiás

OMT - Organização Mundial do Turismo

PNPI - Programa Nacional do Patrimônio Imaterial

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE FIGURAS E TABELAS

### Figuras

#### **Capítulo 1**

Figura 1 – Capa do Livro de Registro dos Saberes de Luziânia na Casa da Cultura.....	36
Figura 2 – Capa do Livro de Registro das Formas de Expressão de Luziânia na Casa da Cultura.....	36
Figura 3 – Capa do Livro de Registro das Atividades e Celebrações de Luziânia na Casa da Cultura.....	36
Figura 4 – Estátua de Padre Cícero.....	53
Figura 5 – Santuário de Santa Paulina. ....	53
Figura 6 – Círio de Nazaré.....	53
Figura 7 – Santuário de Nossa Senhora Aparecida.....	54

#### **Capítulo 2**

Figura 8 – Mapa de localização de Luziânia.....	62
Figura 9 – Vista da Rua do Rosário no Centro Histórico. À esquerda o restaurante Antigamente. ....	69
Figura 10 – Casarão antigo do Centro Histórico em deterioração.....	70
Figura 11 – Casarão antigo do Centro Histórico em deterioração.....	70
Figura 12 – Casarão restaurado no Centro Histórico.....	70
Figura 13 – Casarão restaurado no Centro Histórico .....	71
Figura 14 – Produção artesanal de marmelada.....	72
Figura 15 – Produção artesanal de marmelada .....	73
Figura 16 – Produção artesanal de marmelada.....	73
Figura 17 – Entrada da Fazendinha JK .....	75
Figura 18 – Detalhe do altar da Igreja Matriz de Santa Luzia.....	78
Figura 19 – Imagem externa da Igreja Matriz de Santa Luzia.....	78
Figura 20 – Imagem interna da Igreja Matriz de Santa Luzia.....	79
Figura 21 – Imagem de Santa Luzia na Igreja Matriz de Santa Luzia.....	79
Figura 22 - Imagem externa da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.....	81
Figura 23 - Imagem interna da Igreja Nossa Senhora do Rosário.....	82

Figura 24 – Detalhe do Altar da Igreja Nossa Senhora do Rosário.....	82
Figura 25 – Imagens de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na Igreja do Rosário.....	83
Figura 26 – Imagem de São Benedito na Igreja de Nossa Senhora do Rosário.....	83
Figura 27 - Imagem do Sagrado Coração de Jesus na Igreja de Nossa Senhora do Rosário.....	84
Figura 28 – Casa da Cultura Rui Carneiro.....	86
Figura 29 – Sala Gelmires Reis na Casa da Cultura de Luziânia.....	86
Figura 30 – Sala das Cavalhadas na Casa da Cultura de Luziânia.....	87
Figura 31 – Sala das Cavalhadas na Casa da Cultura de Luziânia.....	87
Figura 32 – Sala das Cavalhadas na Casa da Cultura de Luziânia.....	88
Figura 33 – Centro Cultural José Dilermando Meireles.....	89
Figura 34 – Painéis de D. J. Oliveira na Praça Raimundo de Araújo Melo.....	90
Figura 35 – Painéis de D. J. Oliveira na Praça Raimundo de Araújo Melo.....	90
Figura 36 – Praça Raimundo de Araújo Melo.....	91
Figura 37 – Praça Raimundo de Araújo Melo.....	91
Figura 38 – Praça Raimundo Araújo Melo.....	91
Figura 39 – Praça Raimundo de Araújo Melo.....	91
Figura 40 – Praça Evangelino Meireles.....	92
Figura 41 – Centro de Cultura e Convenções Prof. <sup>a</sup> Abigail Brasil Silveira.....	93
Figura 42 – Centro de Cultura e Convenções Prof. <sup>a</sup> Abigail Brasil Silveira.....	93
Figura 43 – Cristo de Luziânia.....	94
Figura 44 - Cristo de Luziânia.....	94

### **Capítulo 3**

Figura 45 – Círio de Nazaré em Belém no Pará.....	99
Figura 46 – Festa do Senhor do Bonfim na Bahia.....	100
Figura 47 – Procissão do Fogaréu em Goiás.....	100
Figura 48 – Altar para o Divino Espírito Santo na Igreja Matriz de Santa Luzia.....	112
Figura 49 – Igreja Matriz de Santa Luzia em dia de festa.....	113
Figura 50 – Panfleto de divulgação da novena da Festa do Divino Espírito Santo em 2013.....	113
Figura 51 – Cruzeiro montado em frente a casa onde acontece o pouso.....	116
Figura 52 – Altar para o Divino Espírito Santo.....	116

Figura 53 – Apresentação de catireiros.....	118
Figura 54 – Apresentação de catireiros.....	118
Figura 55 – Folia de Rua em Luziânia.....	122
Figura 56 – Procissão na Rua do Rosário.....	126
Figura 57 – Panfleto de divulgação da Festa de Nossa Senhora do Rosário.....	132
Figura 58 – Missa no primeiro dia de festa.....	132
Figura 59 – Apresentação de música.....	133
Figura 60 – Igreja ornamentada para a festa.....	133
Figura 61 – Carreata convidando a comunidade a participar da festa.....	134
Figura 62 – O Padre Simão e a imagem de Nossa Senhora durante passeata pela cidade.....	134
Figura 63 – Último dia de festa.....	135
Figura 64 – Show do Padre Fábio de Melo.....	135

## **Tabelas**

### **Capítulo 1**

Tabela 1 - Exemplos de atividades que podem ser realizadas no âmbito do Turismo Cultural.....	50
---	----

### **Capítulo 3**

Tabela 2 – Festas religiosas católicas que acontecem no Brasil.....	98
---	----

## SUMÁRIO

Dedicatória .....	iii
Agradecimentos .....	iv
Epígrafe .....	vi
Resumo .....	vii
Abstract .....	viii
Lista de Siglas .....	ix
Lista de figuras e tabelas.....	x

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
-------------------------	-----------

<b>CAPÍTULO I. CULTURA, PATRIMÔNIO E TURISMO: UMA DISCUSSÃO .....</b>	<b>23</b>
---	-----------

1.1. A Cultura .....	25
1.2. O Patrimônio .....	30
1.2.1. O Patrimônio Imaterial.....	33
1.3. O Turismo.....	40
1.3.1. A Sustentabilidade Turística e Cultural.....	43
1.3.2. O Turismo Cultural.....	46
1.3.3. O Turismo Religioso.....	50

<b>CAPÍTULO II. LUZIÂNIA/GO: UMA CIDADE HISTÓRICA E UM PATRIMÔNIO CULTURAL.....</b>	<b>54</b>
---	-----------

2.1. Contextualizando a História de Luziânia.....	59
2.2. Dados Estatísticos e o Plano Diretor .....	62
2.3. O Centro Histórico .....	66
2.4. Os Patrimônios Históricos e o Turismo de Luziânia .....	71

2.4.1. A Igreja Matriz de Santa Luzia.....	76
2.4.2. Igreja do Rosário.....	80
2.4.3. A Casa da Cultura Rui Carneiro.....	84
2.4.4. Centro Cultural José Dilermando Meireles.....	88
2.4.5. A Praça Raimundo de Araújo Melo.....	89
2.4.6. Praça Evangelino Meireles.....	91
2.4.7. Centro de Cultura e Convenções.....	92
2.4.8. O Cristo Redentor.....	93
<b>CAPÍTULO III. AS FESTAS RELIGIOSAS.....</b>	<b>95</b>
3.1. O poder da Festa do Divino Espírito Santo em Luziânia.....	106
3.1.1. O Pouso.....	114
3.1.2. A Catira.....	117
3.1.3. A Folia de Rua.....	118
3.1.4. As Cavalhadas.....	122
3.1.5. Os Leilões.....	124
3.2. A Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.....	125
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>137</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO.....</b>	<b>153</b>
<b>APÊNDICE B – ENTREVISTA: PARTICIPANTES DAS FESTAS HISTÓRICAS E RELIGIOSAS DE LUZIÂNIA/GO.....</b>	<b>154</b>
<b>APÊNDICE C – ENTREVISTA: GESTORES DAS FESTAS HISTÓRICAS E RELIGIOSAS DE LUZIÂNIA/GO.....</b>	<b>155</b>
<b>APÊNDICE D – ENTREVISTA: SECRETÁRIO DE TURISMO DE LUZIÂNIA/GO.....</b>	<b>156</b>

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho nos propomos a investigar, por meio de uma discussão teórica, a relação das festas religiosas com a cultura, os patrimônios históricos, materiais e imateriais, e o turismo cultural e religioso em Luziânia, com o intuito de tentar compreender de que forma estas festas podem contribuir para a preservação dos patrimônios históricos e para o desenvolvimento do turismo na cidade.

Considera-se aqui a manutenção dos bens materiais e imateriais como primordial para a preservação da história e da memória de qualquer cidade. Assim, surge então a necessidade de se investigar como estes patrimônios são encarados nos dias de hoje, tanto pela comunidade que os detêm, quanto pelos órgãos governamentais e pelos visitantes que buscam por estes patrimônios como forma de reconhecimento da identidade e da cultura local.

O município de Luziânia, localizado no Estado de Goiás/GO, é o recorte espacial desta pesquisa e foi escolhido como base para esta investigação por se tratar de uma cidade histórica, no Planalto Central, que teve um processo de desenvolvimento urbano intimamente ligado à cultura e a religiosidade.

Parte-se da hipótese de que estas festas são determinantes na preservação da cultura e dos patrimônios materiais e imateriais, sendo importantes fatos sociais que podem agir diretamente na manutenção da memória coletiva e no desenvolvimento da cidade, especialmente quando relacionadas a um plano de desenvolvimento turístico sustentável, com foco no cultural e no religioso. Pois refletir sobre a cidade de Luziânia sob a perspectiva do seu patrimônio cultural relacionada ao turismo pode possibilitar a valorização tanto do patrimônio local, como também visualizar alternativas de cunhos econômico e cultural para a cidade.

As cidades foram crescendo e a preocupação com a preservação dos patrimônios históricos cresceu junto. Deve-se levar em consideração que a cidade é uma construção social que se desenvolve a partir dos seus patrimônios instituídos, e que a relação existente entre material e imaterial se torna importante para a preservação de ambos, na medida em que o patrimônio cultural também é prática social. Com o passar dos anos, um se apropria do outro, ressignificando estes espaços e estas tradições que são fundamentais para a cultura das cidades e para a identidade da comunidade local.

Diante desse fato, surgem as seguintes questões:

1. A festa do Divino Espírito Santo e a festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito possuem potencial para contribuir com o desenvolvimento turístico de Luziânia?
2. Seriam estas festas patrimônios históricos culturais do município?
3. Como o turismo pode influenciar na preservação dos patrimônios culturais, materiais e imateriais da cidade?
4. Quais são as ações governamentais relacionadas ao desenvolvimento turístico de Luziânia?

Logo, a partir da contextualização do arcabouço teórico e da observação em campo, esta pesquisa teve como intento compreender como estas festas religiosas, relacionadas à cultura e aos patrimônios locais, podem atuar no desenvolvimento turístico de cidades históricas, como Luziânia, entendendo o turismo, como um fenômeno social, econômico e cultural, além de uma atividade multissetorial que pode contribuir para a conservação e manutenção dos patrimônios da cidade.

Nessa perspectiva, a pesquisa traçou os caminhos metodológicos a serem percorridos para alcançar os objetivos propostos. Com isso, procuramos explicar os métodos e procedimentos usados para guiar o estudo em questão por entender que a metodologia é o caminho condutor para a realização de uma pesquisa.

Ada Dencker (1998) acredita que esta é a maneira para se realizar a busca do conhecimento desejado, de forma racional e eficiente. Explicitar a metodologia usada é parte fundamental do trabalho, pois como cita Antônio Chizzotti (2006) a pesquisa deve seguir uma metodologia de trabalho, ou seja, a lógica subjacente ao encadeamento de diligências que o pesquisador segue para descobrir ou comprovar uma verdade, coerente com sua concepção da realidade e sua teoria do conhecimento.

O procedimento metodológico para a realização desta pesquisa consistiu numa investigação do tipo qualitativa, já que esse tipo de abordagem valoriza o discurso e as especificidades. Conforme Delgado (2010), uma característica fundamental da metodologia qualitativa é a sua singularidade e a não compatibilidade com generalizações. Por isso, este método se tornou o mais adequado para o estudo em questão, já que o município de Luziânia, com a sua cultura e suas festas religiosas, possui particularidades que merecem ser estudadas e preservadas.

Para Fábio Appolinário (2004) a pesquisa qualitativa é a modalidade na qual os dados são coletados através de interações sociais e analisados subjetivamente pelo pesquisador. Dencker (1998) acredita que pesquisar não é apenas coletar dados e informações. É pensar, refletir, interpretar, entendendo o turismo como um dos elementos que compõem a sociedade e considerando as interações das ações que venham a ser postas dentro do panorama da sociedade.

Quanto aos objetivos, o estudo foi descritivo e explicativo. Descritivo, pois visa descrever as características de determinada população, ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 1991). E explicativo, pois visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos (GIL, 1991). Desta forma, a pesquisa procura descrever, explicar e extrair as diversas narrativas que compõem o patrimônio da cidade de Luziânia, especialmente por meio das festas religiosas e tradicionais da cidade.

Foi então utilizada a história oral como método, por ser esta voltada à produção de narrativas, não só como fonte de conhecimento, mas principalmente do saber (DELGADO, 2010). Yonne Grossi e Amauri Ferreira (2001, p. 30) afirmam que “a razão narrativa desemboca no saber contar um fato real ou imaginário, despertando no ouvinte o desejo de significar experiências vividas, que não retornam mais”. A história oral é um procedimento, um meio, e um caminho para produção do conhecimento histórico (DELGADO, 2010).

As narrativas orais referem-se tanto ao passado quanto ao presente, organizando-os e unificando-os e, ao mesmo tempo, apontam para o futuro (AMADO e FERREIRA, 1996). Para se obter as histórias, experiências pessoais e relatos necessários a esta pesquisa foi necessário um contato direto com as pessoas envolvidas nestes processos. Por isso, a história oral se tornou um importante método, pois ela:

Consiste, então, de um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica [...]) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc [...]. (ALBERTI, p. 52, 1989).

A história oral é um tipo de método que, como explica Lucília Delgado (2010), cria fontes e documentos para registrar, por meio de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões. “É um procedimento premeditado de produção de conhecimento que envolve o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem da gravação” (MEIHY, 2007, p.13).

A coleta de dados é outro passo fundamental no desenvolvimento da pesquisa. É a forma como se obtêm os dados necessários para responder ao problema (VERGARA, 2003). Na pesquisa em campo foi possível conhecer os principais pontos históricos, culturais e turísticos da cidade, vivenciar o estilo de vida da comunidade, acompanhar as festas que foram o foco deste trabalho e viver de perto a cultura que se faz presente no município. Durante as pesquisas em campo foram realizadas as entrevistas e coletadas fotografias que estão presentes ao longo desta dissertação.

Assim, as técnicas utilizadas no decorrer da pesquisa foram: as pesquisas bibliográficas, as pesquisas em campo e as entrevistas. Todas as etapas foram fundamentais para o reconhecimento da cidade de Luziânia, e a interpretação dos dados se tornou necessária para compreensão do objeto, já que na pesquisa qualitativa:

[...] por razões de conveniência, a maior parte dos dados é convertida em texto escrito (ou digitado). A análise daquilo que muitas vezes é uma grande quantidade de material reflete duas características. Em primeiro lugar, os dados são volumosos e é necessário adotar métodos para lidar com isso de forma prática e coerente. Em segundo, os dados devem ser interpretados (GIBBS, 2009, p. 24).

As entrevistas funcionaram como um suporte para a captação das histórias. Delgado (2010) explica que a história oral é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos. Logo, ouvir esses depoimentos foi fundamental para recuperar a memória de Luziânia, já que escutar aqueles que participaram desse processo de transformação do espaço e das manifestações culturais durante o tempo pode nos ajudar a compreender a história e a ressignificar essa identidade perdida.

Para a realização das entrevistas, Delgado (2010) estabelece algumas etapas como de suma importância para que a elaboração do documento final tenha utilidade entre a comunidade acadêmica e outros grupos sociais. Entre as principais etapas estão a definição do objeto de estudo, a preparação da entrevista, a preparação de roteiros e a realização da entrevista em si, que envolve a transcrição, a conferência de fidelidade e a análise da entrevista.

Durante a realização das entrevistas com os diversos atores envolvidos neste processo de turismo e cultura em Luziânia foi possível entender algumas das principais manifestações culturais da cidade, além de conhecer melhor os principais atrativos turísticos do município. Para Alberti (2005, p. 78) “é na realização das entrevistas que se situa efetivamente o fazer da história oral; é para lá que convergem os investimentos iniciais de implantação do projeto de pesquisa, e é de lá que partem os esforços de tratamento do acervo”.

Por meio das entrevistas buscamos aprofundar o conhecimento sobre a cultura e o patrimônio da cidade, analisando as festas e identificando a realidade e o contexto no qual estão inseridas para, então, compreender melhor a sua contribuição para o desenvolvimento do turismo de Luziânia.

Logo, entende-se que, para cada ator entrevistado, fazem-se necessárias perguntas específicas, de acordo com o seu contexto social e objeto investigado. Assim, buscamos entrevistar diferentes atores da sociedade luzianiense, como representantes de grupos culturais, religiosos e governamentais, além de moradores, que contribuiriam para a reconstrução da importância histórica das festas tradicionais e religiosas da cidade, além de reafirmarem o valor que elas possuem na atualidade para a preservação da história, da identidade e para o desenvolvimento turístico do município.

Para Cecília Minayo (1996) os dados obtidos pelas entrevistas podem ser classificados entre os de natureza “objetiva”, que seriam os fatos concretos, os quais podem ser obtidos por outros meios; e os de natureza “subjetiva”, tais como atitudes, valores, opiniões, que somente poderão ser obtidos mediante subsídios fornecidos pelos atores sociais envolvidos. Para uma melhor reprodução e análise das entrevistas, elas foram acompanhadas de gravação de áudio e realizadas após a assinatura de termo de consentimento.

As entrevistas foram realizadas a partir de um pequeno roteiro preparado antecipadamente como forma de motivar o testemunho oral. Elas foram realizadas

em momentos e locais variados, sendo a primeira em junho de 2013 e as últimas em abril de 2014. Antes das entrevistas a pesquisadora fez um breve relato aos entrevistados sobre o tema a ser discutido e, a partir daí, o diálogo se desenvolveu.

Para se ter uma visão mais abrangente do objeto de estudo, buscou-se entrevistar pessoas de todas as faixas etárias. Assim, tornou-se possível ter a opinião de um público mais variado.

Entre as pessoas que participaram estão jovens que tem entre dezessete e trinta anos, até pessoas mais idosas. Sobre a religião dos participantes a maioria se declarou católica, um espírita e os outros afirmaram não seguir nenhuma religião. Foram feitas entrevistas com as seguintes pessoas:

- 1- Secretário de Turismo de Luziânia: Écio Carlos de Mendonça;
- 2- Pároco da Igreja de Nossa Senhora do Rosário: Padre Simão;
- 3- Coordenadora da festa do Divino: Corina Maria de Lourdes;
- 4- Zelador da Igreja de Nossa Senhora do Rosário: João Victor Ribeiro;
- 5- Artista plástico: José Álfio da Silva;
- 6- Estudante: Karina da Silva;
- 7- Auxiliar Administrativo: Angélica Moreira;
- 8- Auxiliar Administrativo: Lucas Pires;
- 9- Jornalista: Francielle Rocha;
- 10- Advogado: Wilter Campos Coelho.

Buscou-se, anteriormente às entrevistas, criar categorias de análise a partir dos referenciais teóricos que embasam a pesquisa para, então, tratar de temas essenciais ao trabalho, como cultura, patrimônios históricos e turismo. De acordo com as etapas definidas por Delgado (2010), logo após a realização das entrevistas, elas devem ser tratadas e analisadas. Assim, foi feita a transcrição e a conferência da fidedignidade, como nos ensina Rosália Duarte (2004) ouvindo a transcrição e tendo o texto escrito em mãos, de maneira a acompanhar e conferir cada frase, as mudanças de entonação, as interjeições utilizadas, interrupções, etc.

O próximo passo foi organizar as falas a partir das categorias criadas. Como explica Duarte (2004, p. 221) “uma maneira de analisar é fragmentar o todo e reorganizar os fragmentos a partir de novos pressupostos”. Desta forma, a intenção foi agrupar os depoimentos em categorias que se referiam à participação nas festas,

às mudanças ocorridas com o tempo, à importância das festas para a cidade e para os próprios participantes, entre outras questões para, então, interpretá-los à luz dos referenciais teóricos, de forma a responder às questões de pesquisa.

Diante do quadro metodológico exposto, busca-se então com esta pesquisa extrair as diversas narrativas que compõe a festa do Divino Espírito Santo e a festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, de forma a identificar o conjunto de tradições e manifestações presentes nestas festas. Foi examinado o estado de conservação do patrimônio material, verificado a existência de projetos de preservação e divulgação dos patrimônios materiais e imateriais e identificado o perfil do público participante. Para tanto, a proposta será desenvolvida em três capítulos.

No primeiro capítulo abordamos os referenciais teóricos que proporcionaram uma melhor compreensão do objeto de estudo. Neste capítulo foi feita uma discussão sobre cultura, patrimônio e turismo, dividido em três momentos. O primeiro apresenta a conceituação de cultura, sob o olhar de pensadores como Antônio Arantes (1990), Clifford Gerts (2008), Denys Cucu (2002), entre outros. No segundo momento o estudo em tela aborda o patrimônio histórico e a concepção do patrimônio material e do patrimônio imaterial. Já o terceiro momento trata sobre o turismo e suas relações com a cultura e com os patrimônios. É estabelecida uma discussão sobre a sustentabilidade turística e cultural, além de abordar temas como o turismo cultural e o turismo religioso.

O segundo capítulo apresenta a cidade de Luziânia, recorte espacial dessa pesquisa. Nele procuramos tecer a história da cidade, apresentar dados estatísticos e o plano diretor do município. Também é feita uma discussão sobre o centro histórico da cidade e a relação entre os patrimônios materiais, imateriais e o turismo local.

No terceiro e último capítulo há um aprofundamento sobre o objeto deste estudo: as festas religiosas de Luziânia. Lá estão descritas, detalhadamente, as manifestações presentes na festa do Divino e na Festa do Rosário e como estas festas podem influenciar diretamente no desenvolvimento do turismo e na preservação dos patrimônios da cidade.

Assim, nesse trabalho procuramos abordar o turismo e a sua relação com o patrimônio cultural, e como este patrimônio pode atuar na configuração de um espaço enquanto destino turístico. Mas há que se ressaltar que é um patrimônio

conservado e integrado ao ambiente social. Portanto, procuramos enfatizar o quanto essa relação entre turismo e patrimônio pode permitir o surgimento de estratégias alternativas e possibilidades de desenvolvimento local, em específico da cidade de Luziânia.

Há que se considerar que o processo de incorporação dos espaços para o turismo ocorre em decorrência de processos de resignificação e do reconhecimento e valorização do patrimônio cultural. Dessa forma, o patrimônio cultural se configura como um elemento que agrega valor à paisagem cultural quando esta se estabelece como um destino turístico. O patrimônio cultural, nesse sentido, se constitui como um elemento importante que não se desvincula do turismo.

## I. CULTURA, PATRIMÔNIO E TURISMO: UMA DISCUSSÃO

A proposta aqui é discutir conceitos como cultura, patrimônio e turismo tendo em vista que, quando tratados de forma conjunta, podem ter um valor significativo não só para os moradores de uma comunidade, como também para gestores públicos e privados, buscando entender a relação entre estes conceitos, de maneira e descobrir como um pode influenciar diretamente na atuação do outro e como eles podem ser determinantes no desenvolvimento do município de Luziânia.

Cultura, patrimônio e turismo vêm sendo discutidos e teorizados ao longo dos anos pelo fato de estarem intimamente relacionados. Em muitos casos um se apropria do outro mutualmente, de modo que se torna difícil discutir um assunto sem falar de ambos. Por isso, muitos pesquisadores buscam a todo o momento formular novos conceitos e teorias que consigam retratar da forma mais real possível esta, que nem sempre é uma harmoniosa relação, além do aumento da preocupação por parte das organizações governamentais com o desenvolvimento turístico entrelaçado aos patrimônios históricos e à cultura local.

Para Paul Claval<sup>1</sup> (2005, *apud* COSTA; SCARLATO, 2012, p. 106) “a cultura deve ser lida como uma noção dinâmica que interliga o passado, o presente e o futuro”. Ela pode se manifestar de diversas formas, desde a religião, a arte, a gastronomia, até os bens arquitetônicos. Enfim, diversos fatores que fazem com que cada lugar seja valorizado exatamente por ser único. Assim, a cultura também se constrói por meio dos patrimônios materiais e imateriais que podem ser vistos e vividos em Luziânia/GO, a cidade que foi escolhida como objeto deste estudo, por se tratar de uma localidade que vem sendo negligenciada em seu conjunto cultural e patrimonial.

A cultura se constitui como um patrimônio presente no ambiente urbano das cidades, não somente nos centros históricos, mas também nas manifestações populares e tradicionais de cada município, o que estimula o interesse turístico, como nos explica Sílvia Helena Zanirato (2006, p.4):

O ambiente urbano, enquanto *locus* de concentração populacional é um dos lugares privilegiados de expressão dos suportes materiais e simbólicos produzidos pelos grupos humanos. “A cidade distingue-se como um espaço

---

<sup>1</sup> CLAVAL, P. **Lieux de memoire**. In: Revista Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, jan/dez 2005. n.19-20. p. 126-153.

de vivências, de experiências que conformam as culturas e as práticas de sociabilidade, manifestas nas permanências e nas transformações ali vivenciadas.”

Ou seja, cultura e patrimônios históricos fazem parte dos ambientes urbanos constituídos em cada cidade, e o turismo vem se apropriando desta cultura e destes patrimônios no seu desenvolvimento. Logo, cultura e patrimônio são ressignificados a todo o momento e, à medida em que estes patrimônios se somam, lhes são conferidos valores simbólicos criando-se então um processo de patrimonialização das cidades, como explica José Madureira Pinto (1995, p. 192):

[...] a verdadeira importância dos processos de patrimonialização, que reside não tanto na estratégia de conservação das marcas arquitetônicas do passado, como, sobretudo, no estímulo dado, por seu intermédio, à criação cultural autônoma e a recuperação mais genuína da festa, a saber, a da celebração coletiva em que todos são tendencialmente protagonistas.

Assim, tanto os patrimônios arquitetônicos como os patrimônios intangíveis fazem parte deste processo de patrimonialização do turismo. Por isso, o presente estudo investigou a relevância do patrimônio imaterial de Luziânia, expresso por meio das festas religiosas e tradicionais da cidade, tendo em vista que é notável a estreita relação entre cultura, patrimônio e turismo, já que grande parte dos deslocamentos está relacionada ao desejo de conhecer patrimônios históricos e vivenciar outras culturas. Doris Van de Meene Ruschmann (1997, p. 50) conclui que “é impossível desconsiderar a cultura de um povo como uma das mais importantes motivações das viagens turísticas”.

A atividade turística em Luziânia/GO nunca foi tratada como uma alternativa positiva para a preservação dos patrimônios históricos e culturais, porém sua conservação é fundamental não somente para a perpetuação da história local, mas também como referência de identidade. Assim, Maria Letícia Mazzuchi Ferreira (2006, p. 79) acredita que o sentido do patrimônio “é o da permanência do passado, da necessidade de resguardar algo significativo no campo das identidades, do desaparecimento”, de modo que relacionar estes patrimônios ao desenvolvimento de um turismo planejado tende a trazer benefícios em larga escala para diversos setores da sociedade.

A cultura se apropriou dos patrimônios históricos e o turismo tem se apropriado de ambos, por isso estes se tornam uma atração significativa para os

turistas, principalmente àqueles que procuram algo de diferente comparado às suas próprias experiências. É como se o turista pudesse viver a vida do outro por um determinado período, se afastando do seu cotidiano e se permitindo viver o novo.

Em Luziânia/GO, a cultura e os patrimônios materiais e imateriais sempre tiveram uma forte relação com a igreja, em especial a católica, como poderá ser observado no decorrer deste estudo. As principais festas tradicionais que compõem o patrimônio intangível da cidade estão ligadas à esta religião, e estas festividades têm o poder de atuar na manutenção da memória local, trazendo assim uma nova mobilidade social e turística para o município, ampliando suas relações e contribuindo para o desenvolvimento de um turismo cultural sustentável.

### 1.1. A Cultura

A palavra cultura passou por um processo de evolução ao longo dos anos, possuindo vários significados e se transformando (a depender dos fins a que se destina). Nesta pesquisa buscamos a sua compreensão, mais especificamente no campo das ciências sociais. O conceito da palavra “Cultura” vem sendo discutido desde o século XVIII quando o antropólogo britânico Edward Tylor (1958, p.29) criou o termo “*Culture*” para se referir a “um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” De acordo com Laraia (1997), ele buscou sintetizar em uma única palavra todas as expressões que integram os homens em uma comunidade. Para Antônio Augusto Arantes (1990, p.34) a cultura está em toda parte e é algo que faz parte da vida dos homens:

Em se tratando de vida social, a cultura está em toda parte. Todas as nossas ações, seja na esfera do trabalho, das relações conjugais, da produção econômica ou artística, do sexo, da religião, das formas de dominação e de solidariedade, tudo nas sociedades humanas é constituído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos “cultura”.

Está intrínseco na natureza do ser humano viver em sociedade e, para que esta sociedade se organize, faz-se necessária a criação de regras que se formam baseadas em uma cultura, cultura esta que faz parte da vida de todas as

sociedades, desde os primórdios. Tylor<sup>2</sup> (1958 *apud* LARAIA, 1997) também entende a cultura como uma expressão da totalidade da vida social do homem, Denys Cucho (2002) afirma que o homem é essencialmente um ser de cultura, ou seja, a cultura é própria do Homem. Em Luziânia é possível observarmos essa totalidade da cultura presente em vários bens culturais.

Cucho (2002) cita Franz Boas (1940) ao tratar de uma visão particularista da cultura. Para Boas<sup>3</sup> (1940, *apud* CUCHE, 2002) “cada cultura representa uma totalidade singular”, por isso ele se preocupa em não somente descrever os fatos culturais, mas compreendê-los juntamente ao conjunto em que estão ligados. O autor conclui que cada costume particular, para ser explicado, deve estar relacionado ao seu contexto. Assim, torna-se importante estudarmos todo o contexto que envolve os patrimônios de Luziânia, objetos desta pesquisa, relacionando-os a pensamentos como o de Cucho (2002, p. 71) ao afirmar que “cada cultura forma um sistema cujos elementos são interdependentes, e não se pode estudá-los separadamente”.

Para Clifford Geertz (2008, p. 24):

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.

Ou ainda, como diz Cucho (2002), numa compreensão de seu sentido mais vasto, a cultura nos remete aos modos de vida e pensamentos, apesar de existirem ambiguidades. Assim, ao tentar reviver a cultura de uma determinada cidade, um dos desejos é tentar conhecer os modos de vida do outro.

Geertz (2008, p. 10) diz que “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade”. Ele entende a cultura como algo que deve ser vivenciado em sua essência, definindo o seguinte conceito para sua compreensão:

“O conceito de cultura que eu defendo, [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca

<sup>2</sup> TYLOR, E. **Primitive Culture**. Londres, John Mursay & Co.1958.

<sup>3</sup> BOAS, F. **Race, Language and Culture**. New York: Macmillan, 1940.

de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.”  
(GEERTZ, 2008, p.4).

Nesse sentido, podemos afirmar que a cultura é uma ciência criada e recriada pelo homem a todo o momento, necessitando dela para afirmação de sua identidade e preservação de sua história. Geertz (2008) acredita que a cultura constrói a história e reúne fatores indispensáveis para a identidade de um povo. Laraia<sup>4</sup> (1997, *apud* CARNEIRO, OLIVEIRA, CARVALHO, 2010) afirma que “cultura é um conjunto de valores, crenças, costumes, hábitos e fatores históricos materiais e imateriais que permeiam, de forma dinâmica, a vida social”.

Assim, partiu-se destes conceitos para a escolha do objeto de análise desse trabalho, acreditando que as festas religiosas, históricas e tradicionais de Luziânia, que foram construídas e reconstruídas ao longo dos anos, possuem aspectos importantes e significativos para a cultura e para o turismo da região.

Deve-se partir do princípio de que estudar a cultura não é apenas compreender os seus símbolos, mas todo o contexto que os envolve, como buscou esta pesquisa ao tentar entender todo o contexto histórico e social que envolve o patrimônio imaterial de Luziânia. Geertz (2008, p. 18), no estudo da cultura, mostra que “os significantes não são sintomas ou conjuntos de sintomas, mas atos simbólicos ou conjuntos de atos simbólicos e o objetivo não é a terapia, mas a análise do discurso social”. Já Lévi-Strauss (1950, p. 19) definiu a cultura da seguinte forma:

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos. No primeiro plano deste sistema colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas buscam exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e mais ainda, as relações desses dois tipos de realidades estabelecem entre si e que os próprios sistemas simbólicos estabelecem uns com os outros.

A cultura está presente em todos os lugares e pode se manifestar de diferentes formas, como nas criações plásticas, nas construções, na ciência, no uso das tecnologias, nas crenças, costumes, gastronomia, ritos, entre outros (PRYSTHON, 2006). Nesse contexto, Luziânia possui diversos bens culturais, expressos em diferentes manifestações materiais e imateriais, frutos de uma cultura determinada, que contornam a sua identidade e que, consciente ou

---

<sup>4</sup> LARAIA, R.B. Cultura – um conceito antropológico. 11.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997

inconscientemente, fazem parte da vida de todas as pessoas da comunidade. Contribuindo com o pensamento de Angela Prysthon, Cuche (2002, p. 78) afirma que “cada cultura oferece aos indivíduos um ‘esquema’ inconsciente para todas as atividades da vida”.

Por isso, este estudo se propõe a chamar a atenção para algo tão valioso para a identidade do povo de Luziânia, trazendo à tona, não só para a comunidade, mas também para os órgãos públicos, a preocupação com a preservação da cultura da cidade, especialmente quando relacionada os bens intangíveis, já que, “na medida em que cada cultura exprime um modo único de ser homem, ela tem o direito à estima e à proteção, se estiver ameaçada” (CUCHE, 2002, p. 46).

As manifestações culturais são mantidas por muitos anos e repassadas por gerações. Para Peter Burns (2002) cultura diz respeito à integração entre pessoas que aprendem umas com as outras, como aconteceu em Luziânia desde a sua fundação. A cidade mantém vivas tradições que foram repassadas de pais para filhos, permitindo que ainda hoje possam ser vivenciadas e comemoradas festividades que são celebradas há mais de duzentos anos.

Conclui-se que “a cultura se constitui como tudo aquilo que os homens adquirem no transcurso de sua vida” (CLAVAL, 2005, p. 90). Porém, Balandier<sup>5</sup> (1955, *apud* CUCHE, 2002) atenta para o fato de que a cultura não é uma herança que se transmite imutável de geração em geração, ela é uma produção histórica.

Em Luziânia, a cultura foi construída ao longo dos seus 266 anos de vida, quando, a partir do local onde foi fincada a cruz que deu origem à cidade, o município se desenvolveu e, agregando influências de muitas outras culturas, formou a sua própria identidade. Seus patrimônios possuem relação muito estreita com a cultura. José Luiz dos Santos (2006) nos fala sobre a cultura nacional como:

Ela é assim resultado e aspecto de um processo histórico particular; o modo como se dá o processo histórico garante que a cultura nacional assim descrita não seja uma invenção. É uma realidade histórica, resultado de processos seculares de trabalho e produção, de lutas sociais, consequência das formas como a nação se produziu. (SANTOS, 2006, p. 72).

Sob esta perspectiva, a cultura pode ser entendida como resultado de um processo histórico e com o passar dos anos um produto social, Henri Lefebvre

---

<sup>5</sup> BALANDIER, G. **La notion de “situation” cloniale**. In: Sociologie actuelle de l’Afrique noire. Paris: PUF, 1955.

(1991) diz que é um artigo de consumo, um pouco excepcional: passando por livre, essa atividade consumidora (...) assume ares de festa, o que lhe confere uma espécie de unidade fictícia e, no entanto, socialmente real, embora situada no imaginário.

A cultura, então, pode ser tratada como uma atividade consumidora e intangível, capaz de consumir espaços e trazer nova mobilidade social para os lugares, assim como o turismo, contornando a sua identidade e seu patrimônio, e se fazendo presente na vida das pessoas. Marilena Chauí (2008, p. 65) conclui dizendo que a cultura é uma “instituição social, portanto, determinada pelas condições materiais e históricas de sua realização”.

As festas tradicionais e religiosas de Luziânia são parte integrante da cultura tradicional e popular da cidade. A UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, reconhecendo a importância da preservação dessa cultura, emitiu um documento com diretrizes para a salvaguarda da cultura tradicional e popular, criando a seguinte definição:

A cultura tradicional e popular é o conjunto de criações, que emanam de uma comunidade cultural fundada na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem à expectativa da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes. (UNESCO, 1989, p. 02).

Assim, compreender o significado destas festas, que são integrantes da cultura popular, é fator primordial para que sua utilização pela atividade turística seja positiva. Malinowski<sup>6</sup> (1968, apud CUCHE, 2002, p. 73) afirma que “não se pode estudar uma cultura analisando-a do exterior e, ainda menos, à distância”. Assim, este trabalho fez uma análise de como as festas, partes integrantes do patrimônio cultural imaterial possuem o poder de ressignificar a cultura, bem como a atratividade destes patrimônios para a comunidade local e para os turistas que visitam a cidade.

---

<sup>6</sup> MALINOWSKI, B. K. Une théorie scientifique de la culture. Paris: Maspero, 1968.

## 1.2. O Patrimônio

A palavra patrimônio tem sua origem no latim *pater* que significa pai. Ela passou a ser usada para se referir aos bens ou riquezas de uma pessoa, de uma família, de uma empresa. De acordo com Ruben George Oliven (2009, p. 77) “o termo patrimônio, em inglês – *heritage* – refere-se a algo que herdamos e que, por conseguinte, deve ser protegido”. A UNESCO estabeleceu, em 1972, que o patrimônio cultural, até então patrimônio histórico, passaria a ser considerado como “o conjunto de edificações separadas ou conectadas, os quais, por sua arquitetura, homogeneidade ou localização na paisagem, sejam de relevância universal do ponto de vista da história, da arte ou das ciências” (BARBOSA, 2001, p. 70).

O patrimônio cultural pode ser entendido como “aquela representação simbólica das identidades dos grupos humanos” (CRUCES, 1998, p. 85). Nesse sentido, a identidade dos indivíduos é construída a partir de sua memória e esta, por sua vez, se constrói ao longo da história, à medida que o homem preserva hábitos, costumes, tradições e construções que, com o passar dos anos, se tornam seus patrimônios.

Ferreira (2006, p. 79) afirma que “o patrimônio pode ser compreendido como esse esforço constante de resguardar o passado no futuro; e para que exista patrimônio é necessário que ele seja reconhecido”, pois, a partir do momento em que a sociedade passa a reconhecer algo como seu, lhe é conferido valor no âmbito das relações sociais e simbólicas. O fato é que todas as cidades possuem patrimônios que refletem a sua identidade, assim como acontece em Luziânia/GO, para Françoise Choay (2006, p. 11) a expressão patrimônio cultural significa:

Um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituídos pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos.

Enfim, tudo aquilo que possui valor simbólico para uma comunidade.

Ferreira (2006, p. 79) também afirma que “a palavra patrimônio, bem como memória, compõe um léxico contemporâneo de expressões cuja característica

principal é a multiplicidade de sentidos e definições que a elas podem se atribuídos”. Aquilo que se torna patrimônio para um povo mantém uma ligação direta com a sua história e a sua cultura, como acontece em relação aos patrimônios de Luziânia/GO, além de estes patrimônios participarem também como um bem para o consumo visual.

Pode-se afirmar, de acordo com Barretto (2000, p. 11) que a noção de patrimônio cultural é bastante ampla:

Atualmente, há consenso de que a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, que inclui não apenas os bens tangíveis como também os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos.

Neste sentido, Luziânia engloba um conjunto de patrimônios culturais, tangíveis e intangíveis, que representam essa luta de classes sociais, expressos tanto por meio das suas manifestações populares, como pela culinária, pelo artesanato, e pelos seus patrimônios materiais, que traduzem a miscigenação da sua construção histórica e que servem como instrumentos para o desenvolvimento do turismo.

Tudo aquilo que possui um significado especial e histórico para uma comunidade pode ser tornar seu patrimônio. Américo Pellegrini Filho (1993, p. 92) observa que o significado de patrimônio cultural é algo muito mais amplo, incluindo-se nele “outros produtos do sentir, do pensar e do agir humano, como peças de valor etnológico, arquivos, coleções bibliográficas, desenhos artístico ou científico, e peças arqueológicas, de um povo ou de uma época”.

Para Fonseca (2009, p. 21):

Patrimônio é tudo que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares, enfim, tudo que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia.

Não se pode limitar a ideia de patrimônio ao conjunto de bens materiais, mas tudo aquilo que é considerado valioso para um determinado grupo, mesmo que não possua valor de mercado. Assim, as festas de Nossa Senhora do Rosário e do Divino Espírito Santo são consideradas festas tradicionais e históricas de Luziânia,

que possuem o poder de reunir em um único momento outras tradições culturais, como a dança, as comidas, as músicas, e os folguedos, ocupando e apropriando-se dos patrimônios materiais e resgatando a memória e a identidade da cidade.

Por muito tempo as políticas públicas brasileiras se concentraram apenas na preservação do patrimônio edificado, especialmente nas regiões Nordeste e Sudeste. Somente após os anos 80 as outras regiões passaram a ser vistas. Em razão da promulgação da Constituição Federal de 1988, que em seus artigos 215 e 216 refere-se às responsabilidades do Poder Público com a colaboração da comunidade na promoção e proteção do patrimônio cultural brasileiro, compreendido como os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN surgiu como um dos primeiros órgãos a promover ações de preservação do patrimônio histórico brasileiro. Para o IPHAN (2007) um dos objetivos da preservação do patrimônio cultural é corroborar a ideia de que os indivíduos pertencem a uma sociedade, contribuindo, assim, para o exercício da cidadania, algo que necessita ser revisto com a comunidade de Luziânia, que não consegue reconhecer o valor do seu próprio patrimônio. Fonseca (2009, p. 77) confirma que “é fundamental que se formulem e se implementem políticas que tenham como finalidade enriquecer a relação da sociedade com seus bens culturais, sem que se perca de vista os valores que justificam a preservação”.

Cada local tem seus próprios patrimônios e isso é o que os torna únicos. Ao buscar por novos destinos o viajante faz uma busca em si mesmo, ele quer confirmar a ideia já construída que se tem dos lugares. Assim, Michel Onfray (2009, p. 55) afirma que a viagem tem uma relação muito íntima com o eu, “um dos riscos da viagem consiste em partir para verificar por si mesmo o quanto o país visitado corresponde à ideia que se faz dele”.

A preservação dos patrimônios, dos costumes e das tradições de cada povo é muito importante para uma melhor compreensão da sua identidade, assim como nos ensina Stuart Hall (2006, p. 47) ao dizer que “no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de

identidade cultural”, logo, os bens e objetos de uma família são instrumentos que refletem a sua identidade, como José Reginaldo Gonçalves (1989, p. 267) enfatiza:

Assim como a identidade de um indivíduo ou de uma família pode ser definida pela posse de objetos que foram herdados e que permanecem na família por várias gerações, também a identidade de uma nação pode ser definida pelos seus monumentos – aquele conjunto de bens culturais associados ao passado nacional. Esses bens constituem um tipo especial de propriedade: a eles se atribui a capacidade de evocar o passado, presente e futuro. Em outras palavras, eles garantem a continuidade da nação no tempo.

Para Hall (2006, p. 38) “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Ou seja, a identidade é constantemente construída, dependendo do meio ambiente em que vivemos o que torna possível que a sociedade se identifique com a cultura e a história herdada e procure preservá-la para as gerações futuras. É muito importante a preservação dos patrimônios culturais não só como forma de conservar o passado, mas como uma maneira de integração comunitária e preservação da cultura, que está em toda a parte na vida em sociedade.

#### 1.2.1. O Patrimônio Imaterial

O interesse pelos bens culturais brasileiros intangíveis vem desde os anos 20, quando o escritor e ilustre representante da cultura brasileira, Mário de Andrade, realizou viagens pelo país em busca de manifestações que representassem o modo de ser, agir e de se comportar do povo brasileiro. Ele seria, então, o pioneiro nos estudos do que viria a ser considerado o “patrimônio cultural imaterial”, além de um dos criadores do órgão governamental responsável pela proteção do patrimônio cultural – IPHAN, em 1937.

Tal influência pode ser demonstrada em relatório do IPHAN:

O objetivo da iniciativa foi ampliar o raio de proteção, preservação e valorização dos bens simbólicos de nosso povo – uma ideia que, na verdade, já havia sido sugerida por Mário de Andrade, [...], no contexto do nascimento do Iphan, quando a consciência da preservação da memória nacional começou a se enraizar na sociedade brasileira (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2006, p. 7).

Há muitos anos já vem sendo discutidos os conceitos de patrimônio e a sua classificação em tangível e intangível ou material e imaterial. Como afirma Gonçalves (2009, p. 28), “opondo-se ao chamado ‘patrimônio de pedra e cal’, [...] visa a aspectos da vida social e cultural, dificilmente abrangidos pelas concepções mais tradicionais”. Veloso (2004, p.31) diz que “a discussão sobre o patrimônio cultural imaterial remete à temática dos valores, enraizados em práticas sociais e práticas discursivas específicas”, ela conclui dizendo que o patrimônio imaterial pode ser compreendido como as representações culturais de um grupo social.

A Constituição Federal da República de 1988, no art. 216, já tratava dessa classificação e, alguns anos depois, na recomendação da UNESCO<sup>7</sup> (1993, apud ABREU, 2009, p. 83), o patrimônio cultural imaterial ou intangível foi definido como:

O conjunto das manifestações culturais, tradicionais e populares, ou seja, as criações coletivas, emanadas de uma comunidade, fundadas sobre a tradição. Elas são transmitidas oral e gestualmente, e modificadas através de tempo por um processo de recriação coletiva. Integram esta modalidade de patrimônio as línguas, as tradições orais, os costumes, a música, a dança, os ritos, os festivais, a medicina tradicional, as artes da mesa e o “saber-fazer” dos artesanatos e das arquiteturas tradicionais.

O IPHAN<sup>8</sup> definiu os bens culturais de natureza imaterial como àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).

Consideramos que Luziânia possui ricos patrimônios imateriais que são menosprezados, não somente pelos gestores públicos e privados, mas também pela própria comunidade.

Devem-se reconhecer as especificidades que o patrimônio intangível tem em relação ao tangível. O IPHAN e o Ministério da Cultura já afirmaram que essa distinção se faz necessária ao tratarmos da preservação patrimonial, ressaltando que não há dúvidas de que as expressões do patrimônio imaterial, apesar de estarem intrinsecamente vinculadas a uma cultura material, não vem sendo reconhecidas oficialmente como patrimônio nacional.

---

<sup>7</sup> UNESCO. Material de divulgação do sistema de tesouros humanos vivos, 142ª reunião do conselho executivo. Paris, 1993. Mimeo.

<sup>8</sup> Fonte: Patrimônio Imaterial. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginalphan>> Acesso em 19 set, 2011.

No ano 2000, por meio do Decreto-Lei nº 3.551<sup>9</sup> foi instituído o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e, a partir daí, foram registrados os patrimônios imateriais no país, criando-se o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial em quatro livros:

1º – Livro de Registro dos Saberes: com os conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

2º – Livro de Registro das Celebrações: com os rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

3º – Livro de Registro das Formas de Expressão: com as manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

4º – Livro de Registro dos Lugares: com os mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Em Luziânia, os livros com os registros dos patrimônios imateriais da cidade se encontram na Casa da Cultura Rui Carneiro. Porém, dos quatro livros existentes, dois deles ainda estão em branco, aguardando que seus patrimônios de natureza imaterial sejam reconhecidos e registrados pelo Conselho Municipal de Cultura, órgão responsável pelo registro no município. Gonçalves (2004, p. 4) afirma que “[...] é possível, sim, preservar, por meio do registro e acompanhamento, lugares, objetos, festas, conhecimentos culinários, etc.”.

---

<sup>9</sup> Fonte: Decreto-Lei nº 3551, de 4 de agosto de 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D3551.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm)> Acesso em 27 jun, 2013.



Figura 1 – Capa do Livro de Registro dos Saberes de Luziânia na Casa da Cultura Rui Carneiro  
Fonte: Autoria própria, 2014.



Figura 2 – Capa do Livro de Registro das Formas de Expressão de Luziânia na Casa da Cultura Rui Carneiro  
Fonte: Autoria própria, 2014.

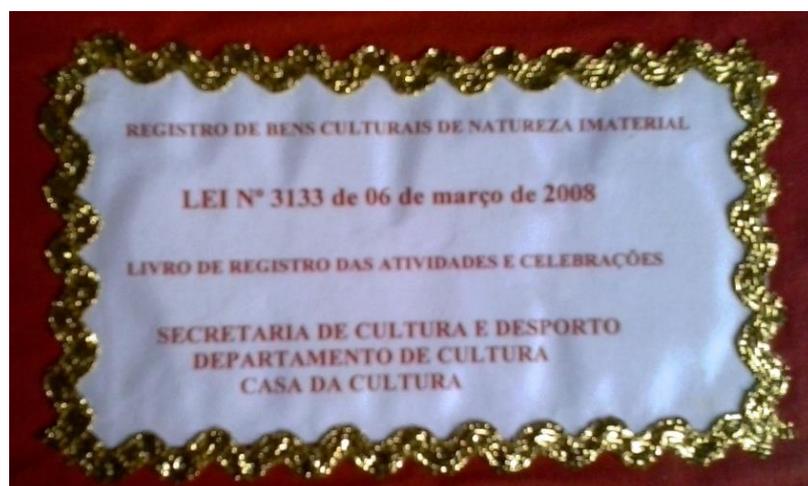


Figura 3 – Capa do Livro de Registro das Atividades e Celebrações de Luziânia na Casa da Cultura Rui Carneiro  
Fonte: Autoria própria, 2014.

Atualmente, no Livro dos Saberes estão registrados todos os ingredientes e o processo de fabricação da tradicional marmelada de Santa Luzia. Já no Livro das Atividades e Celebrações, está registrada a festa cultural e religiosa do Divino Espírito Santo, com um resumo da sua história, ritos, símbolos e tradições. A festa dedicada exclusivamente a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que acontece em outubro, até o momento não foi registrada como patrimônio imaterial no livro do tomo da cidade, mesmo contando com a proteção espontânea da comunidade.

O poder público ainda ignora o seu registro, assim como também ignora tantos outros bens intangíveis da cidade, que continuam esquecidos pelos órgãos responsáveis. Fonseca (2009, p. 67) explica que “mesmo quando a iniciativa parte do Estado, esses valores precisam ser aceitos e constantemente reiterados pela sociedade, a partir de critérios que variam no tempo e no espaço”. A autora conclui que instrumentos legais, como o tombamento, não são suficientes para garantir que um bem cumpra efetivamente o seu papel de patrimônio cultural em uma sociedade. (FONSECA, 2009).

Aos registrar estes bens a intenção foi de que eles passassem a ser mais valorizados por todos (organizações públicas, privadas e a própria comunidade), de forma a viabilizar a realização de projetos, parcerias, contribuir com pesquisas, manter vivas tradições importantes para a história das comunidades, e reconhecer a vulnerabilidade que estas tradições possuem, pelo fato de estarem frequentemente em mudança.

Roque de Barros Laraia (2004) afirma que o lado positivo do registro é justamente o reconhecimento por parte do Estado e a sua valorização como referência de identidade. Porém, deve-se ter em mente que, embora seja importante o registro governamental, existem outras formas de proteção e manutenção desses patrimônios. Fonseca (2009, p. 67) afirma que a proteção deve ir além:

É necessário que a ação de “proteger” seja precedida pelas ações de “identificar” e “documentar” – bases para a seleção do que deve ser protegido -, seguidas pelas ações de “promover” e “difundir”, que viabilizam a reapropriação simbólica e, em alguns casos, econômica e fundacional dos bens preservados.

Desta forma, todo o conjunto de festas tradicionais e populares, com suas músicas, danças, tradições, culinária e performances específicas fazem parte da

cultura e do patrimônio imaterial das localidades, do mesmo modo que as festas do Divino e do Rosário, que acontecem anualmente em Luziânia/GO, com todas as suas músicas, encenações, performances e ritos, para Schechner (apud TEIXEIRA, 2011) as performances tem entre suas funções reforçar a identidade social de um grupo social ou de uma sociedade específicos. Vianna e Teixeira (2008, p. 2) nos explicam o conceito de performance como:

Em sendo um conceito elástico, ele se refere a um sentido relativo ao acontecimento, ao ato deliberado de vivenciar e comunicar, ao aqui e agora das ações humanas, com toda a sua carga expressiva e singular de identidades, o que é, em última instância, o lócus por excelência dessas políticas: o acontecimento do fato cultural.

Por isso, neste trabalho foram escolhidas as celebrações religiosas de Luziânia que, além de serem partes integrantes do patrimônio cultural imaterial, possuem uma história e uma tradição de grande expressividade para a comunidade pois, além de serem referências culturais importantes de reafirmação da identidade do povo luzianiense, são também potenciais para o desenvolvimento do turismo no município. Assim como afirma Fonseca (2009, p. 72) essas manifestações, com valor de patrimônio cultural, contribuem “para que a inserção, em novos sistemas, como o mercado de bens culturais e do turismo [...] possa ocorrer sem o comprometimento de sua continuidade histórica”.

Em 2003, foi redigido pela UNESCO um documento<sup>10</sup> com recomendações para a salvaguarda do patrimônio imaterial, indicando como identificar, preservar e disseminar esse tipo de patrimônio. O documento reconhece a profunda interdependência que existe entre o imaterial e o material, fala sobre a influência que os processos de globalização e transformação social criam, aumentando os riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio imaterial e cita também a importância das comunidades (especialmente as indígenas) na disseminação do patrimônio cultural imaterial.

A UNESCO, ao elaborar este documento, observou seu poder de alcance como órgão de proteção patrimonial. Verificou que até o momento não havia nenhum instrumento multilateral de caráter vinculante que garantisse a salvaguarda deste patrimônio. Considerou a necessidade de conscientização das futuras

---

<sup>10</sup> UNESCO. Recomendação de Paris – Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris, 2003.

gerações sobre a importância do patrimônio imaterial e citou, também, a relevância dos organismos internacionais em colaborarem neste processo de proteção. Por fim, destacou a vital função que cumpre o patrimônio cultural imaterial na aproximação, no intercâmbio e no entendimento entre os seres humanos. A Convenção da UNESCO (2003) formulou a seguinte definição de patrimônio cultural imaterial:

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza, e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2003, p. 2-3).

Algumas medidas são fundamentais para garantir que as gerações futuras possam vivenciar a experiência que vem contida nos patrimônios imateriais. Assim, a UNESCO (2003) estabeleceu alguns fatores que devem ser observados por parte dos gestores públicos para salvaguardar o patrimônio imaterial. Entre as medidas está a designação ou criação de órgãos para desenvolverem políticas e programas de planejamento que visem à promoção e à integração do patrimônio imaterial com a sociedade, além de fomentar pesquisas e projetos científicos, técnicos e artísticos que contribuam para uma salvaguarda eficaz do patrimônio imaterial, principalmente daquele que se encontra ameaçado.

O patrimônio imaterial de Luziânia está presente em várias manifestações como na culinária, na música, nas artes, em suas festas, entre outros. Estes patrimônios podem ser encarados como algo capaz de agregar valores a outros patrimônios, como o centro histórico, a Casa da Cultura Rui Carneiro e as igrejas históricas, além de oferecerem uma possibilidade de preservação desta parte intangível. Assim, se constituem como objeto de análise desta pesquisa a cidade de Luziânia/GO e as principais festas históricas, tradicionais, culturais e religiosas do município, sendo a primeira a Festa do Divino Espírito Santo e a segunda a Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

### 1.3. O Turismo

O turismo sempre foi visto como uma atividade multidisciplinar, o que dificulta uma definição mais clara do seu conceito. Assim, uma reflexão histórica se faz importante para a compreensão da evolução da atividade turística e a compreensão do turismo como uma área de estudo. De acordo com Moesch (2004, p. 17), “o primeiro registro da palavra turismo remonta-se a 1800 e está no Pequeno Dicionário de Inglês Oxford: Turismo: A teoria e a prática de viajar, deslocar-se por prazer. Uso, depredação”.

De acordo com Moesch (2004), a etimologia da palavra turismo vem sendo discutida por Fuster desde os anos 70. Ela deriva do latim *tornus* = o que dá volta e *tornare* = dar voltas ou girar, o sufixo - *ismo* se refere à ação realizada por um grupo de pessoas. Sendo assim, considerando Tour + Ismo, pode-se dizer que, etimologicamente, o turismo consiste no ato da pessoa deixar seu domicílio atual com a intenção de regressar.

Ainda segundo Moesch (2004) o termo *Torn*, presente na raiz de Turismo, era utilizado já no século XII para designar as viagens que os camponeses realizavam com o objetivo de descansar e em meados do século XVIII os nobres ingleses o utilizavam para denominar as viagens que realizavam em busca de educação e cultura.

Segundo Barretto<sup>11</sup> (1995, apud VASCONCELOS, 2005, p. 159), “em 1992, Oscar de La Torre elaborou uma definição que foi adotada pela Organização Mundial do Turismo – OMT: ‘Soma das relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais’”. Atualmente o turismo é visto como um fenômeno econômico, social, humano e cultural que aproxima pessoas, lugares e cria novas relações.

Lucrecia D’Alessio Ferrara (1996, p. 20) explica que “[...] enquanto prática institucional e organizada, o turismo se inicia no séc. XIX opondo a cidade ao campo e apontando-o como local que favorecia a permanência para fins recreativos [...]”. É uma atividade que possui grande influência na conservação, desenvolvimento e preservação dos patrimônios históricos das cidades e possui uma íntima relação

---

<sup>11</sup> BARRETTO, M. Manual de Iniciação ao estudo do turismo. Campinas, SP: Papirus, 1995.

com a cultura. Assim, se buscou nesta pesquisa evidenciar os aspectos positivos e negativos das festas tradicionais de Luziânia, na ascensão do turismo da cidade.

O mexicano Oscar de La Torre<sup>12</sup> definiu turismo como sendo um fenômeno social que gera múltiplas interrelações, dentre elas a econômica e a cultural.

O turismo é um fenômeno social, que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente, por motivo de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas interrelações de importância social, econômica e cultural. (DE LA TORRE, 1992, apud MOESCH, 2004, p. 28).

Para Adyr Rodrigues (1996) o turismo tem destaque na economia mundial, tendo em vista ser terceiro lugar entre os produtos geradores de riqueza, perdendo somente para a indústria de armamentos e petróleo. Para o Ministro e Presidente do Conselho Nacional de Turismo - CNT, Luiz Eduardo P. Barretto Filho<sup>13</sup>, “o turismo vem apresentando resultados positivos nos últimos anos e a atividade se consolidando no País como um importante vetor de desenvolvimento socioeconômico”.

De acordo com Martin-Fugier (1991), o turismo supõe atividade organizada e afirma ainda que “o turista viaja por curiosidade ou ociosidade” (MARTIN-FUGIER, 1991, p. 231).

Na realidade, o turismo é uma atividade capaz de promover uma nova perspectiva de desenvolvimento social e econômico em várias localidades, oferecendo possibilidades de revitalização dos patrimônios históricos e arquitetônicos; justamente como necessita o município de Luziânia, objeto desse estudo, que não trata os seus patrimônios com o devido valor. Everaldo Costa (2011) afirma que o público, hoje, interessa-se pelas paisagens históricas na medida em que elas são consideradas um dos fundamentos da construção da identidade.

Assim, o turismo pode contribuir tanto para a preservação e desenvolvimento de um município no que diz respeito ao patrimônio material e imaterial, quanto para a destruição deles. Logo, esse trabalho teve a preocupação de avaliar os patrimônios imateriais, mais especificamente as festas, procurando

---

<sup>12</sup> O. de la Torre Padilla. El turismo: fenómeno social. México: Fondo de Cultura Económica. 1992.

<sup>13</sup> Fonte: Turismo no Brasil, 2011-2014. Disponível em: < [http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_no\\_Brasil\\_2011\\_-\\_2014\\_se\\_m\\_margem\\_corte.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_no_Brasil_2011_-_2014_se_m_margem_corte.pdf) > Acesso em 27 jun, 2013.

entender a relação existente entre o conjunto de patrimônios materiais que giram em torno delas, além da relação destes com o desenvolvimento turístico.

O turismo é uma atividade que possui a capacidade de exaltar o desenvolvimento das sociedades em várias áreas, como a econômica, a social, a política e a cultural. Nas últimas décadas tem se destacado como uma das mais importantes atividades econômicas em todo o mundo, afirmando-se como fonte geradora de serviços, produtos, emprego e renda.

Assim, pode-se dizer que o turismo é um fenômeno contemporâneo e de natureza complexa, cuja importância atualmente compreende os setores econômico, social e político e, deste modo, pode ser planejado na cidade de Luziânia para o desenvolvimento de todos esses aspectos, já que o que se percebe nos últimos tempos é um total descuido e despreparo por parte dos gestores, públicos e privados, quanto ao planejamento territorial das cidades.

Cruz (2000, p. 17) comenta que “[...] uma dessas especificidades diz respeito ao fato de o principal objeto de consumo do turismo ser o espaço [...]”. Desta forma constata-se a necessidade de um planejamento perante a competitividade do turismo:

[...] a intervenção do planejamento territorial na configuração dos lugares turísticos resulta da necessária racionalidade imposta pelo mercado bem como da competitividade espacial entre lugares, característica da atualidade [...]. A racionalidade e competitividade, que afetam a organização de todos os setores produtivos, como forma de adequação e sobrevivência a um mercado globalizado fazem do planejamento territorial uma condição de sucesso de planos e políticas setoriais (CRUZ, 2000, p. 22).

O município de Luziânia apresenta-se como um local carente de um planejamento turístico, embora possua potencialidades turísticas, principalmente se virmos o turismo como um setor complexo. Tânia Lópes (2001) explica que o turismo é um setor múltiplo, capaz de integrar várias áreas de interesse de uma localidade, logo, não deve ser pensado apenas como uma atividade de lazer, educação e economia, mas como um fato social que engloba todas as esferas da vida social. É possível perceber esta fala de Lópes nas festas tradicionais de Luziânia, já que o turismo integra-se ao campo social por excelência e tem capacidade para reunir diversos setores de desenvolvimento.

Com o passar dos anos o turismo vem se segmentando em vários tipos e modalidades, como ecológico, social, de eventos, para a terceira idade, científico,

cultural, entre outros. São inúmeros os motivos que levam as pessoas a se deslocarem.

Para Ferrara (1996, p. 19) “o turismo é o campo do deslocamento no tempo e se faz visível por meio dos signos que o representam” e, segundo Andrade (2004):

[...] embora todas as viagens importem em deslocamento físico e espacial e revertam em gastos e lucros, o fenômeno turismo, em sua concepção ideal e pura, é um deslocamento realizado por prazer a locais que despertem algum tipo de interesse objetivo ou subjetivo (ANDRADE, 2004, p. 18).

### 1.3.1. A Sustentabilidade Turística e Cultural

Todos os fatores que integram as relações sociais, culturais e ambientais fazem parte do objeto de estudo da sustentabilidade turística. Foi a partir dos anos 70 que houve uma maior preocupação em relação aos processos sociais e culturais, além dos impactos ambientais resultantes do desenvolvimento do turismo. (JAFARI, 1994). Em Luziânia, o que se observa, é que não há uma maior preocupação, por parte dos governadores, que integre fatores culturais, ambientais e econômicos. Marutschka Martini Moesch (2004) afirma que a adequada compreensão do turismo pressupõe que o mesmo é capaz de gerar efeitos positivos e negativos para as regiões que abrigam suas atividades.

A partir deste entendimento, devemos encarar o turismo sob todos os pontos de vista que envolvem essa atividade. Logo, turistas, moradores, órgãos públicos, empresas, planejadores e gestores turísticos devem trabalhar juntos, contribuindo e incentivando o desenvolvimento de um turismo sustentável, do mesmo modo como orienta a OMT<sup>14</sup> ao dizer que planejadores, empreendedores, e principalmente os gestores públicos envolvidos no desenvolvimento turístico devem incentivar e apoiar um envolvimento maior da sociedade por meio da construção de consensos. Ou seja, no planejamento, no monitoramento, na implementação e na avaliação dos projetos e programas da política de turismo.

---

<sup>14</sup> Fonte: Programa de Regionalização do Turismo – Roteiro do Brasil. Conteúdo Fundamental – Turismo e Sustentabilidade. Disponível em: < [http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/conteudo\\_fundamental\\_turismo\\_e\\_sustentabilidade.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/conteudo_fundamental_turismo_e_sustentabilidade.pdf) > Acesso em 27 de junho de 2013.

Assim, ao tratar das festas religiosas no desenvolvimento turístico de Luziânia, busca-se exatamente por esse tipo de sustentabilidade turística e cultural. O turismo sustentável pode ser encarado de diversas maneiras. Mário Beni (1998) define os enfoques econômico e ecológico como principais, de maneira que um visa apenas o financeiro, e o outro está focado na preservação das áreas naturais. O autor ainda cita que o desenvolvimento econômico ecologicamente sustentável, que demonstra uma sustentabilidade capaz de unir o ser humano com o meio ambiente em sua totalidade e, deste modo, consegue englobar os sistemas culturais, sociais e econômicos numa mesma perspectiva.

Este tipo de desenvolvimento é exatamente uma das necessidades de Luziânia, que tem dificuldades em agregar o seu potencial natural e cultural, de forma positiva para o desenvolvimento econômico e social do município. De acordo com a OMT (1999) o turismo sustentável é o que relaciona as necessidades dos turistas e das regiões receptoras, protegendo e fortalecendo oportunidades para o futuro.

Neste sentido, Luziânia surge como uma cidade em que grande parte do seu patrimônio histórico-cultural, tangível e intangível, está em estado de abandono, deixando que se perca no tempo algo que pode significar um potencial para o desenvolvimento turístico da cidade, além da importância histórica que estes patrimônios possuem para que as gerações futuras conheçam a sua história.

Para que o desenvolvimento da atividade turística seja satisfatório é fundamental um planejamento aprofundado de todos os aspectos que envolvem a sua ascensão, de forma a minimizar os impactos negativos e priorizar os positivos, fazendo com que a comunidade possa se sentir favorecida pelo turismo, já que a falta deste planejamento tende a criar uma relação de atrito entre turistas e autóctones, assim como nos explica Collin Michael Hall (2004) ao tratar da importância deste planejamento:

Embora o planejamento não seja uma panaceia para todos os males, quando totalmente voltado para processos ele pode minimizar impactos potencialmente negativos, maximizar retornos econômicos nos destinos e, dessa forma, estimular uma resposta mais positiva por parte da comunidade hospedeira em relação ao turismo no longo prazo (HALL, 2004, p. 29).

Alguns autores veem o turismo sustentável como um tipo de turismo que tem um olhar diferenciado em relação ao envolvimento da comunidade. Ruschmann

(1997) afirma que este tipo de turismo, que pode ser definido como um modelo de gerenciamento da atividade que realça a defesa dos aspectos naturais e culturais do núcleo receptor, de maneira que se evite a deterioração dos atrativos e se estimule a economia local de maneira consensual e atendendo às demandas das comunidades. Dessa forma, uma das preocupações em tela é mostrar que as festas religiosas, tradicionais e culturais de Luziânia possuem potencial para estimular a economia local e envolver a comunidade, com o intuito de alavancar um turismo sustentável para esta região.

A sustentabilidade turística deve atentar-se para que a relação turista *versus* comunidade seja a mais harmoniosa possível. As festas religiosas são momentos em que a participação da comunidade se faz muito importante, tanto na organização da festa, quanto na celebração, pois são manifestações de experiências religiosas, de alegria, e também é um momento em que se é possível compartilhar com os visitantes um pouco de sua história. Essa relação entre autóctones e visitantes deve causar o mínimo de impacto negativo sob esta comunidade, reconhecendo seu valor nos processos participativos, visto que isso é fundamental para o desenvolvimento de um turismo com foco na preservação da cultura e da identidade.

Ao longo de toda história registrada, de certa forma o Turismo teve um impacto sobre tudo e todos os que tiveram em contato com ele. Num plano ideal, esses impactos deveriam ter sido positivos, no tocante aos benefícios obtidos tanto pelas áreas de destino quanto por seus residentes. Esses impactos positivos significariam para o local resultados tais como melhoria nas condições econômicas, uma promoção social e cultural e a proteção dos recursos ambientais. Teoricamente, os benefícios do Turismo deveriam produzir ganhos muito superiores aos seus custos. (THEOBALD, 2002, p. 81).

Logo, se planejado, o turismo traz benefícios para as cidades e para os seus residentes, como vantagens econômicas, sociais, ambientais e culturais. Vale ressaltar que o estudo em Luziânia levou em consideração a importância da sustentabilidade na produção social e espacial onde se insere a atividade turística, já que isso é fundamental a sua compreensão.

Pressupõe-se que a sustentabilidade é um elemento intrínseco à organização da atividade turística e indispensável para o planejamento das festividades que integram o patrimônio imaterial de Luziânia, acreditando que esse processo sustentável de desenvolvimento é a base para a ascensão e manutenção do turismo local e valorização dos patrimônios.

### 1.3.2. O Turismo Cultural

O turismo cultural pode ser entendido como a atividade turística cujo centro não é a natureza, mas alguma manifestação da cultura. Margarita Barretto (2000) afirma que esse tipo de turismo vinculado à procura por lugares históricos, ligados tanto à história local, quanto a história política e social mais ampla, é verificado com maior frequência nos últimos tempos. Assim, Luziânia que é uma cidade histórica, reúne diversos fatores com potencial para alavancar esse tipo de turismo.

Para Funari e Pinsky (2003, p. 7) “todo turismo é cultural”. Essa modalidade de turismo vem sendo debatida na literatura a partir da década de oitenta, surgindo vários conceitos na tentativa de defini-lo (KÖHLER E DURAND, 2007).

O documento “Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Cultural”, do Ministério do Turismo conceituou o turismo cultural como “a vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (BRASIL, 2008, p. 8). Desta forma a Festa do Divino Espírito Santo e a Festa do Rosário e São Benedito fazem parte do patrimônio imaterial de Luziânia, com potencial para a ascensão de um turismo cultural na cidade.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e o desenvolvimento dos meios de transporte, difundiu-se o chamado turismo de massa que, de acordo com Moesch (2002, p. 133), pode ser entendido como “um turismo que destrói o meio-ambiente, contribui para o desaparecimento dos usos e costumes locais e favorece a difusão da drogadição e prostituição, impedindo o desenvolvimento e o progresso dos povos”.

Já o turista cultural é percebido como um visitante que, além da experiência, tem a preocupação com as consequências da sua viagem, para Brian Goodey (2002, p. 135) o turismo cultural “pressupõe um público educado e informado que compartilha com os órgãos de patrimônio uma definição sobre o que constitui lugares, eventos e coleções corretas” ou, como coloca Beni (2004, apud CARVALHO, 2011, p. 157) o turismo cultural “diferencia-se das formas tradicionais de turismo por ser caracterizado por um público consumidor mais sensível aos impactos resultantes de sua visita aos destinos”.

No documento “Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Cultural” (BRASIL, 2008) há a afirmação de que a vivência histórica das comunidades, ao ser

valorizada pelo turismo, enriquece a experiência do turista e reforça o sentimento de pertença local. Assim, o perfil do visitante predisposto a este tipo de viagem é traçado pelo Ministério do Turismo como:

O turista cultural valoriza a cultura em toda a sua complexidade e particularidade, movimentando-se em busca de ícones que representem a identidade local e a memória coletiva. Ambos os conceitos remetem a um conjunto de experiências, fatos históricos e elementos culturais comuns a um grupo ou comunidade, e que podem ser representados pelos bens culturais materiais e imateriais que compõem o patrimônio (BRASIL, 2008, p. 17).

O turismo cultural contribui para o desenvolvimento das regiões e para a preservação da memória e da identidade. Na visão de Sonia Maria de Mattos Lucas<sup>15</sup> (2003, apud MENEZES, 2008, p. 1) este tipo de turismo “tem sido encarado como elemento importante para o desenvolvimento de uma região e têm contribuído para promover o envolvimento das comunidades com sua história, seus atrativos culturais e sua memória social”.

Em Luziânia, durante a realização dessas festas religiosas, culturais e tradicionais da cidade, vários integrantes da comunidade participam de todo o processo de preparação, como o planejamento e a organização das festividades. Nesses momentos há uma ressignificação da cidade em que se retomam alguns aspectos importantes de sua história e trazem uma nova mobilidade social e econômica para diversos setores.

Existem inúmeros motivos que levam as pessoas a praticar o turismo, as celebrações religiosas e populares, a culinária, os artesanatos, as paisagens, entre outros patrimônios tangíveis e intangíveis, que auxiliam na formulação de um turismo baseado nos valores culturais e no resgate histórico. E é exatamente dessa forma que necessita ser trabalhado em Luziânia para o seu crescimento e desenvolvimento turístico, já que o município tem potencial para alavancar um turismo cultural, porém, não vem sendo tratado de forma correta por conta do descaso governamental e desinteresse da própria comunidade em dar valor àquilo que é seu.

De acordo com Pires (2001):

---

<sup>15</sup> LUCAS, S. M. M. **Vale a Pena Preservar**. Turismo Cultural e Desenvolvimento Sustentável. 2003.

“[...] pode o forasteiro não ter visitado o museu, nem ruínas ou casarões históricos, mas ter provado a culinária local, ter se informado dos costumes e das crenças dos habitantes. Nesse sentido, praticou também turismo cultural, ao lado de outros tipos de deslocamentos turísticos” (PIRES, 2001, p. 67).

Logo, vivenciar nos espaços históricos das cidades, remete à sensação de viver aquilo que os antepassados viveram, assim como participar das festas históricas.

Anderson Pereira Portuguesez (2004, p.3) afirma que “pensar o espaço turístico a partir das formas arquitetônicas antigas, significa um esforço de interpretação do mundo vivido pelos grupos sociais que antecederam a vida moderna, o que desperta o interesse e a curiosidade dos turistas”. Assim, torna-se importante essa interação do visitante com a cultura local, o que fundamenta o turismo cultural, como explica Marina Aguiar e Reinaldo Dias (2002):

[...] uma atividade de lazer educacional que contribui para aumentar a consciência do visitante e sua apreciação da cultura local em todos os seus aspectos – históricos, artísticos, etc. Além disso, é uma forma de Turismo que, entre outros objetivos, envolve a apreciação de monumentos e sítios históricos, contribuindo dessa forma para a manutenção e proteção do patrimônio cultural e natural da humanidade (AGUIAR E DIAS, 2002, p.133).

A atividade turística deve ter a preocupação de se implantar nas comunidades sem influenciar a cultura local, mas agindo como forma de resgate e preservação das manifestações culturais, não se permitindo que o movimento de pessoas e os interesses econômicos descaracterizem os patrimônios, pois, como nos coloca Murta (2002, p. 140) essa visão apenas das questões de mercado “podem transformar os locais turísticos em meros cenários e as comunidades em museus performáticos de práticas patrimoniais”.

Logo, o município de Luziânia deve ter a preocupação em realizar um planejamento que vise à cidade como um todo, para assim ser possível o desenvolvimento de um turismo cultural e sustentável na cidade.

Entende-se que esta sustentabilidade pode atuar diretamente na preservação das manifestações culturais, e isso pode ser percebido ao se analisar estas manifestações em Luziânia, pois são reflexos para o reconhecimento da identidade local.

Homi Bhabha diz que:

O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição “recebida”. (BHABHA, 1998, p. 21)

Por isso, o turismo cultural de Luziânia deve se apropriar dessas tradições no seu desenvolvimento turístico e na preservação da sua identidade.

O turismo cultural pode ser dividido em diversas segmentações. O Ministério do Turismo (BRASIL, 2010) explica que existem inúmeras formas de expressão da cultura, com interesses e motivação específicos, mas que ainda assim, se encaixam como turismo cultural. Algumas expressões da cultura brasileira que possuem maior representação turística são:

- 1- Turismo Cívico;
- 2- Turismo Religioso;
- 3- Turismo Místico e Esotérico;
- 4- Turismo Étnico;
- 5- Turismo Cinematográfico;
- 6- Turismo Arqueológico;
- 7- Turismo Gastronômico;
- 8- Enoturismo;
- 9- Turismo Ferroviário;

O Ministério do Turismo (BRASIL, 2010) criou uma tabela com exemplos de serviços e atividades que podem ser realizadas dentro destes segmentos do turismo cultural, para auxiliar tanto na construção de políticas públicas, como na formação de produtos turísticos, mapeando oportunidades de negócios e diversificação de serviços, de forma a tornar os destinos mais competitivos.

Atividade	Descrição
Visitas a comunidades tradicionais e/ou étnicas	Visitas a comunidades tradicionais ou grupos étnicos (comunidades representativas dos processos migratórios europeus e asiáticos, comunidades indígenas, quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores de seu modo de vida, saberes e fazeres), que permite a interação ou acompanhamento de atividades cotidianas ou eventos tradicionais de comunidades locais
Visitas a sítios históricos	Visitas a lugares de interesse histórico-cultural que representam testemunhas do cultural nacional, regional ou local.
Visitas a sítios arqueológicos e/ou paleontológicos	Visitas a sítios arqueológicos e paleontológicos com relevância histórico-cultural.
Visita a lugares místicos e esotéricos	Visitas a espaços e eventos cuja motivação principal seja a busca da espiritualidade e do autoconhecimento em práticas, crenças e rituais considerados alternativos. Ex.: Caminhadas de cunho espiritual e místico, práticas de energização.
Visitas a Espaços e Eventos Religiosos	Visitas a espaços e eventos cuja motivação principal seja a busca espiritual e a prática religiosa relacionadas às religiões institucionalizadas, de origem oriental, afro-brasileiras, espíritas, protestantes, católica. Ex.: Peregrinações e romarias, retiros espirituais, festas e comemorações religiosas, visitação e espaços e edificações religiosas – igrejas, templos, santuários, terreiros – realização de itinerários de cunho religioso, apresentações artísticas de caráter religioso.
Visita a monumentos e celebrações cívicas	Visitas motivadas pelo conhecimento de monumentos, acompanhar ou rememorar fatos, observar ou participar em eventos cívicos, que representem a situação presente ou da memória política e histórica de determinados locais.

Tabela 1 – Exemplos de atividades que podem ser realizadas no âmbito do Turismo Cultural  
Fonte: Ministério do Turismo, 2010.

Nesta pesquisa o aprofundamento foi no turismo religioso, que engloba as viagens que são realizadas tendo como principal motivação a fé religiosa. Assunto que será discutido a seguir.

### 1.3.3. O Turismo Religioso

O turismo religioso está inserido no turismo cultural e, ao longo dos anos, vem se tornando cada vez mais representativo. É um dos segmentos que mais

crece no mundo, principalmente no Brasil, envolvendo toda sua economia, cultura, políticas sociais e ambientais de um destino turístico<sup>16</sup>.

Ele existe desde o início dos séculos. Câmara Neto (2003) afirma que este tipo de turismo começou a ser praticado nos séculos III e IV da Era Cristã, momento em que os fiéis começaram a cultivar o costume de viagens de caráter religioso. De acordo com Andrade (2004, p. 79), “há registro de um roteiro datado do ano 333, com itinerário bem detalhado para as viagens de devotos e fiéis que partiam de Bordéus, na França, rumo a Jerusalém”. A partir daí a atividade só foi evoluindo.

Ele foi definido pelo Ministério do Turismo (BRASIL, 2010, p. 19) como “as atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões, independentemente do credo”. São viagens motivadas pelo interesse cultural ou pela apreciação estética do fenômeno ou do espaço religioso, caracterizadas pelo movimento de pessoas que buscam por:

- Peregrinações e romarias;
- Retiros espirituais;
- Festas, comemorações e apresentações artísticas de caráter religioso;
- Encontros e celebrações relacionados à evangelização de fiéis;
- Visitação a espaços e edificações religiosas (igrejas, templos, santuários, terreiros);
- Realização de itinerários e percurso de cunho religioso e outros.

As pessoas que buscam por esse turismo, com foco no cultural e religioso, procuram não somente pelo prazer do deslocamento, há também uma busca por valores e o desejo de conhecer a si próprio, que é um dos fatores essenciais para estimular as viagens, como afirma Onfray (2009):

“Nós mesmos, eis a grande questão da viagem. Nós mesmos e nada mais. Ou pouco mais. Certamente há muitos pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito, muito hipotético, de nos reencontrarmos ou, quem sabe, de nos encontrarmos. A volta ao planeta nem sempre é suficiente para obter esse encontro. Tampouco uma existência inteira, às vezes. Quantos desvios, e por quantos lugares, antes de nos sabermos em presença do que levanta um pouco o véu do ser!” (ONFRAY, 2009, p. 75).

---

<sup>16</sup> Fonte: Turismo Religioso, a riqueza do Brasil. Disponível: <<http://www.turismoreligioso.org.br/?system=news&action=read&id=219>> Acesso em 20 mar. 2014.

Muitos autores referem-se ao turista religioso como aquele tipo de turista que, no geral, possui características semelhantes aos demais, porém, esse turista tem um objetivo específico: a fé religiosa. Além de conhecer as localidades, ele busca por um conhecimento pessoal, há também uma busca espiritual.

A Conferência Mundial de Roma, que aconteceu em 1960, apresentou o turismo religioso como “[...] uma organização que movimenta inúmeros peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo” (RIBEIRO, 2003, p. 3).

Em Luziânia, este tipo de turismo está ligado à história da sua construção e às suas tradições, que sempre estiveram ligadas à igreja católica e à devoção a santos, como Santa Luzia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

O turismo religioso pode ser entendido como aquela viagem onde o turista obtém novos conhecimentos, através de manifestações religiosas, arquitetura de igrejas e museus sacros<sup>17</sup>. Participar de eventos religiosos e visitar igrejas históricas torna-se, então, uma atração turística.

De acordo com Câmara Neto<sup>18</sup> (2003, apud PEREIRA, SILVA, e PERINOTTO, 2011, p. 371), “na Roma antiga as viagens eram voltadas para o prazer e cultura, e na Idade Média, cidades feudais celebravam festas religiosas, conseguindo atrair peregrinos de várias localidades”.

Mesmo tendo a participação de todas as religiões, como o espiritismo, o candomblé, os adventistas, e outros, o catolicismo ainda movimenta o maior número de pessoas. As visitas ao Vaticano, ao Santuário de Fátima, Jerusalém e o Caminho de Santiago de Compostela, estão entre os destinos mais procurados pelos turistas religiosos.

No Brasil, de acordo com o documento “Roteiros da Fé Católica”, entre os destinos mais visitados estão: o monumento em homenagem a Padre Cícero, no Ceará; o Santuário de Madre Paulina, em Santa Catarina, o Círio de Nazaré, em Belém; e o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo (EMBRATUR, 1999). Porém, em outros estados brasileiros, como Bahia, Minas Gerais, Distrito Federal, Goiás, entre outros, também há grandes movimentos em torno do turismo religioso.

---

<sup>17</sup> Fonte: Turismo Religioso, a riqueza do Brasil. Disponível: <<http://www.turismoreligioso.org.br/?system=news&action=read&id=219>> Acesso em 20 mar. 2014.

<sup>18</sup> CÂMARA NETO, I. A. Religiosidade popular e o catolicismo oficial: o eterno contraponto. In: Revista Ciências Humanas, Universidade de Taubaté/SP, v. 9, n. 1, jan.-jun. 2003.



Figura 4 – Estátua de Padre Cícero  
Fonte: *Blog do Juazeiro*<sup>19</sup>



Figura 5 – Santuário de Santa Paulina  
Fonte: *Site Litoral de Santa Catarina*, 2014<sup>20</sup>



Figura 6 – Círio de Nazaré  
Fonte: *Site do Círio de Nazaré*.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> Fonte: Parabéns Padre Cícero, o Cearense do Século. Disponível em: <<http://blogdojuazeiro.blogspot.com.br/2011/03/parabens-padre-cicero-o-cearense-do.html>> Acesso em 13 mai, 2014.

<sup>20</sup> Fonte: Litoral de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.litoraldesantacatarina.com/galerias-de-fotos/fotos-de-nova-trento/>> Acesso em 13 mai, 2014.

<sup>21</sup> Fonte: Círio de Nazaré – Galeria. Disponível em: <<http://www.ciriodenazare.com.br/galeria/>> Acesso em 17 dez, 2012.

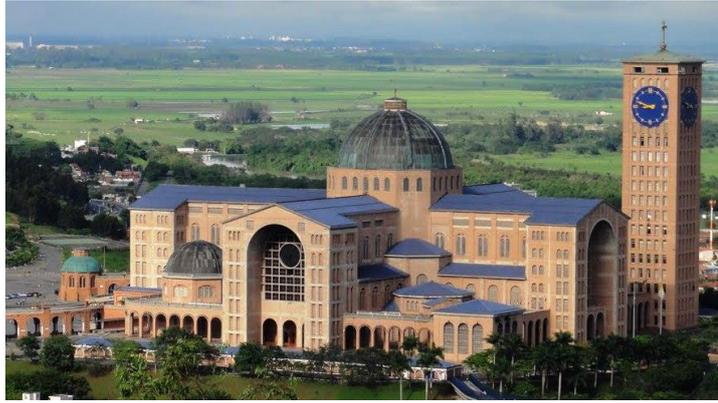


Figura 7 – Santuário de Nossa Senhora Aparecida  
 Fonte: Site Conhecer<sup>22</sup>

Este segmento turístico pode ser compreendido como “[...] o conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões” (ANDRADE, 2004, p. 77).

As pessoas que realizam esse tipo de viagem estão ligadas a algum segmento religioso, e essa é uma das suas maiores motivações, o exercício da fé.

Beni (1997) definiu o turismo religioso como:

Refere-se ao grande deslocamento de peregrinos, portanto, turistas potenciais, que se destinam a centros religiosos, motivados pela fé em distintas crenças. Este tipo de demanda tem características únicas levando, por isso, alguns autores a não considerá-los nos estudos de turismo. Mas, em nosso entendimento, conforme já referido, esses peregrinos assumem um comportamento de consumo turístico, pois utilizam equipamentos e serviços com uma estrutura de gastos semelhantes a dos turistas reais. A variável de permanência, no caso, estará intimamente ligada no tempo da duração das cerimônias, ritos e celebrações religiosas. (BENI, p.431, 1997).

O autor esclarece ainda que os peregrinos, mesmo realizando as suas viagens motivados pela fé, são turistas essencialmente, pois utilizam todos os equipamentos e serviços necessários aos turistas. O prazo que ficam na cidade, varia de acordo com a duração das celebrações.

Sobre a hospedagem em Luziânia, a grande maioria se acomoda em casas de parentes e familiares, fator este que favorece a experiência cultural, pois como nos explica o Ministério do Turismo (2010), a hospedagem domiciliar, permite vivenciar o modo de vida e cotidiano da comunidade.

<sup>22</sup> Fonte: Aparecida – SP. Disponível em: < <http://www.conhecer.tur.br/cidades/cidade.php?id=4733>> Acesso em 13 mai, 2014.

O turismo religioso em Luziânia possui uma forte expressividade, graças às festas com caráter religioso e em homenagem aos santos da cidade, símbolos da cultura luzianiense.

Para Abreu e Coriolano (2003, p. 79) “as festas religiosas estão entre as mais fortes expressões da cultura brasileira, sendo significativa a quantidade e a diversidade de celebrações que acontecem, tornando-se *lócus* do turismo religioso”.

A questão religiosa ainda é muito presente na cultura de Luziânia, já que a cidade ainda conserva tradições da colonização portuguesa e católica. Cassiana Vaz Tormin (2004) comenta que, sobre essa forte influência da comunidade católica nos costumes, valores morais e nas atividades culturais, como as festas tradicionais de Luziânia. Ela cita Heliane Nunes (2001) para afirmar isso: “Santa Luzia, por ocasião da viagem de Saint-Hilarie, (possuía) umas 300 casas, mas grande parte delas só eram ocupadas durante as festas religiosas” (2001 apud TORMIN, 2004, p. 27).

Esta fala afirma que a cidade sempre esteve ligada a este movimento de pessoas por conta de religiosidade, e este fator deve ser levado em consideração no planejamento e desenvolvimento de um turismo religioso no município.

Deve-se considerar que, além das festas religiosas, Luziânia também possui igrejas históricas e outros monumentos ligados a esse fator religioso capaz de atrair turistas para a cidade.

## II. LUZIÂNIA: UMA CIDADE HISTÓRICA E UM PATRIMONIO CULTURAL

Luziânia está localizada no centro-oeste brasileiro, no estado de Goiás, entorno do Distrito Federal. Com mais de 200 anos, conta com um passado repleto de fatos significativos para a história do Planalto Central. Possui um rico patrimônio histórico, que inclui não só seus monumentos arquitetônicos, mas também suas manifestações artísticas, culturais e gastronômicas. Suas raízes no período colonial, a mantiveram por muitos anos como um retrato de cidade barroca (TORMIN, 2004).

O documento “65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional”<sup>23</sup>, do Ministério do Turismo, destaca quatro cidades de Goiás que possuem um maior potencial para o turismo na região: Alto Paraíso, Caldas Novas, Goiânia e Pirenópolis. Luziânia está localizada muito próxima a todas elas, o que a torna tão significativa para o desenvolvimento turístico da região quanto as outras já que, ao longo dos anos, Luziânia teve sua história, sua cultura e o seu turismo fortemente influenciados por estas cidades.

Luziânia foi fundada pelo bandeirante Antônio Bueno de Azevedo, em 1746, quando este encontrou jazidas de ouro as margens do Rio São Bartolomeu atraindo, assim, inúmeras pessoas para lá, como cita o escritor luzianiense José Dilermando Meireles (1996). Logo, foi erguida uma casa de oração às margens do garimpo e fincada uma cruz que seria, então, o marco inicial da cidade e a partir de onde o arraial se desenvolveria.

Anos depois a casa de oração foi destruída e erguida no mesmo local a Igreja Nossa Senhora do Rosário, que, interligada à Igreja Matriz de Santa Luzia, constituem parte do núcleo histórico da cidade.

Estas duas igrejas, patrimônios do município, surgem então como pontos de partida para o entendimento das festas selecionadas nesta pesquisa.

É uma cidade que tem suas origens no século XVIII, uma das mais antigas do entorno. Está localizada ao lado da maior concentração demográfica da Microrregião do Entorno de Brasília. Possui uma população imigrante, predominantemente de baixa renda, o que contribui para intensificar os problemas de violência, prostituição, drogas e subemprego/desemprego (BRASIL, 2010 p.58).

---

<sup>23</sup> Fonte: “65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional” do Ministério do Turismo. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/65\\_destinos\\_indutores.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/65_destinos_indutores.pdf)> Acesso em 20 mar, 2014.

No “Mapa da Violência 2013 – Homicídios e Juventude no Brasil”<sup>24</sup>, Luziânia aparece como a 21ª localidade mais violenta do Brasil. Por isso, ela acaba sendo ignorada na sua importância histórico-cultural e prejudicada no desenvolvimento do seu potencial turístico.

Embora possua uma rica história cultural, os moradores da cidade não sabem lidar com a atual situação de seus patrimônios imateriais e, menos ainda, compreender o significado e a importância em ter esses bens preservados. Por isso, o município de Luziânia foi escolhido como objeto deste estudo, por se tratar de uma cidade histórica, com um rico patrimônio intangível, com festas que fazem parte do calendário cultural da cidade e que, ao longo dos anos, foram descaracterizadas e menosprezadas por parte de moradores e gestores, que não apenas ignoram seu valor como patrimônios históricos, mas também não reconhecem estes bens como de grande importância para a perpetuação da cultura local.

Não se pode deixar de relacionar esse patrimônio imaterial com o material, já que um tem o poder de ressignificar o outro, pois, segundo Pereira, Silva, e Perinotto (2011, p. 370), “[...] o patrimônio não se limita apenas ao tangível e tocável. Porém, se estende para a natureza imaterial, gerando um sentimento de identidade, incentivando a promover o respeito à diversidade cultural”.

Pode-se afirmar que os patrimônios de Luziânia estão em estado de abandono e vem sendo desprezados pelos planejadores e representantes públicos por muitos anos e, até os dias de hoje, pouco tem sido feito no sentido de agregar valores a estes patrimônios.

Atualmente o patrimônio material do município conta apenas com a proteção do tombamento estadual e continua sendo negligenciado no seu conjunto pelo IPHAN. Embora o imaterial não conte com esse tipo de proteção governamental, ele se mantém vivo por contar com a proteção do povo, já que parte da comunidade luzianiense ainda tem a preocupação de preservar estes patrimônios.

Não se pode delimitar patrimônio apenas aquilo que é tombado, mas aquilo que possui significado para a comunidade.

As cidades históricas brasileiras se tornam obras de arte concreta e coletiva com o passar dos anos, Everaldo Batista da Costa e Valdir A. Steinke (2013, p. 165)

---

<sup>24</sup> Fonte: Mapa da Violência 2013 – Homicídios e Juventude no Brasil. Disponível em: [http://www.cebela.org.br/site/common/pdf/Mapa\\_2013\\_Jovens.pdf](http://www.cebela.org.br/site/common/pdf/Mapa_2013_Jovens.pdf) Acesso em 20 de março de 2014.

afirmam que “toda cidade faz-se produto da história, do vir a ser universal que a constitui enquanto obra de arte, coletiva ou particularmente. As cidades antigas brasileiras são tratadas desta forma – como cidades históricas [...]”, entendendo as cidades históricas como:

Cidade histórica é aqui apresentada como objeto concreto e simbólico do vir a ser de um território que é material e é imaginado; mescla e síntese de lugares e paisagens em movimento histórico concreto e ideativo – pois, também, mítico; é embrião, sede e centro de um processo civilizatório que guarda, em germe, a instituição urbana em si, por meio de trânsitos com o rural. (COSTA E STEINKE, 2013, p. 166).

Dentro dessa concepção, pode-se afirmar que Luziânia é uma cidade histórica, concreta e simbólica que, desde a sua fundação até a inauguração de Brasília em 1960, passou por grandes transformações. Ela teve sua cultura fortemente influenciada pela construção de Brasília, principalmente após a doação de parte de suas terras para a construção da cidade.

A transferência da capital para o interior de Goiás trouxe, concomitantemente, desenvolvimento e dificuldades para as cidades do entorno do Distrito Federal. Tormin (2004) diz que Luziânia foi um dos municípios mais diretamente atingidos por essas mudanças na região, suportando impactos físicos, sociais, espaciais e culturais de toda ordem.

Atualmente, com 266 anos, o município possui uma história marcada por tradições e festividades que compõem o seu patrimônio cultural. Assim, esta pesquisa partiu da hipótese de que a cultura e o patrimônio histórico-cultural de Luziânia podem servir, dentre outros aspectos, para que a sociedade luzianiense possa repensar seus significados, suas atitudes e anseios no presente, assim como o que almeja para o seu futuro. Isso acaba gerando um reforço na sua identidade, como fator de grande importância para o sentimento de pertencimento, já que esta identidade se localiza no espaço e no tempo simbólico, Hall (2006) acredita que as culturas nacionais podem ser fontes de identidade cultural.

Em 2003 foi elaborado um documento pela UNESCO denominado “Recomendação de Paris – Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial”. Para sua elaboração, foi levada em consideração a Convenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, de 1989, que recomendou a salvaguarda da cultura tradicional e popular,

considerando que esta cultura forma parte do patrimônio universal da humanidade e que é um poderoso meio de aproximação entre os povos e grupos sociais existentes e de afirmação da sua identidade cultural (UNESCO, 2003).

Este documento cita questões importantes como o valor das culturas tradicionais e populares na cultura contemporânea e o seu valor como cultura viva, além de reconhecer os perigos que existem de que as tradições orais se percam e afirmar que os governos deveriam se antecipar na salvaguarda desse tipo de cultura.

A UNESCO (2003) considera a importância do patrimônio cultural imaterial como fonte de diversidade cultural e garantia de desenvolvimento sustentável. Para alguns grupos sociais (especialmente as minorias étnicas) o patrimônio imaterial carrega a sua identidade e conta parte de sua história. Dessa forma, torna-se importante assegurar a manutenção e revitalização destas tradições, que contribuem para a diversidade cultural e que estão inseridas num mundo totalmente globalizado, ficando fadadas ao desaparecimento.

Diante dessa constatação, torna-se essencial conhecer o patrimônio histórico-cultural de Luziânia e, com isso, contribuir para a sua divulgação e utilização como agente no desenvolvimento do potencial turístico do município.

É fundamental o reconhecimento dos valores e características culturais que possam ser trabalhadas pela atividade turística, como meio de integração entre história, memória, cultura e turismo pois, como Burns (2002, p. 92) afirma, há a necessidade de “um conhecimento mais profundo sobre as consequências da interação entre as sociedades que geram e as que recebem turistas”.

## 2.1. Contextualizando a história de Luziânia/GO

Luziânia foi uma cidade que surgiu no século XVIII quando o bandeirante Antônio Bueno de Azevedo partiu, de Paracatu-MG, em busca de minas de ouro na região de Goiás. Ele e sua comitiva surpreenderam-se com a quantidade de ouro que encontraram às margens do rio e o denominaram de São Bartolomeu, em homenagem ao santo do dia. Assim, fixaram o arraial, como cita Antônio Pimentel (1994):

Antônio Bueno de Azevedo seguiu viagem rumo ao oeste, fixando seu arranchamento no local que denominou Arraial de Santa Luzia, em 13 de dezembro de 1746. Conta à tradição que tendo mandado levar um pouco de areia do riacho, tamanha quantidade de ouro encontrado que ele e seus companheiros não conseguiam acreditar no que viam. Mandou repetir a operação de lavagem e a bateia trouxe mais granitos e palhetas de ouro. Ajoelhando-se agradeceu a Deus e invocou Santa Luzia, dedicando a povoação que iria se formar sob os auspícios de seu nome (PIMENTEL, 1994, p. 20).

Em 25 de março de 1747 foi celebrada a primeira missa do arraial, ao lado da cruz erguida por Antônio Bueno. Tal missa foi assistida por mais de seis mil pessoas, que vinham de todas as partes do Brasil em busca do ouro. Desde então a história de Luziânia foi influenciada pela igreja católica e marcada por vários momentos de exploração deste ouro. Assim, grande parte das riquezas extraídas das minas de Santa Luzia foi transferida para Portugal ou para cidades litorâneas, restando pouco para atestar a riqueza da região, que já foi um dos principais centros de produção de ouro do Goiás.<sup>25</sup>

O IBGE (2011) afirma que, com o grande movimento de pessoas que vieram para o arraial em busca do lucro da mineração, na metade do século XVIII a população chegou a 10.000 pessoas. Porém, com o fim da atividade mineradora, essas pessoas abandonaram o município ou migraram para as atividades rurais. Na década de 50, com a expansão da BR 040, que fazia a ligação entre Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo com a nova capital do Brasil, Luziânia viu-se novamente em meio a um grande fluxo de pessoas, o que contribuiu para o desenvolvimento da cidade.

As consequências deste aumento populacional afetaram todo o perímetro urbano e, como não poderia deixar de ser, o centro histórico não ficou imune a este processo. Ele foi descaracterizado e perdeu traços históricos para dar lugar à paisagem imposta pelos avanços da modernidade. Teixeira (2011) nos fala sobre as múltiplas influências que Brasília teve sobre as manifestações das artes populares do Planalto Central, região da qual Luziânia faz parte.

Como já dito anteriormente, Luziânia foi uma das cidades que doou parte de suas terras para a construção de Brasília, se tornando “entorno” do Distrito Federal. Este período é marcado por um desordenado aumento populacional na cidade.

---

<sup>25</sup> Fonte: História de Luziânia. Disponível em: <http://www.achetudoeregiao.com.br/go/luziania/historia.htm> Acesso em 17 set, 2011.

Tormin (2004, p. 25) cita uma fala do prefeito do município em 1977, Orlando Roriz, que diz ao Jornal de Luziânia: “deserdada por Goiás, Luziânia não teve a adoção do Distrito Federal”.

Meireles (1973) fala sobre a vinda de Brasília para as terras de Luziânia:

[...] Luziânia do presente, hospedeira da nova civilização trazida para o interior brasileiro com a transferência da Capital Federal [...] Daí porque bem merece integrar-se a nova comunidade de Brasília, com ela fundir-se, emprestar-lhe as raízes bicentenárias do seu passado heroico e dela receber o impulso e a dinamização necessária total renovação de sua sociedade, de sua cultura e de sua economia (MEIRELES, 1973, p. 6).

O rápido crescimento populacional que se operou na cidade com o surgimento de Brasília trouxe consequências para o desenvolvimento de Luziânia. Isso pode ser confirmado nas palavras de Coelho (1989, p. 37) quando ele diz que “[...] de repente, jogaram Luziânia, Brasília, eixo Rio – São Paulo, Brasil e o mundo com sua alucinada modernização, desenvolvimento científico e tecnológico desses últimos trinta anos, num mesmo caldeirão de influências”. Meireles (1996) corrobora com a percepção de Coelho ao enfatizar os reflexos dessas mudanças na cultura de Luziânia:

Houve, então, a partir daí, várias determinantes históricas a impor novos rumos à nossa estrutura social e econômica, com reflexos diretos em nossa vida cultural, já que Luziânia, cidade tradicional, de mais de duzentos anos, não tinha apenas um novo e promissor futuro, mas um passado de ricas e imperecíveis tradições às suas costas (MEIRELES, 1996, p. 37).

Neste trecho o autor ressalta as influências portuguesas da colonização refletidas nas construções coloniais do centro histórico de Luziânia e na sua cultura. As histórias de construção das duas principais igrejas da cidade trazem o reflexo desta colonização, além do patrimônio intangível, que se traduz por meio das manifestações tradicionais de origens portuguesas, como as festas realizadas na cidade. Portanto, diante do exposto, um estudo específico desta região se faz necessário para compreender os processos históricos e culturais que se fizeram presente em Luziânia, uma cidade com relevante patrimônio cultural que necessita ser preservado.

## 2.2. Dados estatísticos e o Plano Diretor

O município de Luziânia é uma cidade localizada no centro-oeste brasileiro, no lado leste do Estado de Goiás. O Plano de Cultura do Estado de 2013<sup>26</sup> diz que a posição geográfica do Estado propiciou uma grande mistura de povos, vindos dos mais variados lugares do país.

De acordo com o IBGE (2011), Goiás possui 246 municípios, entre estes, quatro estão na lista dos “65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional”<sup>27</sup> do Ministério do Turismo.



Figura 8 – Mapa de localização de Luziânia  
Fonte: Site do IBGE, 2014<sup>28</sup>.

Após o início da construção de Brasília, nos anos 50, até meados dos anos 80, a população de Luziânia cresceu consideravelmente. De acordo com TORMIN (2005), em 1960, a cidade tinha 23.247 habitantes, já em 1980 tinha 94.219. Esta explosão demográfica ocasionou numa divisão do território de Luziânia em mais quatro municípios, sendo eles, Cidade Ocidental, Valparaíso de Goiás, Novo Gama e Santo Antônio Descoberto. Este último foi emancipado em 1985, Cidade Ocidental em 1991 e Valparaíso de Goiás e Novo Gama em 1996.<sup>29</sup>

<sup>26</sup> Fonte: Versão preliminar para consulta pública do Plano de Cultura do Estado de Goiás. Disponível em: <http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2013-04/plano-estadual-de-cultura-goias---versao-preliminar-para-consulta-publica.pdf> Acesso em 20 mar, 2014.

<sup>27</sup> Fonte: [http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/65\\_destinos\\_indutores.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/65_destinos_indutores.pdf)

<sup>28</sup> Fonte: IBGE Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=521250&search=goias|luziania|infograficos:-dados-gerais-do-municipio> Acesso: out.2013.

<sup>29</sup> De acordo com dados do IBGE (2013) a Cidade Ocidental possui 61.552 habitantes, Valparaíso de Goiás 146.694, Novo Gama 103.085 e Santo Antônio Descoberto 67.993.

Luziânia possui, hoje, cerca de 175 mil habitantes, área territorial de 3.961,122 km<sup>2</sup>, ou seja, em torno de 44 habitantes por km<sup>2</sup>. O clima é tropical e próprio do cerrado (IBGE, 2011). O atual prefeito se chama Cristóvão Vaz Tormin e o Secretário de Turismo é o senhor Écio Carlos de Mendonça. Eles assumiram o cargo no início de 2013.

A Secretaria de Turismo da cidade tem entre seus objetivos incentivar e desenvolver o turismo local, zelar pelos patrimônios, controlar a qualidade dos bens e serviços turísticos, realizar pesquisas de oferta e demanda, e estimular o intercâmbio com outras cidades.<sup>30</sup>

Luziânia dispõe de um Plano Diretor que aborda o turismo e a cultura em muitos artigos. Antes da inauguração de Brasília, a cidade já havia desenvolvido o seu primeiro Plano Diretor, em 1956, no qual citou, entre seus objetivos, a proteção do meio ambiente e do patrimônio cultural.

A cartilha “Plano Diretor: Participar é um direito!” elaborada pelo Instituto Pólis, em 2005, define Plano Diretor como:

Plano Diretor é uma lei municipal que deve ser elaborada com a participação de toda a sociedade. Ele organiza o crescimento e o funcionamento do município. No Plano está o projeto de cidade que queremos. Ele planeja o futuro da cidade decidido por todos. O Plano vale para todo o município, ou seja, para as áreas urbanas e também para as rurais. Deve dizer qual é o destino de cada parte do município, sem esquecer, é claro, que essas partes formam um todo. É o Plano Diretor que diz como o Estatuto da Cidade será aplicado em cada município. (INSTITUTO PÓLIS, 2005, p. 2).

O atual Plano Diretor em vigor em Luziânia é a Lei nº 2.987, datada de 3 de outubro de 2006, que inclui como direito de todos os cidadãos luzianienses quesitos básicos, como moradia, transporte, saúde, educação, entre outros, além da cultura e da proteção do patrimônio cultural, que aparece como uma das diretrizes para o desenvolvimento sustentável do município, de forma a contabilizar o desenvolvimento urbano com a proteção do meio ambiente, promovendo sua conservação e recuperação em benefício das gerações atuais e futuras.

No I capítulo o Plano já faz referência à criação de zonas especiais de interesse de proteção do patrimônio histórico e cultural, assim como o centro histórico, que abriga patrimônios materiais e imateriais do município. Na seção I,

---

<sup>30</sup> Fonte: Secretaria de Turismo – Prefeitura de Luziânia. Disponível em: <<http://www.luziania.go.gov.br/index.php/governo/turismo.html>> Acesso em 4 fev, 2014.

artigo 13, inciso III, diz que se deve proteger e valorizar o patrimônio histórico e cultural, como modo de promoção da vida social e comunitária, de maneira convergente com os processos de melhora das condições de vida, da dinamização econômica e da modernização urbana. Desta maneira, as festas religiosas e históricas de Luziânia podem colaborar para que os objetivos do plano possam ser alcançados, já que elas são momentos de interação comunitária que favorecem a proteção do patrimônio, tangível e intangível, além de agregar valores humanos e econômicos à cidade.

Entre as ações prioritárias para o desenvolvimento sociocultural, o artigo 14 fala sobre ampliar e fortalecer o Conselho Municipal de Cultura, incorporando a gestão do patrimônio cultural entre as suas competências. Refere-se também sobre a realização de um inventário que englobe o patrimônio cultural material e imaterial, urbano e rural, para o estabelecimento de diretrizes políticas de proteção, o qual, infelizmente, nunca foi feito. Cita ainda a implantação de um corredor cultural na Rua do Rosário, o que nunca saiu do papel, e também a criação do Arquivo Histórico Municipal para abrigar os acervos documentais de interesse histórico, público e privados, o qual também não existe.

O artigo 16, que trata das ações prioritárias para o desenvolvimento econômico, fala sobre a elaboração de um Plano Municipal de Turismo. Durante a entrevista realizada com o Secretário de Turismo, Écio Carlos de Mendonça, este se mostrou interessado em elaborar o plano ainda na sua gestão:

O plano ainda não existe porque isso precisa ser muito detalhado. Por que não é só pegar um plano desses e por em ação de qualquer jeito. Tem que ter uma estrutura toda considerada. Eu quero muito que isso se torne realidade, mas não depende só da gente.<sup>31</sup>

Este Plano de Turismo deve considerar os empreendimentos hidroelétricos estabelecidos no município, implantando uma zona de turismo ecológico. Entre as ações prioritárias previstas para o plano, não há nenhuma observação sobre a ressignificação dos patrimônios imateriais, como as festas religiosas, para a preservação do patrimônio material e para o desenvolvimento de um turismo

---

<sup>31</sup> Entrevista concedida pelo Secretário de Turismo, Écio Carlos de Mendonça, em 28 de março de 2014.

cultural. Porém, o padre Simão, pároco da Igreja do Rosário, faz uma consideração sobre a importância das festas:

A festa pode contribuir com esse movimento de preservação dos patrimônios, esse é o valor maior, do conhecimento deste local de patrimônio da cidade. A festa é um atrativo que chama a presença das pessoas, não apenas pra sentar a mesa e fazer parte do festejo, mas principalmente para conhecer o local, conhecer a história, conhecer a tradição. Aquilo que para a cidade é um ponto de referencia.<sup>32</sup>

Entre as diretrizes de política urbana municipal, que estão no artigo 16, inciso XI, está a priorização da preservação e da valorização do patrimônio cultural, natural e ambiental, no âmbito da política de desenvolvimento municipal e da política urbana. Já o inciso XII prevê a disponibilização de espaços para o uso cultural e comunitário. Atualmente, a cidade conta com o Centro Comunitário, local onde se realizam diversos encontros culturais, inclusive durante a Festa do Divino Espírito Santo.

O artigo 27, que trata sobre a lei de parcelamento, uso e ocupação do solo, dividiu as áreas urbanas do município em zonas, criando, então, uma zona de interesse de preservação histórica e cultural. Seriam áreas que, em decorrência das suas características históricas e socioculturais, configurariam elementos do patrimônio cultural local, devendo ser devidamente conservadas, não sendo nelas admitida nenhuma interferência ou alteração de suas características naturais e arquitetônicas, incluindo o centro histórico de Luziânia.

Porém, o que se observa são diversas intervenções, feitas em locais que deveriam ser preservados, paisagens que se somam ao patrimônio e que não são vistas pelas autoridades e por empresários como tal.

O artista plástico José Álfio da Silva, em entrevista, comentou sobre a tentativa de construção de um posto de gasolina em frente à Igreja do Rosário, no centro histórico, área esta que deveria ser preservada: “Eles queriam fazer um posto de gasolina em frente à Igreja do Rosário, ou seja, se fosse pra soltar os foguetes nas festas, por que têm as fogueiras, que é tradição, o levantamento do mastro, isso podia ser inviabilizado, né?”<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Entrevista concedida por Padre Simão, organizador da festa do Rosário em Luziânia, em 14 de outubro de 2013.

<sup>33</sup> Entrevista concedida por José Álfio da Silva, morador e participante das festas religiosas de Luziânia, em Luziânia, em 27 de março de 2014.

O turismo também é citado no artigo 51, que trata do sistema viário e de transportes do município, e dispõe, entre suas diretrizes, a implantação de sinalização nas estradas e logradouros da cidade, facilitando a identificação, localização, deslocamento e acesso em locais de interesse turístico, serviços, entre outros, o que pouco se vê.

O Secretário de Turismo, Carlos de Mendonça, afirmou que a secretaria vem trabalhando para garantir um Centro de Atendimento ao Turista na cidade:

Existe a intenção de criação de um Centro de Atendimento ao Turista. Eu acredito que ainda nessa administração a gente consiga colocar isso em prática. E já tem até um local para isso, ali próximo da Igreja do Rosário. Pensamos em montar ali perto um quiosque com informações turísticas.<sup>34</sup>

O documento fala ainda sobre apoiar eventos culturais, sobre a execução de projetos urbanísticos nas zonas de preservação histórica e cultural, e diz também que o Conselho Municipal de Desenvolvimento de Política Urbana deverá apreciar as propostas de preservação e tombamento de bens representativos do patrimônio cultural quando o Conselho Municipal de Cultura não se manifestar ou estiver impedido de fazê-lo.

Em regra, o Plano Diretor tem validade de dez anos e, após este período, o município deve revê-lo e, com a participação de toda a comunidade, elaborar um novo plano.

O Plano deve ser visto como um importante documento orientador, capaz de guiar gestores e moradores rumo a um futuro equilibrado em vários setores. A partir do momento em que todos lerem, se informarem, divulgarem e exigirem a sua aplicação, os moradores da cidade de Luziânia poderão imaginar um município muito melhor.

### 2.3. O Centro Histórico

Aqui se buscou apresentar o centro histórico de Luziânia e relacioná-lo às festas religiosas da cidade, já que estes agem como fatores fundamentais no desenvolvimento de um turismo cultural no município.

---

<sup>34</sup> Entrevista concedida pelo Secretário de Turismo, Écio Carlos de Mendonça, em 28 de março de 2014.

No centro histórico, a presença dessa associação do intangível com o tangível valoriza a cultura e a memória local, além de colaborar para a ascensão do turismo neste espaço, compreendendo-se que a expressão “centro histórico”, não apenas remete-se para um objeto ou um espaço, mas também converte-se em uma representação de alguma coisa (PEIXOTO, 2003).

Para Dominique Santos (2011, p. 32) “as representações sociais são sintetizadores das referências que os diversos grupos fazem acerca do que conseguem apreender de suas vivências sociais inseridos no tempo e espaço”.

Assim, as festas religiosas relacionadas ao centro histórico se tornam representações sociais da cultura de Luziânia. Pois, como afirma Santos (2011), a partir da perspectiva coletiva, “os fenômenos humanos podem ser conhecidos e explicados”, sem ignorar o indivíduo.

Os centros históricos são cada vez mais apresentados como a expressão concreta de uma ideia de espaço público que permite que a cidade seja imaginada a partir do seu passado. Partindo-se desta lógica, Luziânia é uma cidade que mantém traços do passado no seu centro histórico, que permitem uma leitura da sua história e compreensão da sua cultura.

É uma cidade com forte influência de outros estados brasileiros na forma como se tornou município e todas essas influências no seu desenvolvimento podem ser percebidas nas construções do centro histórico que, mesmo sem preservação, ainda resistem às ações do tempo.

Desta forma, uma revitalização desses centros se torna uma importante intervenção para o desenvolvimento turístico destes locais, já que:

A revitalização, de modo geral, está mais ligada à dinamização cultural, turística e de consumo, com investimentos em projetos de reforma e embelezamento de fachadas dos prédios e dos espaços públicos, com segurança pública e lazer, a fim de retomar o efeito simbólico, da memória histórica do lugar, no cotidiano das pessoas que usam e ocupam o território. (COLVERO 2010, p. 39).

A requalificação também é um processo fundamental, já que esta é uma intervenção que tende a trazer benefícios em larga escala para todo o município. Costa (2013) afirma que a requalificação pode levar “à valorização, tanto turística central, como comercial, residencial e de serviços, em resumo, à valorização

econômica e simbólica do território urbano em seu conjunto, e não apenas setorialmente”.

Entende-se que uma intervenção focada na revitalização e requalificação do centro histórico de Luziânia traria significativa importância e atratividade para esse espaço.

Observa-se que a maioria das cidades possui uma história e um modo de desenvolvimento diferente. Porém, há algo em comum entre os centros urbanos: o fato de a maioria se expandir a partir de um ponto central. Ponto este que se torna referência para toda a população que habita esta cidade, e também para aqueles que a visitam. Este ponto normalmente preserva características históricas e reflete a memória e a identidade locais, tornando-se um ponto de referência para a cultura. Por isso, a preservação destes locais se torna tão importante para a continuidade das manifestações populares que acontecem neles.

Para Elizabeth Travassos (2004, p. 112) a “ocupação de praças e ruas rememora a tradição da festa popular”. A cidade e estes centros passam, assim, a serem vistos como construção histórico-cultural, como patrimônio de seus moradores, e como espaço de memória.

Suzana Gastal (2006, p. 66) diz que “a cidade onde houver antiguidades será depositária do acervo do passado”, sinônimo de história.

Os centros das cidades tornam-se, então, culturais. Lucas (2003) afirma que a partir dos anos 80 as áreas centrais históricas degradadas brasileiras foram se transformando em espaços de entretenimento e cultura. A cultura passa, então, a estar inserida nos espaços urbanos. Gastal (2006) diz que “a cultura popular, aquela partilhada pelo povo, ainda permanecerá no espaço público tradicional, [...] onde vigorem a liberdade de acesso e a informalidade de uso”.

Os espaços urbanos são ressignificados a todo o momento com os avanços da modernidade. Costa (2013, p. 88) nos fala que “as cidades representam aquilo que foram e não poderão jamais reproduzir autenticamente, de modo que aquilo que foram esboça um elemento insubstituível do processo histórico, econômico e cultural”.

Assim, verifica-se em Luziânia uma urgente necessidade em resgatar e preservar o seu centro histórico como aquilo que não pode ser substituído. Costa (2013) nos fala ainda sobre essa tendência de revalorização dos centros históricos:

Emergem, após a década de 1950, em todo o mundo, ações que visam à renovação, reabilitação, requalificação, revitalização e refuncionalização dos centros degradados de cidades, como alternativas para tratar problemas físicos, sociais e econômicos que se perpetuam nas áreas urbanas mais antigas, os chamados centros históricos (COSTA, 2013, p. 143).

Percebe-se que o turismo, nos centros históricos, tem o papel de promover e valorizar o patrimônio e, concomitante, a sua utilização (BRASIL, 2008). É importante manter as características desses espaços para que as gerações futuras também possam conhecer e reviver a história que se passou ali, tanto por meio das suas construções históricas como pela memória coletiva daqueles que, de fato, viveram a história.

Como diz Gastal (2006, p. 101), “o lugar seria o lócus, no tempo e no espaço, do acúmulo de experiência em forma de história e de tradição, a segurança da identidade”. Logo, todas as intervenções nesses espaços devem ser planejadas e estudadas de forma conjunta entre esferas públicas e privadas, não esquecendo a participação da comunidade. Deve-se atentar ao fato de que o espaço público e as manifestações populares realizadas nesse espaço estimulam o interesse turístico e, conseqüentemente, a divulgação e a preocupação com a preservação destes locais e destas festas, patrimônios tangíveis e intangíveis da cidade.



Figura 9 – Vista da Rua do Rosário no Centro Histórico. À esquerda o Restaurante Antigamente.

Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.



Figura 10 – Casarão antigo do Centro Histórico em deterioração.  
Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.



Figura 11 – Casarão antigo do Centro Histórico em deterioração.  
Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.



Figura 12 – Casarão restaurado no Centro Histórico.  
Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.



Figura 13 – Casarão restaurado no Centro Histórico.  
 Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.

#### 2.4. Os Patrimônios e o Turismo de Luziânia

A relação entre os patrimônios materiais e imateriais é nitidamente perceptível nos bens culturais de Luziânia. A cidade possui patrimônios tangíveis e intangíveis que se fundem e que podem ser vistos ao andarmos pela cidade, principalmente no centro histórico. Estes patrimônios agregam valor à cultura da cidade e possuem forte poder de atratividade para o turismo cultural. Como explica o Ministério do Turismo (BRASIL, 2010) a transversalidade deste segmento se dá, por considerar elementos e expressões da cultura local, como a gastronomia, a música, as manifestações populares, etc.

Na culinária, Luziânia tem suas especificidades. Ao provar a comida do município é nítida a presença da culinária goiana e portuguesa, não só no modo de fazer os alimentos, mas também no modo de servir. Características estas que também herdou dos seus colonizadores.

Na realização de festas tradicionais sempre se encontra muita fartura de comida e o uso da agropecuária local. Soma-se a tudo isso, mais uma variação de sabores com galinha caipira, carne de porco, pequi, quiabo, leite, mandioca, milho, guariroba, hortaliças e aguardente.

Há o uso de um fruto tradicional da região para a fabricação de um doce típico e famoso na cidade, a marmelada. É um doce tradicional, com origem portuguesa, de destaque na cultura luzianiense, e que começou a ser produzido por escravos, em comunidades quilombolas, há mais de dois séculos. Até os dias de

hoje vem sendo feito de modo artesanal, seguindo uma receita que é repassada de pai para filho.

Em artigo no jornal Correio Braziliense, o jornalista Renato Alves<sup>35</sup> nos conta que, atualmente, somente quatro fazendas, em Luziânia e na sua vizinha Cidade Ocidental, ainda fabricam a marmelada. Para que a tradição sobreviva, ela depende da mão de obra e dos conhecimentos dos descendentes de escravos.

Este patrimônio imaterial de Luziânia foi registrado em seu livro do tomo de registro dos saberes, que atualmente encontra-se na Casa da Cultura da cidade. Lá está descrito o passo a passo para a fabricação do doce. Primeiramente o marmelo é lavado e tem as sementes retiradas, em seguida é feita uma espécie de purê de marmelo cozido com açúcar em tachos de cobre no fogo a lenha, depois a especiaria é embalada em caixas de madeira típicas, feitas pelos próprios produtores do doce.



Figura 14 – Produção artesanal de marmelada.  
Fonte: Correio Braziliense, 2014.<sup>36</sup>

<sup>35</sup> Fonte: Herança da Escravidão. Disponível em: <<http://www2.correiobraziliense.com.br/colonial/flip/flip.htm#/6>> Acesso em 20 de março de 2014.

<sup>36</sup> Fonte: Herança Colonial. Disponível em: <<http://www2.correiobraziliense.com.br/colonial/flip/flip.htm#/6>> Acesso em 12 fev, 2014.

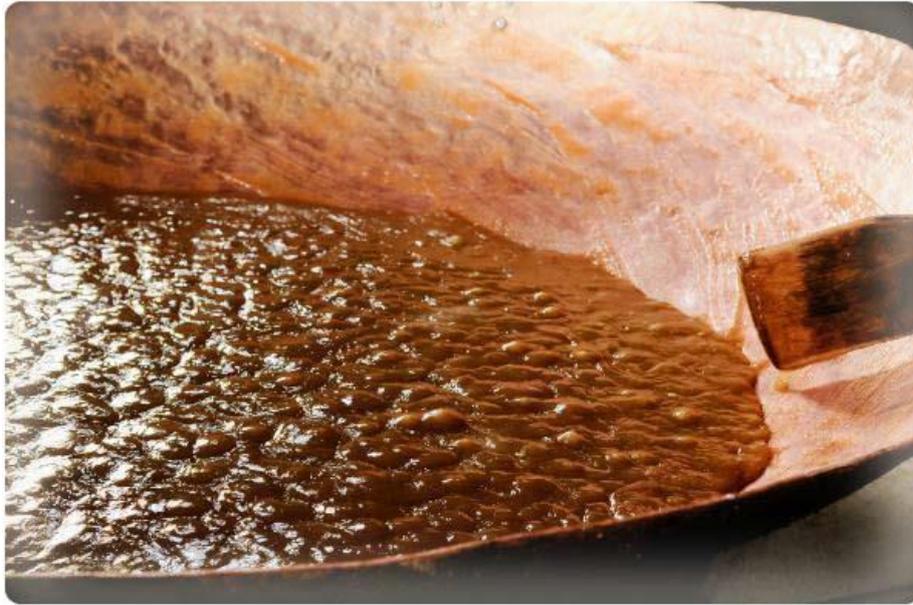


Figura 15 – Produção artesanal de marmelada.  
Fonte:Correio Braziliense, 2014.<sup>37</sup>

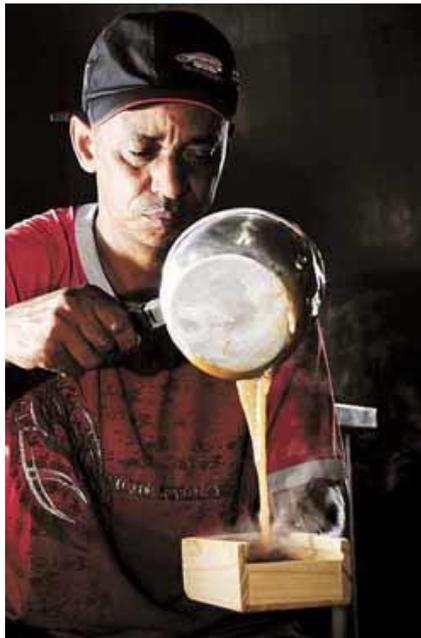


Figura 16 – Produção artesanal de marmelada.  
Fonte: Correio Braziliense, 2014<sup>38</sup>.

O artesanato em Luziânia tem forte influência goiana e religiosa, e está retratado nas esculturas de santos em madeira, na fabricação de violinos, nas peças de barro, nas pinturas, e tantos outros trabalhos feitos por artesãos luzianiense.

<sup>37</sup> Fonte: Herança Colonial. Disponível em: <<http://www2.correio braziliense.com.br/colonial/flip/flip.htm#/6>> Acesso em 12 fev, 2014.

<sup>38</sup> Fonte: Herança Colonial. Disponível em: <[http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/01/25/interna\\_cidadesdf,287464/descendentes-de-escravos-preservam-a-memoria-e-costumes-dos-ancestrais.shtml](http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/01/25/interna_cidadesdf,287464/descendentes-de-escravos-preservam-a-memoria-e-costumes-dos-ancestrais.shtml)> Acesso em 12 fev, 2014.

Na Loja do Artesão há uma exposição do artesanato regional. Há também a Oficina de Artes, que atua com cursos permanentes de desenho e pintura.

As festas religiosas, foco desse estudo, também fazem parte do patrimônio intangível da cidade e atraem, todos os anos, muitos visitantes para lá. São expressões culturais importantes para a preservação da memória do município e momentos em que o patrimônio material e imaterial se encontram, permitindo apreciar os patrimônios materiais presentes no centro e os patrimônios imateriais presentes nas mais diversas manifestações populares.

Em relação aos patrimônios naturais, a cidade possui ainda um promissor potencial turístico.

O Lago do Corumbá, a Cachoeira das Três Vendas, o Morro da Canastra, e o Rego das Cabaças (que possui uma história riquíssima para a cultura local) são patrimônios naturais de Luziânia que, mesmo tendo potencial para atrair turistas, ainda não são aproveitados pelos gestores com o seu devido valor.

O advogado Wilter Coelho comenta sobre esta falta de incentivos e de uma legislação que se preocupe com o desenvolvimento turístico:

Começaram a aparecer outras possibilidades de turismo na cidade, como essa questão do Corumbá, dos lagos, mas nada vai. Por que não é sério, não organiza, não tem uma legislação.<sup>39</sup>

Estes locais poderiam se tornar referências no turismo da cidade, não só por sua beleza natural, como também por sua história. O rego das cabaças, por exemplo, foi um canal aberto por escravos no século XVIII com o intuito de levar água até o arraial na época da mineração. Até os dias de hoje surpreende pela forma como foi feito.

Outro importante patrimônio que deveria ser preservado e utilizado na sua potencialidade turística em Luziânia é a “Fazendinha JK”. A casa da fazenda é uma construção que foi projetada por Oscar Niemeyer. Ela é a sua única construção no meio rural e a única sem traços modernistas. Esta casa serviu de abrigo ao presidente Juscelino Kubitschek nos seus últimos anos de vida e lá ainda se encontram diversos pertences de JK.

---

<sup>39</sup> Entrevista concedida por Wilter Coelho, morador de Luziânia, em 29 de março de 2014.

Na garagem da casa está estacionada uma Mercedes Benz<sup>40</sup> que foi completamente restaurada em 2010. Além disso, há vários móveis, objetos pessoais e até uma biblioteca com mais de 1500 títulos do presidente. Atualmente a fazenda está fechada e em estado de abandono. Ela passa por um processo de disputa judicial entre os herdeiros e por um processo de tombamento como patrimônio material de Goiás<sup>41</sup>.



Figura 17 – Entrada da Fazendinha JK.

Fonte: *Blog Cabrest – O que acontece no mundo.*<sup>42</sup>

Aliado a esses bens naturais, existem inúmeros pesque-pagues e hotéis fazenda que podem proporcionar uma interessante experiência na cidade.

Luziânia conta ainda com uma boa infra-estrutura turística em relação à hospedagem e à alimentação. Possui hotéis e pousadas para todos os níveis sociais, tem inúmeros restaurantes, pizzarias, bares e lanchonetes, alguns especializados na culinária goiana, e outros bem tradicionais, como o “Antigamente” e o “Casarão” que ficam no centro histórico.

O município tem ainda um aeroclube e um parque de exposições agropecuárias, onde são realizados diversos eventos.

O Secretário de Turismo, Écio Mendonça, relata as dificuldades que vem encontrando para tornar Luziânia uma cidade com poder de atratividade turística:

---

<sup>40</sup> Fonte: Mercedes Benz de Juscelino Kubitschek ganha restauração. Disponível em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/05/01/interna\\_cidadesdf,189904/index.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/05/01/interna_cidadesdf,189904/index.shtml)> Acesso em 20 mar, 2014.

<sup>41</sup> Fonte: Versão preliminar para consulta pública do Plano de Cultura do Estado de Goiás. Disponível em: <<http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2013-04/plano-estadual-de-cultura-goias---versao-preliminar-para-consulta-publica.pdf>> Acesso em 20 mar, 2014.

<sup>42</sup> Fonte: Fazenda que pertencia a JK terá que ter características preservadas. Disponível em: <<http://cabresto.blogspot.com.br/2012/05/fazenda-que-pertencia-jk-tera-que-ter.html>> Acesso 20 mar, 2014.

Quando começamos nem existia a secretaria, tudo que estamos fazendo agora, não está aparecendo por que não tinha nada. Se cada um viesse fazendo um pouquinho de cada coisa, já teríamos um pouco feito, mas estamos passando por essas dificuldades, tendo que começar do zero. Não tinha um conselho de turismo, e agora já tem. Só tem um ano e dois meses que assumi a secretaria. Nós estamos fazendo de tudo para que o turismo seja divulgado, para ser mostrado, para ser considerado na cidade. Para mostrar que Luziânia existe nessa área.<sup>43</sup>

Grande parte dos bens ligados ao patrimônio histórico cultural, com potencial para o desenvolvimento da atividade turística em Luziânia, estão localizados no centro histórico. Isso pode servir de ponto de partida para o desenvolvimento do turismo na cidade.

Lá se encontram alguns dos patrimônios materiais, como a Igreja do Rosário, a Casa da Cultura Rui Carneiro, a Cruz do Desbravador, que é o marco inicial do povoado, e inúmeros casarões em estilo colonial. Ao andar por estas ruas é possível ter a sensação de se estar caminhando em ruas de séculos passados, com todo o estilo colonial e ruas de bloquetes. Além das igrejas e do centro histórico, outros locais também merecem ser visitados em Luziânia. Segue um breve levantamento dos principais pontos culturais e turísticos da cidade:

#### 2.4.1. A Igreja Matriz de Santa Luzia

A Igreja Matriz de Santa Luzia surgiu da necessidade de se ter um templo religioso para os brancos, já que, naquela época (fim do séc. XVIII) brancos e negros não se misturavam.

Ela começou a ser construída em 1765, projetada pelo arquiteto português José Lopes da Silva, com apoio do engenheiro Manoel de Bastos Nerva, e foi inaugurada em 1767, mesmo inacabada.

Há relatos que a obra foi concluída apenas em 1772 e a primeira missa, ainda nas minas de Santa Luzia, foi celebrada pelo Padre Luiz da Gama Mendonça com a participação de 600 pessoas.<sup>44</sup> A história da Igreja de Santa Luzia é repleta de transformações, como se retrata neste trecho de Meireles e Pimentel (1996):

---

<sup>43</sup> Entrevista concedida pelo Secretário de Turismo, Écio Carlos de Mendonça, em 28 de março de 2014.

<sup>44</sup> Fonte: Uma paróquia com história. Disponível em: <[http://www.paroquiastaluzia.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=395&Itemid=563](http://www.paroquiastaluzia.org/index.php?option=com_content&view=article&id=395&Itemid=563)> Acesso em: 20 mar, 2013.

Em 1772 deu-se começo à construção das duas torres da matriz, segundo planta do arquiteto João Duarte, observando-se as seguintes medidas: do chão do telhado, 18 metros; do telhado até a peanha, 6 ½ metros e da peanha ao cimo da cruz 4 metros e 30 centímetros; tudo em um total de 28 metros e 80 centímetros. A torre da esquerda desabou em data de 02.02.1914, e a da direita foi demolida até ao meio, em agosto de 1919. Na atualidade ela pouco traz de sua pujança inicial. Em seu interior encontram-se dois altares laterais, um do meado do século XVII e o outro do século XVIII, restaurados recentemente (MEIRELES E PIMENTEL, 1996, p. 24).

As duas torres laterais só ficaram prontas em 1778. Em 1914 a torre esquerda desabou e, por questão de segurança, a da direita também foi demolida, para mais tarde ser reconstruída.

Em 1928 a Igreja passou por uma reforma que retirou sua estrutura colonial, incluindo características mais modernas. Foi colocado um lustre em seu interior, uma imagem do Divino Espírito Santo sobre o altar, o altar de Cristo foi modificado e foram inclusas imagens dos evangelistas ao fundo, além da cor interna e externa que foi modificada.

Tormin (2004, p. 15) comenta sobre como a igreja se faz presente na vida diária da comunidade: “A torre da igreja matriz levava aos moradores informações comunitárias como, a hora da missa, quem havia morrido etc.”.

A Igreja de Santa Luzia, também conhecida como Igreja Matriz, é a responsável, junto à comunidade, pela organização da Festa do Divino Espírito Santo. É nela que se realizam as reuniões de preparação, as missas solenes e de onde partem as procissões nos dias de festa.



Figura 18 – Detalhe do altar da Igreja Matriz de Santa Luzia.  
Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.



Figura 19 – Imagem externa da Igreja Matriz de Santa Luzia.  
Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.



Figura 20 – Imagem interna da Igreja Matriz de Santa Luzia.

Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.



Figura 21 – Imagem de Santa Luzia na Igreja Matriz de Santa Luzia.

Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.

#### 2.4.2. A Igreja do Rosário

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário ou, como foi conhecida, a Igreja dos Homens Pretos de Luziânia, foi erguida no século XVIII, entre 1761 e 1763, por Manoel Bastos Nerva e mais de quatrocentas pessoas da raça negra, livres e escravos.

Como nos conta Joseph de Mello Álvares (1996, p. 30) “a igreja possui uma memória repleta de lendas e acontecimentos importantes para a história de Luziânia”.

Há relatos de que o principal objetivo de sua construção foi incentivar a manifestação religiosa entre os negros e evitar possíveis revoltas entre eles. Dizem também que haveria ouro enterrado embaixo dela, além de restos mortais, como conta o famoso historiador da cidade Gelmires Reis (1979). Ele afirma que somente pessoas nobres e de famílias ricas podiam ser enterradas lá.

O historiador fala também sobre a grande quantidade de escravos no município nesta época: “Em 1763, Santa Luzia numerava uma população de 16.529 pessoas, sendo 12.984 escravos” (REIS, 1925, p. 21). Ele comenta sobre a numeração que se vê gravada no piso da igreja. Há indícios de que estes fazem menção ao número de túmulos de pessoas enterradas e, entre estes corpos, estaria o de José Pereira de Souza, o único homem executado em Luziânia em 1861 (REIS, 1925).

A igreja de Nossa Senhora do Rosário é uma das poucas construções da região que conserva os traços típicos das igrejas coloniais. O seu assoalho central foi erguido com uma elevação de uns dez centímetros e é separado por um balaústre de jacarandá negro. Foram ainda criados espaços laterais que serviam para acomodar os homens de maior projeção social. Outro ponto interessante e curioso sobre a construção do templo é que a sua porta de entrada foi feita voltada para o sul, já que a fachada da Igreja Matriz de Santa Luzia era voltada para o norte.

Sua história conta com inúmeras reformas sendo, inclusive, interdita por algum tempo por risco de desabamento. Em uma dessas reformas, em 1934, o frei dominicano Gabriel Maria de Menezes realizou algumas alterações na sua estrutura, como a diminuição da altura das torres, retirada de parte do cômodo por trás do altar e metade das salas laterais, foi demolido um púlpito e construídos mais cinco nichos para imagens (como já havia um, ficaram três de cada lado da capela), além da

retirada de altares, um com imagem de Santa Luzia que foi transferido para a Igreja Matriz de Santa Luzia.

A importância da igreja para a cidade vai além do cunho religioso, já que esta igreja representa um símbolo de cultura, memória e identidade para os cidadãos luzianiense, assim como afirma Choay (2006, p. 18) o monumento visa “preservar a identidade de uma comunidade étnica, religiosa, nacional, tribal ou familiar”.

A igreja do Rosário é o único monumento tombado no município pelo Patrimônio Histórico Estadual, de acordo com a Lei 8.915, de dezembro de 1980. Sua última restauração foi em 2011, em uma parceria do IPHAN com o Governo de Goiás e a Prefeitura Municipal.

De acordo com o artigo 8º da lei de tombamento da igreja, é dever da Fundação Cultural de Goiás:

Art. 8º - [...], cabe à Fundação Cultural de Goiás a escrituração e guarda dos Livros do Tombo Estadual, bem como as providências e medidas que visem à conservação, restauração e preservação dos bens culturais do Estado e da memória goiana (GOIÁS, 1980).

A Igreja do Rosário está localizada no centro histórico da cidade e faz parte dos espaços utilizados durante a realização das festas tradicionais da cidade. Ela fica aberta diariamente para visitação e possui horários específicos para a realização das missas.



Figura 22 – Imagem externa da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.



Figura 23 – Imagem interna da Igreja Nossa Senhora do Rosário.  
Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.



Figura 24 – Detalhe do Altar da Igreja Nossa Senhora do Rosário.  
Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.



Figura 25 – Imagens de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na Igreja do Rosário.  
 Fonte: Página do facebook da Igreja Nossa Senhora do Rosário, 2013.<sup>45</sup>



Figura 26 – Imagem de São Benedito na Igreja de Nossa Senhora do Rosário.  
 Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.

<sup>45</sup> Fonte: Página do Facebook: Nossa Senhora do Rosário. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1403880469841578&set=a.1403878699841755.1073741833.100006589146513&type=3&theater>> Acesso em 30 nov, 2013.



Figura 27 – Imagem do Sagrado Coração de Jesus na Igreja de Nossa Senhora do Rosário.  
Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.

### 2.4.3. A Casa da Cultura Rui Carneiro

A Casa da Cultura é uma instituição de grande importância na preservação histórica do município de Luziânia-GO e pode ser considerada como o único museu da cidade.

Lá se encontra preservado grande parte do seu acervo histórico e cultural, com objetos, fotos antigas e cópia de documentos. Este espaço tem grande representatividade para a cultura local, recebendo muitas pessoas por semana, além da frequente visita de alunos das escolas públicas e particulares.

O imóvel onde hoje está localizado a Casa da Cultura Rui Carneiro foi fundado em 29 de setembro de 1979, no centro histórico de Luziânia, e recebeu este nome durante a administração do prefeito Walter José Rodrigues, em homenagem

ao cidadão luzianiense Rui Carneiro, que foi microempresário, advogado militante e professor de Direito.<sup>46</sup>

A casa foi erguida em madeira, principalmente a aroeira, adobe, pedra e barro. A planta segue o padrão da arquitetura bandeirista, com a porta principal voltada para a rua e acesso à sala por um amplo corredor e vários cômodos, que se destinavam aos quartos e à varanda. A área do quintal já foi utilizada para o cultivo de hortas domésticas, árvores frutíferas, flores e criação de pequenas aves. Porém, hoje o que se vê é uma área abandonada e com mato alto aos arredores.

Em depoimento, Wilter Coelho contou como foi o processo de busca e constituição do acervo da Casa da Cultura:

Fui diretor da Casa da Cultura, na verdade nos montamos a Casa da Cultura na década de 90. Que era uma outra história. (...) Na década de 90, foi uma questão de fragmentos, tinha material e imaterial, tinha coisas ligadas à dança, a essa cultura imaterial também, mas naquele momento não interessava. Interessava o regate de patrimônio histórico. Começou pela visita. Começamos a visitar moradores antigos de Luziânia, gente com 80, 90 anos, quanto mais velho melhor. Tinha uma senhora que eu visitava Dona Nenê, que naquela época tinha 100 anos, uma riqueza. Ela tinha cada tirada impressionante! Eu passei a visitar essas pessoas, por que eu queria entrar pela imagem. Como o patrimônio material imobiliário da região não tinha sido preservado, já tinha passado, tinha pouca coisa ali na rua do rosário, mas a maioria já tinha ido, ai eu pensei, vamos preservar a história visual, então eu comecei a visitar essas pessoas antigas pedindo fotos.<sup>47</sup>

A partir destas primeiras fotografias se formou o acervo da casa e, anos depois, foi dividida em salas temáticas, como a Sala das Cavalhadas, a Sala dos Foliões e o Memorial Gelmires Reis, além de objetos e fotografias espalhadas por todos os cômodos.

A casa da cultura funciona diariamente, de 8h às 17h, inclusive nos fins de semana e feriados.

---

<sup>46</sup> Fonte: Casa da Cultura – História, Tradição, Cupins e Traças. Disponível em: [http://ong-protegerlza.blogspot.com.br/2011/06/casa-da-cultura-historia-tradicao\\_8217.html](http://ong-protegerlza.blogspot.com.br/2011/06/casa-da-cultura-historia-tradicao_8217.html) Acesso em 19 jul, 2012.

<sup>47</sup> Entrevista concedida por Wilter Coelho, morador de Luziânia, em 29 de março de 2014.



Figura 28 – Casa da Cultura Rui Carneiro.  
Fonte: Autoria própria.



Figura 29 – Sala Gelmires Reis na Casa da Cultura de Luziânia.  
Fonte: Autoria própria.



Figura 30 – Sala das Cavalhadas na Casa da Cultura de Luziânia.  
Fonte: Autoria própria.



Figura 31 – Sala das Cavalhadas na Casa da Cultura de Luziânia.  
Fonte: Autoria própria.



Figura 32 – Sala das Cavalhadas na Casa da Cultura de Luziânia.  
Fonte: Autoria própria.

#### 2.4.4. Centro Cultural José Dilermando Meireles

O Centro Cultural José Dilermando Meireles abriga a Academia de Letras e Artes do Planalto. É um casarão colonial que pertenceu ao advogado, escritor e ilustre morador da cidade, José Dilermando Meireles, fundado em 1976, com a intenção de apoiar e preservar a cultura do Planalto Central.

Seu objetivo é incentivar as produções artísticas na literatura e nas artes, e conservar as tradições do município e de toda a região de Goiás.

No Centro Cultural estão abrigadas pinturas do artista Aluísio Santana, em óleo sobre tela, com a imagem de diversos escritores de destaque do Planalto Central. Há ainda uma biblioteca com inúmeros livros de autores locais, entre eles as obras de Gelmires Reis, Joseph de Mello Álvares e Antônio Pimentel.

O centro deveria funcionar como um espaço cultural, porém não possui verba para desenvolver nenhum projeto. Na biblioteca os livros não são catalogados e ela não possui bibliotecário, apenas um estagiário que faz um serviço voluntário.

O Centro fica aberto de segunda a sexta, das 08h30min às 11h30min e de 14h30min às 17h30min.



Figura 33 – Centro Cultural José Dilermando Meireles.  
Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013

#### 2.4.5. A Praça Raimundo de Araújo Melo

A Praça Raimundo de Araujo Melo, mais conhecida como a Praça das Três Bicas, é outro ponto turístico da cidade que existe desde 1752, mesma época em que foi instituída a festa do Divino Espírito Santo na cidade.<sup>48</sup> Lá se encontram fontes de águas naturais, diversos peixes num mini lago e um grande viveiro para pássaros e outros pequenos animais.

Os painéis do pintor Dirso José de Oliveira, morador da cidade, mais conhecido como D. J. Oliveira é uma das atrações da praça. É uma obra feita em azulejos vitrificados, que retratam um pouco da história e da cultura da antiga cidade de Santa Luzia. Nos painéis estão retratados bandeirantes, índios, escravos, a Igreja do Rosário, a Igreja de Santa Luzia, a Festa do Divino dentre outros elementos.

Existem ainda outros painéis de D. J. Oliveira espalhados por Luziânia. Um deles fica na base do Cristo Redentor da cidade, próximo à Feira do Produtor e da rodoviária, outro mural pode ser visto no Ginásio de Esportes.

<sup>48</sup> Fonte: Símbolo de Luziânia. Disponível em: <<http://www.cml.go.gov.br/simbolos-de-luziania/>> Acesso em 10 fev. 2014.

Na praça há também uma obra de concreto com base triangular entre os dois painéis, representando figuras humanas, que remetem às três raças formadoras da civilização local, como nos conta José Silva (2007).

Recentemente a praça foi totalmente revitalizada e foram criados espelhos d'água ao redor dos painéis para evitar assim a ação de vândalos que vinham destruindo a obra.



Figura 34 – Painéis de D. J. Oliveira na Praça Raimundo de Araújo Melo.  
Fonte: Autoria própria.



Figura 35 – Painéis de D. J. Oliveira na Praça Raimundo de Araújo Melo.  
Fonte: Autoria própria.



Figuras 36, 37 e 38 – Praça Raimundo de Araújo Melo.  
Fonte: Autoria própria.



Figura 39 – Praça Raimundo de Araújo Melo.  
Fonte: Autoria própria.

#### 2.4.6. Praça Evangelino Meireles

A Praça Evangelino Meireles foi totalmente reconstruída em 2011. No novo modelo de praça suspensa foram feitos: um viaduto, estacionamentos, banheiros, ponto de táxi e um posto policial na parte inferior. Na parte superior foi construído um espaço de lazer, com concha acústica, banquinhos, jardins e postes de luz. Há também bancas para o funcionamento de uma feirinha, porém, estão interdidas. Ao redor da praça estão localizadas diversas agências bancárias, comércio variado e inúmeras drogarias.

Mesmo tendo sido reformada recentemente, é possível ver diversas rachaduras na estrutura da praça. De acordo com laudo da Defesa Civil, o Ministério

Público chegou a pedir a sua interdição por risco de desabamento.<sup>49</sup> A empresa responsável pela obra prometeu realizar a reforma, mas ainda hoje a praça continua com alguns espaços interditados.



Figura 40 – Praça Evangelino Meireles  
Fonte: Victor Lourenço, 2014<sup>50</sup>.

#### 2.4.7. Centro de Cultura e Convenções

O Centro de Cultura e Convenções Professora Abigail Brasil da Silveira é uma obra que foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, especialmente para Luziânia, e foi inaugurado em junho de 2008.

O prédio é um grande centro cultural e conta com diversas salas independentes. Há espaços para apresentações artísticas nas áreas internas e externas, espaços para exposições, além de auditório, teatro, uma biblioteca com cerca de 30 mil livros e computadores com acesso à internet.

<sup>49</sup> Fonte: Praça suspensa é interditada por causa de rachaduras. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/08/praca-suspensa-e-interditada-por-cao-de-rachaduras-em-goias.html>> Acesso em 10 fev, 2014.

<sup>50</sup> Fonte: Panoramio. Disponível em: <[http://www.panoramio.com/photo\\_explorer#view=photo&position=789&with\\_photo\\_id=55931396&order=date\\_desc&user=3544905](http://www.panoramio.com/photo_explorer#view=photo&position=789&with_photo_id=55931396&order=date_desc&user=3544905)> Acesso: 10 fev, 2014.

O centro possui um enorme potencial para a realização de eventos, como encontros, feiras, seminários, entre outros. Ele está localizado em frente à Prefeitura Municipal e funciona diariamente de 8h00 às 22h00.



Figura 41 – Centro de Cultura e Convenções Prof.ª Abigail Brasil Silveira

Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013



Figura 42 – Centro de Cultura e Convenções Prof.ª Abigail Brasil Silveira

Fonte: Jornalista José Sidney Rocha, acervo pessoal, 2013.

#### 2.4.8. O Cristo Redentor

Em um dos pontos mais altos do município, ao lado da rodoviária e próximo à Feira do Produtor, está situada a réplica do monumento Cristo Redentor. A estátua está edificada sobre um pedestal com obras do artista D. J. Oliveira que se

encontram totalmente danificadas. De lá é possível ter uma visão panorâmica da cidade.



Figura 43 – Cristo Redentor de Luziânia.  
Fonte: Autoria própria.

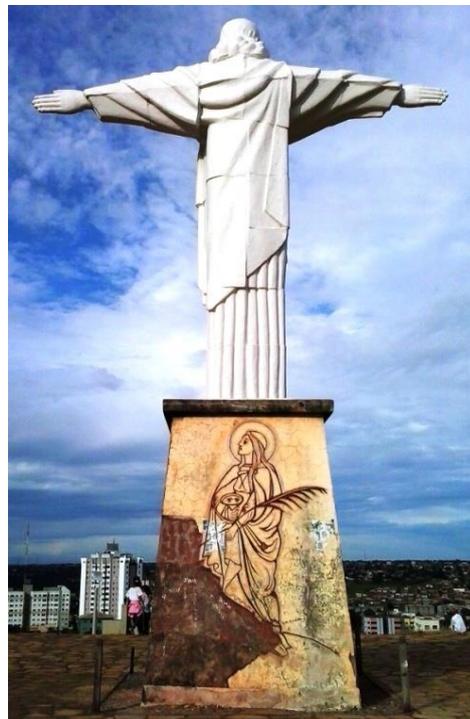


Figura 44 – Cristo Redentor de Luziânia.  
Fonte: Autoria própria.

### III. AS FESTAS RELIGIOSAS

As celebrações sempre estiveram presentes na vida do homem. Desde a antiguidade se tem registros desses encontros, de grupos diversos, que celebram algo, por algum motivo e, muitas vezes, relacionando estas comemorações a algum tipo de santidade. Desta forma, as festas religiosas foram se perpetuando ao longo dos séculos e tornaram-se tradicionais.

Para Lorene Ferreira (2009, p. 17) a comemoração religiosa “é um momento de celebração da vida, que rompe o ritmo monótono do cotidiano e permite a vivência de afetos e emoções”. Martha Abreu (2002) afirma que as festas em homenagem aos santos padroeiros sempre foram momentos significativos na vida das cidades. Ao longo da história da humanidade elas sempre foram consideradas de muita importância para as comunidades:

As festas constituem um dos principais momentos do catolicismo popular. É difícil imaginar o cotidiano de uma pequena cidade brasileira sem as agitações das novenas, santas missões, acompanhamentos e procissões. Essas são algumas expressões de religiosidade que acabam por se tornar um grande instrumento para se compreender a sociedade na qual estão inseridas (SANTOS E NUNES, 2005 p. 98).

Estas expressões religiosas sempre tiveram forte poder de influenciar na formação da identidade dos povos. Ricardo Luiz de Souza (2013, p. 16) conta que “as festas católicas foram fundamentais, ainda, no sentido de construir uma identidade compartilhada pelos fiéis, em substituição a uma identidade nacional ainda inexistente”.

O autor cita Jurkevics<sup>51</sup> (2005 apud SOUZA, 2013) para explicar essa influência católica na formação da identidade. Para ele:

Algumas das festas religiosas que atualmente movimentam milhões de devotos por todo país são heranças do que foi chamado de religiosidade colonial ou catolicismo popular, enquanto outras foram sendo incorporadas no calendário religioso, ao longo da história brasileira.

O catolicismo popular foi compreendido por Souza (2013, p. 6) como:

---

<sup>51</sup> JURKEVICS, Vera Irene. **Festas religiosas: a materialidade da fé. História: questões & Debates**, n. 43. Curitiba: Editora UFPR, 2005

O catolicismo popular é uma expressão cultural, além de religiosa, e muda de forma e de posição a partir das transformações ocorridas no contexto cultural mais amplo do qual faz parte. É dinâmico e é historicamente constituído, não sendo necessariamente avesso à modernidade, como alguns de seus estudiosos mais conservadores querem fazer acreditar.

Há muito tempo se busca definir o que são estas celebrações e as formas de registrá-las como uma maneira de garantir a sua continuidade. Elas já foram interpretadas de diferentes formas e interferem diretamente no sentido que a comunidade dá à sua cidade.

O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial<sup>52</sup>, instituído pelo Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, definiu as celebrações e as formas de expressão como:

[...] ritos e festividades associados à religiosidade, à civilidade e aos ciclos do calendário, que participam fortemente da produção de sentidos específicos de lugar e de território. As formas de expressão são formas não-lingüísticas de comunicação associadas a determinado grupo social ou região, traduzidas em manifestações musicais, cênicas, plásticas, lúdicas ou literárias (BRASIL, 2000).

Entre os bens que integram os patrimônios imateriais brasileiros que já foram reconhecidos por seu valor excepcional e registrados no Livro das Celebrações, estão<sup>53</sup>:

- 1- O Círio de Nazaré, no Pará;
- 2- O Ritual Yaokwa do povo indígena Enawene Nawe, no Mato Grosso;
- 3- A Festa de Sant'Ana de Caicó, no Rio Grande do Norte;
- 4- O Complexo Cultural do Bumba-meu-boi, do Maranhão;
- 5- A Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim, em Salvador/BA;
- 6- A Festa do Divino em Paraty/RJ;
- 7- A Festa do Divino Espírito Santo, de Pirenópolis.

Como afirma Ivan Aragão e Janete Macedo (2011, p. 401) estas festas religiosas “além de celebrar momentos especiais, [...] mantêm viva a tradição das

<sup>52</sup> Fonte: Programa Nacional do Patrimônio imaterial. Disponível em: [http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/documento\\_programa\\_nacional\\_do\\_patrimonio\\_imaterial.pdf](http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/documento_programa_nacional_do_patrimonio_imaterial.pdf) Acesso em 12 de dezembro de 2012.

<sup>53</sup> Fonte: IPHAN - Bens Culturais Registrados. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/indexE.jsf> Acesso em 29 jan, 2014.

comemorações dentro dos espaços das cidades coloniais, possibilitando assim, que os acontecimentos festivos, tornem-se um verdadeiro patrimônio cultural”.

No momento em que estas festas são realizadas, a intenção é de que tanto a comunidade quanto os turistas possam reconhecer o valor deste patrimônio imaterial e, a partir dessas representações, passem a conhecer a cultura daquele local.

Leenhardt e Pesavento (1998) afirmam que as representações podem tornar presente aquilo que é ausente. E concluem dizendo que “a representação, pois, enuncia um ‘outro’ distante no espaço e no tempo, estabelecendo uma relação de correspondência entre ser ausente e ser presente [...]”. Esta sensação é vivenciada pelos participantes das festas religiosas de Luziânia, como pode ser confirmado na fala de José Álfio da Silva, quando este comenta sobre as representações que as festas retomam:

Eu comecei a participar dessas festas aqui na Matriz, e ai tinha a banda de música que tocava, tinha o leilão, e eles anunciavam a festa na torre da Matriz. Ai sempre passava uma música, o dobrado, sabe, que todo mundo entrava no clima da festa. Às vezes você até esquecia o mês, a data da festa, mas a música te trazia, remetia a essa questão das festas.<sup>54</sup>

Não só no Brasil, como em todo o mundo, se têm registro destas celebrações e manifestações culturais que reúnem milhares de pessoas todos os anos.

Em Goiás, há inúmeras festas religiosas que fazem parte do patrimônio intangível das cidades, como explícito no Plano de Cultura do Estado de Goiás.<sup>55</sup> Este documento afirma que praticamente por todo o Estado há festas e cultos religiosos que misturam fé e folclore, quase sempre herança da colonização portuguesa e da fé católica.

Pode-se observar em várias cidades do Brasil, e em Luziânia, a forte influência que estas celebrações de cunho religioso, quando vinculadas ao patrimônio histórico, podem possuir nas relações sociais e no desenvolvimento turístico das cidades, já que, há muitos anos, estas festas religiosas movimentam milhares de pessoas por todo o mundo.

---

<sup>54</sup> Entrevista concedida por José Álfio da Silva, morador e participante das festas religiosas de Luziânia, em Luziânia, em 27 de março de 2014.

<sup>55</sup> Fonte: Versão preliminar para consulta pública do Plano de Cultura do Estado de Goiás. Disponível em: <http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2013-04/plano-estadual-de-cultura-goias---versao-preliminar-para-consulta-publica.pdf> Acesso em 20 mar, 2014.

Assim, é possível perceber a intensa relação que estas festas religiosas podem ter com a ascensão de um turismo local. Lucas<sup>56</sup> (2003, apud MENEZES, 2008, p. 6) confirma que dramatizações, realizações de bailes e musicais, celebração de festas populares e religiosas são algumas atividades que valorizam a experiência do visitante no lugar. Logo, todas estas manifestações tornam-se objetos do turismo.

Algumas destas festas religiosas se repetem em vários estados brasileiros e a data varia de acordo com a região onde elas acontecem. Em alguns casos, até os rituais permanecem iguais.

A seguir um breve levantamento com as principais festas religiosas que acontecem no Brasil durante todo o ano:

<b>FESTA</b>	<b>ESTADO</b>
Festa de Bom Jesus dos Navegantes	BA / SE
Festa dos Santos Reis	PE
Festa do Bonfim	BA
Festa de São Sebastião	ES
Festa de Iemanjá	BA
Semana Santa	-
Procissão do Fogaréu	GO
Festa de Nossa Senhora dos Prazeres	PE
Festa de Nossa Senhora da Penha	ES
Festa de São Benedito	MT
Festa de Nossa Senhora da Piedade	AP
Festa de Nossa Senhora das Neves	PB
Romaria de Bom Jesus da Lapa	BA
Festa de São José de Ribamar	MA
Festa do Rosário	MG/GO
Círio de Nazaré	PA
Festa de Nossa Senhora de Aparecida	SP
Festa do Padre Cícero	CE
Festa de Santa Bárbara	BA

<sup>56</sup> LUCAS, S. M. M. **Vale a Pena Preservar**. Turismo Cultural e Desenvolvimento Sustentável. 2003.

Festa de Nossa Senhora do Rocio	PR
Festa do Santo Cristo de Ipojuca	PE

Tabela 2 – Festas religiosas católicas que acontecem no Brasil.  
 Fonte: Site Rede Globo.<sup>57</sup>

Como pode se observar, estas festas são expressões artísticas e simbólicas, com caráter religioso, que estão presentes em todas as regiões do Brasil. Entre as celebrações que possuem mais destaque e que movimentam o maior número de pessoas, estão o Círio de Nazaré, que acontece em Belém, a Festa do Senhor do Bonfim na Bahia, e a Procissão do Fogaréu em Goiás.



Figura 45 – Círio de Nazaré, em Belém no Pará.  
 Fonte: Site do Círio de Nazaré.<sup>58</sup>

<sup>57</sup> Fonte: De Norte a Sul do país, comemorações atraem todo ano milhões de fieis. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/acao/noticia/2013/01/confira-algumas-das-festas-religiosas-que-acontecem-no-brasil.html>> Acesso em: 17 dez, 2013.

<sup>58</sup> Fonte: Círio de Nazaré – Galeria. Disponível em: <<http://www.ciriodenazare.com.br/galeria/>> Acesso em 17 dez, 2012.



Figura 46 – Festa do Senhor do Bonfim na Bahia.  
Fonte: Rádio Jornal de Itabuna.<sup>59</sup>



Figura 47 – Procissão do Fogaréu em Goiás.  
Fonte: Encantos do Cerrado.<sup>60</sup>

O município de Luziânia ainda vive um processo de desenvolvimento quando se refere à relação entre as festas religiosas, a cultura e o turismo local. A própria comunidade não consegue reconhecer o valor de seus patrimônios tangíveis e intangíveis com potenciais para a ascensão de um turismo cultural local. Os participantes das festas de Luziânia comentam que, na cidade, estas celebrações

<sup>59</sup> Fonte: Rádio Jornal de Itabuna. Disponível em: <[http://radiojornaldeitabuna.com.br/default.php?pagina=blog.php&site\\_id=657&pagina\\_id=14960&tipo=post&post\\_id=354](http://radiojornaldeitabuna.com.br/default.php?pagina=blog.php&site_id=657&pagina_id=14960&tipo=post&post_id=354)> Acesso em 10 mai, 2014.

<sup>60</sup> Fonte: Encantos do Cerrado. Disponível em: <<http://encantosdocerrado.com.br/n/9414>> Acesso em: 10 mai, 2014.

ainda possuem um caráter mais comunitário, como nos conta o zelador da igreja do Rosário João Victor Ribeiro: “Geralmente são as famílias tradicionais da cidade, juntamente com a comunidade que organizam e participam das festas”.<sup>61</sup>

As famílias tradicionais, mais antigas na cidade, são figuras influentes na construção das festas de Luziânia, José Álfio da Silva reafirma a fala de João Victor sobre a participação comunitária nas festas ao dizer que:

A festa do Divino e a festa do Rosário mantêm viva a tradição por que os filhos dos festeiros continuam alimentando essas festas, mas elas não têm uma força nacional igual o Círio de Nazaré, por exemplo, que além de ser religiosa é cultural, é turística. Por que a cidade tem o Círio, mas tem outras opções culturais.<sup>62</sup>

Observa-se nesta fala de José Álfio da Silva que os moradores de Luziânia ainda não conseguem enxergar os patrimônios culturais da cidade como bens potenciais para o desenvolvimento da atividade turística no município. Embora ainda haja um sentimento de pertencimento comunitário destes bens, percebe-se nas falas uma descrença quanto ao seu valor turístico, principalmente quando elas se referem às festas tradicionais.

Estas celebrações com caráter religioso, nos termos de Leenhardt e Pesavento (1998), possuem o poder de introduzir este reencontro espiritual, são formas de expressão cultural e espiritual, são representações, pois permitem o reencontro com o ausente. Teixeira (2008, p. 9) diz que, moralidade e espiritualidade, exercidas de forma rudimentar e fluida, “geram sentimentos de reciprocidade e de gratidão que atuam na perpetuação das crenças e respectivas práticas”, o que justifica a realização da Festa do Divino e a Festa de Nossa Senhora do Rosário que acontecem em Luziânia há mais de dois séculos.

A estudante Karina da Silva, participante assídua das festas, comenta sobre esta relação de tradição e fé:

As festas são tradições e ajudam a manter vivo o costume de podermos vivenciar momentos de fé e confraternização entre nossa comunidade

---

<sup>61</sup> Entrevista concedida por João Victor Ribeiro, zelador da igreja e organizador da festa do Rosário em Luziânia, em 28 de janeiro de 2014.

<sup>62</sup> Entrevista concedida por José Álfio, morador e participante das festas religiosas de Luziânia, em 27 de março de 2014.

religiosa e os moradores do nosso bairro e de toda a cidade. É realmente um momento agradável.<sup>63</sup>

A auxiliar administrativa, Angélica Moreira, corrobora com o pensamento da estudante em relação ao sentido de tradição que as festas carregam em si, quando diz que: “Considero as festas patrimônio, porque é uma tradição que vem de geração para geração, desde meus antepassados já iam à festa e faziam parte dos foliões.”<sup>64</sup>

O estudante, Lucas Pires, também compartilha da idéia de que as festas religiosas de Luziânia são tradicionais e importantes para a memória da cidade e para o exercício da fé: “Há muito tempo já existem essas festas, é um momento de viver e compartilhar a nossa fé. Elas passaram a ser como tradição e fazem parte da história da cidade.”<sup>65</sup>

Pode-se, então, relacionar as falas dos participantes ao pensamento de Curado e Lobo (2005, p. 12) quando este afirma que “as celebrações e festas religiosas locais sempre fizeram parte do imaginário popular e constitui elemento importante da tradição da cidade”. Assim, as festas de Luziânia são tradições culturais que se mantêm vivas graças ao apoio popular que vêm recebendo ao longo dos anos.

Estas celebrações são, então, construídas pelo povo, e constituem-se como parte da cultura local, além de influenciarem diretamente em outros aspectos como a economia e a política da cidade. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2001, p. 10) explica que estas celebrações são consideradas importantes fatos culturais:

Os fatos da cultura são sempre processos sociais totais, isto é. Abarcam e imbricam diferentes aspectos da realidade em sua realização (aspectos econômicos, sociais, políticos, jurídicos, morais, artísticos, religiosos entre outros), e são capazes de articular em seu interior valores prévios e a consideração dos processos culturais populares a partir de seus próprios termos. Isto nos dá a chance de compreendê-lo, fazendo jus a sua contemporaneidade e à riqueza artística e humana por eles veiculada.

Entende-se, então, que há um envolvimento de toda a sociedade para que estes fatos culturais e sociais possam se concretizar tornando estas performances

---

<sup>63</sup> Entrevista concedida por Karina da Silva, participante das festas de Luziânia, em 11 de fevereiro de 2014.

<sup>64</sup> Entrevista concedida por Angélica Moreira, participante das festas de Luziânia, em 05 de fevereiro de 2014.

<sup>65</sup> Entrevista concedida por Lucas Pires, participante das festas de Luziânia, em 12 de fevereiro de 2014.

humanamente e artisticamente mais ricas. Teixeira (2008, p. 10) acredita que elas “constituem um repertório que somente pode ser transmitido através dos corpos dos seus praticantes, se encaradas sob o ponto de vista do comportamento expressivo”.

O Ministério do Turismo (BRASIL, 2010) afirma que, nas cidades que ainda estão em processo de desenvolvimento turístico, a preservação das festas, depende da compreensão e da valorização dos empreendimentos locais, no sentido de respeitar e promover essas formas de expressão da religiosidade popular. Em Luziânia essa valorização ainda parece caminhar a passos lentos.

Não é tarefa simples entender estes fatos culturais e sociais, que são históricos e complexos, Cavalcanti (2001, p. 5) diz que é preciso vê-los sem preconceitos e em sua integralidade, a autora acredita que “a cultura e o saber popular são poderosos diluidores de fronteiras [...], eficazes canais de comunicação humana, a romper barreiras entre diferentes grupos, camadas e classes sociais”.

Assim, as festas religiosas sempre cumpriram um papel, mesmo que veladamente, de unificação entre as classes sociais, já que, durante os festejos, todos tinham espaço, brancos, negros, livres e escravos. Abreu (2002, p. 71) conta que nos festejos do Divino no Rio de Janeiro, em 1851, após as 23 horas as “famílias honestas” se retiravam e a festa continuava com “negros, negras, mulatos, mulatas, mulatas livres e cortesãs de baixa categoria (...) transformando-se numa orgia.”.

Cada grupo social possui traços culturais específicos à sua realidade, por isso se deve pensar em todo o conjunto cultural, não apenas os arquitetônicos, mas também a religião, as festas, a linguagem, os modos de ser, entre outros aspectos culturais intangíveis, de forma a integrar cultura, patrimônios e turismo, agregando valor àquilo que a cidade possui de mais valioso. Assim como diz Fonseca (2009), é não há sombra de dúvidas de que o patrimônio não é constituído somente de edificações e peças de museus.

A UNESCO (2003) afirma que os costumes e credices são umas das expressões mais antigas e ricas relacionadas à natureza e ao universo, capazes de movimentar milhares de pessoas que buscam por essas manifestações, tornando-as o principal atrativo de algumas localidades. Viajar em busca desses patrimônios, além de ser um prazer, é um estímulo a imaginação. Onfray (2009, p. 14) expõe que “viajar supõe, portanto, recusar o emprego do tempo laborioso da civilização em

proveito do lazer inventivo e alegre”, para ele “a arte da viagem induz uma ética lúdica”.

Dentre os patrimônios intangíveis de Luziânia estão as festas religiosas que atraem muitos visitantes para lá. Normalmente, no mês de maio, acontece a Festa do Divino Espírito Santo e, entre setembro e outubro, a Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que são comemoradas juntas devido à proximidade das datas dos dois santos. O dia de São Benedito é cinco de outubro e Nossa Senhora do Rosário sete de outubro.

Estas festas populares e tradicionais sempre tiveram um papel no desenvolvimento da cultura em Luziânia, que tem uma história repleta de celebrações e tradições marcadas por forte influência da igreja, especialmente a católica. Conforme pesquisa do IBGE<sup>66</sup>, a maior parte da população do município é católica. Como cita Marina Mello e Souza (1994, p. 7) “o vetor cultural do processo de acomodação então iniciado foram as festas tradicionais, em especial a do Divino, culminância coletiva da ativa religiosidade popular”.

Essas celebrações são muito significativas para a cultura popular do Estado de Goiás, especialmente em pequenas cidades, como Luziânia, por isso elas são ansiosamente aguardadas durante todo o ano. Brandão (2004) faz uma afirmação sobre estas festas populares que acontecem neste estado como uma festa sem fim.

Dona Corina Maria de Lourdes, participante e organizadora da Festa do Divino de Luziânia, fala sobre as tradições que compõem as festas na cidade. Ela nos conta que há uma expectativa em reencontrar amigos durante as festividades, e fala também sobre o público que participa das festas no município, composto por pessoas vindas da zona rural e de cidades vizinhas, como Brasília e Goiânia:

O que tem de mais tradicional nas festas aqui de Luziânia são as novena, a missa solene, e os leilões, que é quando o povo junta pra confraternização, é onde as famílias se reúnem. Gente que se encontra de ano em ano na festa do Divino. Vêm pessoas daqui que moram em Goiânia, vêm os que moram em Brasília, vem tudo, e outras pessoas, que, por exemplo, você vem aí já trás uma amiga sua, e tem o pessoal das fazendas, mas também a cidade cresceu demais, com essas cidades dos arredores, vem muita gente.<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010: resultados da amostra 0 religião. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=521250&idtema=91&search=goias|luziania|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao->>> Acesso em 15 mai, 2014.

<sup>67</sup> Entrevista concedida por Dona Corina de Lourdes, participante e organizadora da festa do Divino em Luziânia, em 27 de março de 2014.

A presença de pessoas de cidades do entorno na constituição do público da festa também foi citada por Lucas Pires. Ele comenta que, além dos moradores de Luziânia, os residentes da região do entorno também são presenças marcantes: “A festa é um atrativo turístico sim, sem dúvidas! A festa, de uma forma ou de outra, atrai o turismo para a cidade. São muitas pessoas, vindas de todas as cidades do entorno, que vem para cá”.<sup>68</sup>

Os festejos possuem o poder de reunir vários grupos da cidade em um único momento, como moradores do centro e das redondezas, moradores das cidades vizinhas, religiosos, políticos, gestores públicos, empresários e comerciantes, que buscam, de forma conjunta, participar ativamente da manutenção das tradições culturais da cidade, por reconhecer a importância que estes patrimônios intangíveis possuem na memória local.

Como dito anteriormente, Luziânia conta com duas festas de maior representatividade na cidade: a Festa do Divino e a Festa do Rosário. Ambas tem papel de destaque na história luzianiense. Estas são exemplos de celebrações que se mantiveram ao longo do tempo, mesmo com as transformações da modernidade, pois, assim como afirma Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007, p. 18), “se queremos preservar alguma manifestação cultural, no sentido de que se mantenha fazendo sentido coletivamente, temos que preservar sua capacidade de diferir, de não ser idêntica a si mesma”.

As festas cresceram muito com o passar dos anos, e isso foi confirmado durante as entrevistas. Os participantes afirmaram que elas estão mais estruturadas e mais organizadas. O que se observa é que as celebrações vão se recriando com o passar dos anos, porém sem deixarem de ser tradicionais e atrativas. O secretário Écio Mendonça comenta sobre essa ascensão das festas da cidade:

Acredito que as festas em Luziânia vêm sofrendo muitas mudanças, principalmente na parte cultural, na parte de infraestrutura. Eu acho isso muito importante, por que aumentou o público circulando na cidade. Muitas festas não eram divulgadas, não eram difundidas, e parece que agora aumentou mais a participação da população, em vários segmentos, tanto na parte religiosa, cultural, e artística também, e a criação de outros locais que vieram para complementar.<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> Entrevista concedida por Lucas Pires, participante das festas de Luziânia, em 12 de fevereiro de 2014.

<sup>69</sup> Entrevista concedida pelo Secretário de Turismo, Écio Carlos de Mendonça, em 28 de março de 2014.

Essas duas festas foram escolhidas, então, por serem importantes eventos, com um grande potencial para a ascensão de um turismo cultural e religioso na cidade, já que estas festas brasileiras ligadas à religiosidade ou em homenagem a santos sempre atraíram e movimentaram um grande número de pessoas pelo país, seja para pagar promessas, para pedir graças, participar de procissões ou simplesmente para festejar.

### 3.1. O poder da Festa do Divino Espírito Santo para Luziânia

A Festa do Divino Espírito Santo é uma tradição secular que se instaurou no Brasil por volta do século XVII, trazida pelos Portugueses, na época da colonização. Para o professor etnólogo e sociólogo, Moisés Espírito Santo (1998), o culto ao Divino está relacionado com o fim do ciclo agrícola, época festiva da colheita de cereais, cujas celebrações são recorrentes em muitas culturas agrárias do mundo e deram origem à festa judaica de Pentecostes.

O dicionário Larousse (2005) define Pentecostes como: “Festa cristã, que celebra, cinquenta dias após a Páscoa, a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos reunidos no cenáculo”. Outros autores afirmam ainda que a tradição surgiu a partir de um milagre vivido pela rainha Isabel, como conta Gustavo Cortês (2000, p. 24):

Foi instituída pela rainha Isabel, casada com o rei Dom Dinis, o lavrador, na cidade de Alenquer, onde foi construída uma igreja em homenagem ao Divino Espírito Santo, no início do século XIV. Conta à lenda que a rainha gostava de distribuir esmolas para os pobres, especialmente comida. O rei, sovinha, passou a proibir a esposa dessa prática. Certa vez, quando levava pão aos famintos na rua, ela foi surpreendida de repente pelo rei, que lhe perguntou o que trazia. Temendo a reação do marido, ela respondeu que trazia rosas. Ao verificar, espantado, o rei viu lindas flores. Desse milagre parece ter nascido a tradição de se distribuir comida para todos os participantes nas comemorações do Divino. A devoção se espalhou rapidamente em Portugal e se tornou festa coletiva de grande interesse popular.

Após a chegada dos portugueses no Brasil, a Festa do Divino disseminou-se por todo o país e, em cada local, incorporou novos aspectos, porém, sem perder características originais como as folias, as bandeiras, as missas, entre outros. Gonçalves (2009, p. 25) afirma que “essas festas constituem um fato de civilização”.

Abreu (2002, p. 249) relata como aconteciam estas festas do Divino, no Rio de Janeiro, durante o século XIX:

Dos primeiros tempos a Festa do Divino na então capital de uma verdadeira corte imperial, guardava os principais símbolos rituais da festa portuguesa: as folias, a coroação de um imperador (uma figura escolhida para presidir os festejos) e o império (local onde ficava o imperador e a música); as comemorações profanas junto com os atos religiosos, a fatura dos alimentos vendidos ou leiloados na festa e uma preocupação genérica com os pobres da cidade (não só os filiados à irmandade). No dia da festa, distribuíam-se pães e roscas do espírito santo aos devotos que levassem esmolas, e remetiam-se pão e carne aos presos da cadeia.

A festa do Divino acontece não só no Brasil, mas em outros países, como Canadá e Estados Unidos. Gonçalves (2009, p. 25) diz que esta festa não se restringe “a uma determinada área social e cultural, transcendendo fronteiras nacionais e geográficas”. No Brasil há registros, em Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Goiás, onde está localizada Luziânia.

Jorge Veloso (2009, p. 20) conta que o Espírito Santo “Adentrando ao Centro-Oeste, encontrou pouso na distante Santa Luzia, também chamada, pela grande produção do fruto do marmelo, de Santa Luzia das Marmeladas, hoje Luziânia, no estado de Goiás”.

Em Goiás, cidades como Corumbá de Goiás, Jaraguá, Formosa, e Pirenópolis, ainda preservam as raízes da festa. Veloso (2009) afirma que essas atividades sagrado-profanas vinculadas às manifestações religiosas da região tiveram início ao menos duzentos anos antes, conforme se comprova pela criação da festa do Divino Espírito Santo em Luziânia, Formosa e Planaltina, na segunda metade do século XVIII.

Na cidade de Pirenópolis, desde 1819, acontece uma das festas do Divino que possui o maior reconhecimento popular e maior atratividade turística. Devido à sua significância para o país, foi o segundo bem inscrito no Livro de Registro das Celebrações do IPHAN, e recebe milhares de turistas todos os anos.

Em Luziânia a festa também movimentava um grande número de pessoas, como pode ser constatado durante a pesquisa. Entre aqueles que contribuíram, a maioria afirmou que participa todos os anos e que faz o possível para estar em pelo menos um dos vários momentos da festa. Angélica Moreira, que frequenta a festa desde criança, fala sobre o que esta celebração representa para ela:

A festa do Divino Espírito Santo representa não só para mim, mas pra toda a minha família uma tradição da cidade, um momento que temos para expressar nossa devoção e também para confraternizar com amigos e familiares.<sup>70</sup>

A festa do Divino é uma das maiores representações culturais em Luziânia, justamente por reunir vários tipos de manifestações da cultura local em um só momento, com o artesanato, a culinária, a música, e a religiosidade. Leenhardt e Pesavento (1998) explicam que as representações do mundo social não são o reflexo do real nem a ele se opõe de forma antiética. Desta forma, entende-se que essa festa é uma representação da cultura de Luziânia.

Acredita-se que a folia do Divino Espírito Santo acontece na cidade desde o século XVIII, entretanto, há pouca bibliografia sobre o assunto para verificar, de fato, quando tudo começou no município. Dona Corina de Lourdes conta sobre o principio da festa em Luziânia e afirma que ela é um patrimônio da cidade: “A festa do Divino é um patrimônio histórico, por que ela acontece aqui desde 1761, é um patrimônio de Luziânia”.<sup>71</sup>

O secretário Écio Mendonça confirma a fala de Dona Corina e diz que as festas são patrimônios históricos na cidade, mesmo que não sejam consideradas pelos órgãos de proteção patrimonial: “Estas festas religiosas em Luziânia já fazem parte do calendário festivo da cidade. Conseqüentemente, acho que já são consideradas patrimônio histórico da cidade, mesmo que não oficialmente”.<sup>72</sup>

Tormin (2004) fala que um dos pontos máximos da cultura na cidade sempre foram os festejos anuais em louvor ao Divino Espírito Santo. E Coelho (1989, p. 13) explica como estas festas aconteciam em Luziânia ao afirmar que era “uma grande festa popular no largo da igreja matriz, com banda de música, leilão, comida, bebida e cheiro de roupa nova”.

Durante a festa, centenas de fiéis, moradores das redondezas, ricos e pobres percorrem várias casas, fazendas e sítios, carregando bandeiras vermelhas com uma pomba branca, cantando, rezando e pedindo doações em nome do Divino

---

<sup>70</sup> Entrevista concedida por Angélica Moreira, participante das festas de Luziânia, em 05 de fevereiro de 2014.

<sup>71</sup> Entrevista concedida por Dona Corina de Lourdes, participante e organizadora da festa do Divino em Luziânia, em 27 de março de 2014.

<sup>72</sup> Entrevista concedida pelo Secretário de Turismo, Écio Carlos de Mendonça, em 28 de março de 2014.

Espírito Santo. Souza (2013, p. 13) comenta que “as festas católicas, contudo, caracterizaram-se por seu caráter híbrido: poderiam ser promovidas tanto pela igreja quanto pelos fiéis, com a participação do clero, no caso, variando de intensidade”.

Em Luziânia, a festa é preparada com a colaboração da comunidade, contando também com o apoio da prefeitura e de empresas locais. Dona Corina de Lourdes explica como funciona a organização da festa:

A prefeitura ajuda na montagem das barracas, com guardas lá, com os programas na missa, ela dá os programas da festa, e também os livrinhos da missa e das novenas. Toda vida a prefeitura doou. E o resto é tudo a população, tudo feito por doações. Tem o jantar no dia de sábado do Espírito Santo, que é o ápice da festa. Na sexta feira tem a folia de rua, e no sábado o jantar de confraternização. Esse jantar, os pratos, a gente pede para todas as senhoras da cidade, então o jantar é montado todo de graça, cada um doa um prato, desde 1959 que tem esse jantar, e a gente vende os ingressos. A gente vai de rua em rua, nas pessoas que a gente conhece, e mesmo as vindas de fora, muita gente fala, você não me pediu, eu quero doar. É assim, tem as pessoas que vão a cada setor pedir, de duas em duas ruas, de rua em rua, e o povo dá na maior boa vontade.<sup>73</sup>

As ajudas foram crescendo à medida em que a festa foi se desenvolvendo. Karina da Silva comenta sobre os novos patrocínios e a colaboração de outras pessoas além do público da igreja: “Antigamente apenas a comunidade auxiliava na realização do festejo, hoje a festa adquiriu maior visibilidade e dessa forma, hoje ela pode contar com o patrocínio de grandes empresas e até mesmo da prefeitura local”.<sup>74</sup>

Essas relações entre a comunidade e o sentimento de caridade tornam essa festa especial para aqueles que participam. Nisso, todos se misturam numa relação de união e fé. Para a autora Marina Mello e Souza (1994), estas festas tradicionais são uma culminância coletiva da ativa religiosidade popular. Criou-se então uma relação entre religiosidade e manifestação popular, fazendo com que a festa se perpetuasse ao longo dos anos, sempre com o intuito de reafirmar a devoção do povo e agradecer ao Divino Espírito Santo por todas as bençãos alcançadas durante o ano.

Outro ponto característico das festas são os excessos cometidos e as inúmeras refeições servidas. Souza (2013, p. 11) afirma que “festas católicas são,

<sup>73</sup> Entrevista concedida por Dona Corina de Lourdes, participante e organizadora da festa do Divino em Luziânia, em 27 de março de 2014.

<sup>74</sup> Entrevista concedida por Karina da Silva, participante da festa do Divino em Luziânia, em 11 de fevereiro de 2014.

portanto, um momento de consumo ostensivo ligado a crenças religiosas; um consumo excessivo ligado a celebrações cristãs”. Para o autor “é o excesso que dá sentido à festa, e sem este, ela não faz sentido”. Ele cita Brandão<sup>75</sup> (1989, apud SOUZA, 2013, p. 11) para exemplificar isso “a mesma farta orgia de comer e beber e as mesmas buscas do outro”. Abreu (2002, p. 194) conta que a festa do Divino Espírito Santo possuía os ingredientes da festa mais concorrida da cidade “muita música, dança, sensualidade, comida e jogos completavam o ambiente profano de uma festa religiosa”.

A relação sagrado-profana percebida na festa, com todos os excessos em relação a bebidas, comidas, música, porém com muita fé, devoção e religiosidade, fazem com que a festa do Divino tenha grande significância, não só para a comunidade que vive neste espaço onde ela se realiza, como também para pessoas de outras localidades que se interessam por esse tipo de atrativo, criando assim um movimento em torno do turismo cultural e religioso.

Veloso (2009) afirma que uma das principais características da festa do Divino sempre foi a comilança. Todos os dias há barraquinhas com a venda dos mais diversos tipos de alimentos e nos pousos sempre há muita fartura de comida. Um dos destaques em Luziânia é o famoso pão de queijo frito que é feito seguindo uma receita tradicional de uma foliã. Muitos moradores disseram que passam o ano aguardando a festa para comer esta especiaria.

Assim, pode-se afirmar a fala de Gonçalves (2009, p. 23) ao dizer que a festa do Divino constitui-se num “fato social total”, à medida em que envolve arquitetura, culinária, música, religião, rituais, técnicas, estética, regras jurídicas, moralidade e etc., exatamente como acontece na festa de Luziânia ao relacionar todos estes elementos.

A festa torna-se então um patrimônio que suscita outros patrimônios, elementos constitutivos da identidade luzianiense. José Álfio da Silva fala sobre o poder do pão de queijo frito na festa do Divino de Luziânia:

Pra mim o que restou da festa é o pão de queijo, que é o carro chefe da festa do Divino. Por que ele tem um processo artesanal de fabricação, e a pessoa que fabrica o pão de queijo ainda é viva, e ela passa a receita. A receita eles tentaram fazer o tombamento dela, mas não foi adiante, mas as

---

<sup>75</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. São Paulo: Papyrus, 1989.

filhas ainda querem continuar com a tradição da fabricação do pão de queijo.<sup>76</sup>

Dona Corina de Lourdes relata que, mesmo sendo um elemento importante e tradicional da festa, ainda existem dificuldades para a preparação do pão queijo frito:

A dificuldade é assim, pessoas, que enfrentem. Que assumam as responsabilidades. Por exemplo, é pesada a noitada na cozinha. Muitas pessoas colaboram, mas a cozinha é muito pesada! Você vê, são muitas noites ali, seis horas da manhã já tem gente lá trabalhando e gente comprando o pão de queijo, que é o famosíssimo daqui, pra levar pra casa, pra comer em casa.<sup>77</sup>

Observa-se então que, durante a festa do Divino, este pão de queijo frito assume uma nova função, que vai além do papel de alimentar. A forma como é preparado, com o apoio da comunidade, e somente durante o período da festa, demonstra a sua importância e o torna ainda mais especial. A partir deste patrimônio imaterial, pode-se entender que a festa e as tradições que ela carrega são construídas e mantidas graças ao apoio dos fiéis que, voluntariamente, trabalham para que estes patrimônios aconteçam e não desapareçam no tempo, embora note-se a ausência do poder público na maioria das falas.

Tradicionalmente, a festa se inicia cinquenta dias após a páscoa, porém, os foliões se envolvem com a preparação da festa muitos meses antes da sua realização. Tudo começa com uma primeira reunião, normalmente na Igreja Matriz ou numa casa predeterminada, para distribuição das tarefas e responsabilidades. A partir daí as bandeiras saem percorrendo todo o município, fazendo os chamados “pousos” que acontecem no meio rural, e para as visitas, ou folia de rua, na cidade.

Todos os anos são feitos sorteios para a escolha dos festeiros que organizaram a festa do ano seguinte. O sorteio é realizado na Igreja Matriz de Santa Luzia e qualquer pessoa da comunidade pode participar. Segundo Queiroz (1968, apud SOUZA, 2013, p. 12) explica o papel do festeiro é: “organizar a festa e arcar com parte das despesas, no que era ajudado pelos vizinhos, de quem recolhia oferendas para ajudar o custeio”. Dona Corina de Lourdes conta sobre o papel do

---

<sup>76</sup> Entrevista concedida por José Álfio da Silva, morador e participante das festas religiosas de Luziânia, em 27 de março de 2014.

<sup>77</sup> Entrevista concedida por Dona Corina de Lourdes, participante e organizadora da festa do Divino em Luziânia, em 27 de março de 2014.

festeiro em Luziânia: “O festeiro tem que ajudar na festa, assumir, juntamente com os coordenadores, organizar os leilões, as prendas, organizar a missa”.<sup>78</sup>

Atualmente trabalhando como coordenadora da festa do Divino da cidade, Dona Corina de Lourdes relata que, desde 1959, quando foi sorteada festeira pela primeira vez, que ela participa da folia em Luziânia. Ela conta que, desde então, nunca mais abandonou a festa e que trabalha em todas as fases de preparação e organização das festividades na cidade:

Em 1959 eu fui festeira, ai já comecei a ajudar e não parei mais, ai eu continuei. Desde fevereiro estamos fazendo reuniões. Fazemos reuniões com os festeiros pra organizar tudo, o andamento da festa, confecção de programas, de camisetas. Vou sair agora pedindo patrocínio pra confeccionar as camisetas que são doadas para o povo no dia da folia de rua. Então todo mundo naquele dia sai vestindo essas camisetas.<sup>79</sup>



Figura 48 – Altar para o Divino Espírito Santo na Igreja Matriz de Santa Luzia.  
Fonte: Acervo da Igreja Matriz de Santa Luzia.

<sup>78</sup> Entrevista concedida por Dona Corina de Lourdes, participante e organizadora da festa do Divino em Luziânia, em 27 de março de 2014.

<sup>79</sup> Entrevista concedida por Dona Corina de Lourdes, participante e organizadora da festa do Divino em Luziânia, em 27 de março de 2014.



Figura 49 – Igreja Matriz de Santa Luzia em dia de festa.  
Fonte: Acervo da Igreja Matriz de Santa Luzia.



Figura 50 – Panfleto de divulgação da novena da Festa do Divino Espírito Santo em 2013.  
Fonte: Site da Câmara Municipal de Luziânia<sup>80</sup>.

<sup>80</sup> Fonte: Câmara Municipal de Luziânia. Disponível em: <<http://www.cml.go.gov.br/cml-festeja-o-divino-espírito-santo/>> Acesso em 12 mar, 2013.

Observa-se que, mesmo sendo uma celebração que foi instituída no Brasil há mais de séculos, a festa do Divino se mantém viva em várias localidades do país e em Luziânia, por ser fator constituinte da identidade do povo e um forte elemento cultural. Ainda que o surgimento de outras religiões e as mudanças causadas pela modernidade tenham causado transformações nesta celebração, nada disso foi suficiente para acabar com essa tradição.

O pouso e as folias de rua têm um forte poder cultural em Luziânia e, durante essas folias, são arrecadados fundos que são entregues na Igreja Matriz de Santa Luzia. A Festa do Divino Espírito Santo é um evento de grande visibilidade no município e é aguardada com ansiedade pelos moradores e visitantes.

Há uma tentativa, até os dias de hoje, em manter todos os rituais inclusos tradicionalmente à festa, com a missa, as novenas e os leilões. João Victor Ribeiro fala sobre este movimento: “A festa tenta até hoje recuperar as tradições de antes, com o levantamento de mastros, com as fogueiras, isso ainda tem, mas algumas outras coisas foram retiradas”.<sup>81</sup>

As próximas seções trataram sobre algumas das principais tradições que constituem a festa do Divino:

### 3.1.1. O Pouso

O “pouso” ocorre no meio rural, quando os foliões saem montados a cavalo e chegam às fazendas anunciados por fogos de artifício, e com o bater de dois tambores, conhecidos como “caixa”. Veloso (2009) explica que neste momento eles formam duas filas indianas, fazem danças, e em seguida param todos de frente para a casa dos donos, que são conhecidos como “barraqueiros”, para então serem entregues as bandeiras. Esta chegada representa o pedido e a aceitação da visita. Dona Corina de Lourdes faz um relato sobre o valor do pouso para quem recebe a bandeira do Divino:

Quando aproxima a festa do Divino, me vem em mente quando eu era criança na fazenda. Havia os pousos de folia e lá na fazenda nossa tinha

---

<sup>81</sup> Entrevista concedida por João Victor Ribeiro, zelador da igreja e organizador da festa do Rosário em Luziânia, em 28 de janeiro de 2014.

todos os anos, o pouso. Chegavam muitos cavaleiros, e meu pai convidava todos os fazendeiros das redondezas, era uma festa mesmo. Quando no outro dia, na hora da despedida, depois do almoço, o alferes da bandeira me entregou a bandeira e falou que estava me convidando para dar uma volta em toda a fazenda. Por que é assim, a gente entrava nas casas de quarto em quarto, e eu fui nas hortas da minha mãe. Minha mãe tinha duas hortas muito grandes, e então o alferes da bandeira falou que eu podia levar lá na horta, no quintal, tudo, e eu sai correndo naquela alegria imensa de ter recebido a bandeira pra abençoar a fazenda. Então minha devoção pelo Divino Espírito Santo começou assim, eu sentia assim uma coisa diferente.<sup>82</sup>

Acontecem, então, mais alguns rituais, como a colocação de uma cruz na entrada da casa, a montagem de um altar na sala, e também é rezado o terço católico, embalados pelos cantos de louvor. Assim a festa segue, misturando elementos do sagrado e do profano. Veloso (2009) diz que quando as festas incorporaram as folias com os cânticos e músicas, vieram restrições, por se tornarem demasiadamente mundanas.

O autor conta que a fartura é uma característica marcante na festa. Sempre com muita comida, bebidas (inclusive alcoólicas), músicas, jogos e catira, os “barraqueiros” oferecem tradicionalmente três refeições aos foliões. Um jantar na chegada, o café da manhã e um almoço no dia seguinte, para logo depois eles continuarem a peregrinação. Ele explica que a festa do Divino já chegou a ser proibida por conta dos excessos. Muitos festeiros gastavam excessivamente com comida e luxos que acabavam indo à ruína. Wilter Coelho faz uma observação sobre isso:

Um monte de família aqui, que o pai era da fazenda, que vendeu a fazenda, e veio pra cá. Muitos deles se arreentaram, por que não sabiam o que fazer, alguns conseguiram dar estudos pra filhos, outros, os filhos não quiseram, torraram tudo na festa do Divino, arrematando tudo nos leilões pra fazer bonito, o goiano valente.<sup>83</sup>

A questão da cultura imaterial é citada por Wilter Coelho ao falar sobre as folias que são realizadas nas fazendas. Para ele, estas festas têm muito mais autenticidade e legitimidade, apesar de também virem sofrendo processo de descaracterização. Porém, como Geertz (2008) afirma, entender a cultura de um povo significa compreender suas particularidades. Neste sentido, entende-se que a

<sup>82</sup> Entrevista concedida por Dona Corina de Lourdes, participante e organizadora da festa do Divino em Luziânia, em 27 de março de 2014.

<sup>83</sup> Entrevista concedida por Wilter Coelho, morador de Luziânia, em 29 de março de 2014.

cultura tem esse poder de ressignificação dos patrimônios, da mesma forma que acontece com a festa. Wilter Coelho fala sobre essa ressignificação:

Eu simpatizava muito mais com essa, que são as folias originais das fazendas. Também já distorceram um pouco, por que as pessoas começaram a descobrir que elas eram interessantes, começaram a visitar demais, mas você ainda vê muita essa questão da cultura imaterial, nessas folias de fazendas, tem muito mais autenticidade, tem mais fé, tem mais autenticidade, tem mais legitimidade. E essas não são da igreja! Fulano é folião e todo ano, ele faz a folia dele, isso ainda existe.<sup>84</sup>



Figura 51 – Cruzeiro montado em frente ao pouso.  
Fonte: VELOSO, 2009.



Figura 52 – Altar para o Divino Espírito Santo.  
Fonte: VELOSO, 2009.

Compreende-se que a repetição de rituais e características intrínsecas às festa são bases para a constituição de sua autenticidade. Porém, para que se mantenham vivas, as transformações são inevitáveis. É impossível assegurar que, ao longo dos anos, essas celebrações permaneçam intactas e não se modifiquem, já que são construídas por sujeitos vivos que estão em constante evolução.

<sup>84</sup> Entrevista concedida por Wilter Coelho, morador de Luziânia, em 29 de março de 2014.

Assim, afirma-se a fala de Albuquerque Júnior (2007, p. 16) ao dizer que “as tradições são sempre invenções feitas por grupos humanos numa determinada época”. O autor conclui que “não há algo tradicional desde sempre e nada do que é tradicional está isento de modificação, de transformação.”

### 3.1.2. A Catira

Durante os pousos na roça, a Catira ainda se faz presente. A Catira ou Cateretê, como era chamado tradicionalmente, é uma dança incorporada à cultura brasileira por meio dos jesuítas e propagada durante os séculos XVII e XVIII.<sup>85</sup> É uma tradição que faz parte do folclore brasileiro, em que o ritmo é marcado pela batida dos pés e das mãos, acompanhados de violeiros que recitam versos. Antigamente somente homens dançavam, porém, hoje em dia há diversos grupos em que as mulheres também dançam catira. Câmara Cascudo (2001, p. 205) descreve a Catira como:

A dança tem alguns elementos fixos, apresentando variações na música e na coreografia. Duas filas, uma de homens e outra de mulheres, uma diante da outra, evoluem, ao som de palmas e bate-pés, guiados pelos violeiros que dirigem o bailado. As figuras são diversas e há tradição de bons dançadores, especialmente nos tempos do sapateado indispensável

A Catira é tradição em diversos estados no Brasil, como Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Tocantins e principalmente, em Goiás (TEIXEIRA, 2010). Em Luziânia ela ainda está presente durante os pousos que acontecem no meio rural, porém, a cada ano que passa esta manifestação vem perdendo sua expressividade. Dona Corina de Lourdes confirma essa afirmação: “A catira hoje em dia é só na zona rural, na cidade não tem, poucas vezes tem apresentações, às vezes nas novenas, ou no final da missa”.<sup>86</sup>

José Álfio da Silva também relata que a Catira em Luziânia vem sendo descaracterizada e que essa dança já não é mais uma tradição na cidade:

---

<sup>85</sup> Fonte: Os Favoritos da Catira & Os Mensageiros dos Santos Reis. Disponível em: <[http://www.osfavoritosdacatira.com.br/quem\\_nois\\_e.php](http://www.osfavoritosdacatira.com.br/quem_nois_e.php)> Acesso em 2 fev. 2014.

<sup>86</sup> Entrevista concedida por Dona Corina de Lourdes, participante e organizadora da festa do Divino em Luziânia, em 27 de março de 2014.

A Catira só aparece se alguém convidar, mas ela não tem mais aquele sentido, não é uma tradição mais. A catira nossa virou espetáculo, tem umas meninas que moram mais na fazenda, que é um grupinho de catira que tem. Elas se vestem como “cowgirls”, põe sapato, chapéu, mas não dançam catira como as tradições de antigamente, com devoção. (Álfio, 2014).<sup>87</sup>



Figuras 53 e 54 – Apresentação de catireiros.  
Fonte: VELOSO, 2009.

O esforço que se deve ter é para que esta tradição possa ser resgatada e, assim, não desapareça por total das comemorações de Luziânia. Só assim as gerações futuras terão a oportunidade de viver de perto aquilo que um dia foi fator constituinte de sua cultura.

### 3.1.3. A Folia de Rua

As folias de rua fazem parte deste tipo de festa religiosa há muitos anos e constituem um dos momentos mais aguardados por grande parte dos participantes em Luziânia. Queiroz<sup>88</sup> (1976, apud TEIXEIRA, 2011, p. 105) afirma que “as folias constituem-se revivência de uma festa religiosa inscrita no catolicismo rústico brasileiro”. Dona Corina de Lourdes reafirma esse pensamento ao dizer que: “A folia

<sup>87</sup> Entrevista concedida por José Álfio da Silva, morador e participante das festas religiosas de Luziânia, em Luziânia, em 27 de março de 2014.

<sup>88</sup> QUEIROZ, M. I. P. de. O catolicismo rústico no Brasil. In: O campesinato brasileiro – Ensaio sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

é um ponto de aproximação com Deus e com as famílias de muita fé, é uma forma de preservação da cultura”.<sup>89</sup>

A folia de rua normalmente acontece durante o dia, entre um pouso e outro, ou na manhã, seguinte enquanto os foliões aguardam o almoço. São chamadas de visitas, giro, ou folia de rua. Nestas folias são montados altares improvisados e entoadas cantigas e orações aos santos, são também servidos fartas refeições, com muitas comidas e bebidas. Wilter Coelho explica como acontecem as folias na cidade:

Saem da igreja de manha, vários grupos, pra vários lugares, com a bandeira do Divino, simbolizando a paz. Eles passam um dia, entrando e saindo das casas, abençoando as casas (...) passando a bandeira do Divino nas casas, e ao final do dia, todas essas folias se encontram na porta na igreja, e quando estas folias se encontram é uma grande explosão, de fé, de alegria, de foguetes inclusive, virou a indústria do foguete, é aquela coisa, dez minutos de foguete, é bonito? É! Quem consegue ter a paz no coração, e não ter a revolta, e quem consegue enxergar isso, e acreditar nisso, a festa é linda!<sup>90</sup>

Entende-se que as folias carregam em si vários significados, como demonstra esse depoimento. Para aqueles que conseguem enxergar além dos excessos cometidos com as comidas, as bebidas, os foguetes, etc., a festa pode ter outro significado, que transcende o material.

Estas folias sempre foram momentos importantes para o cidadão luzianiense e os foguetes ou fogos de artifício se tornaram elementos essenciais nas festas. Denise Moura (2005, p. 116) explica que eles estão incorporados desde o século XVII. A autora faz uma descrição da origem dos fogos: “Introduzidos pelos portugueses, vieram da China, onde compunham as solenidades sagradas e profanas. Sua função sempre foi propagar o júbilo, atrair as pessoas, consagrar homenagens e saudar”.

O historiador Gelmires Reis (1978, p. 11) cita os foguetes, além de outros elementos como os violeiros, os doces, biscoitos e os caixeiros para explicar como aconteciam as folias de rua em Luziânia:

Segue a folia, então, o seu roteiro, cuidadosamente traçado, visitando as habitações das redondezas, onde todos são recebidos com salvas de tiros,

<sup>89</sup> Entrevista concedida por Dona Corina de Lourdes, participante e organizadora da festa do Divino em Luziânia, em 27 de março de 2014.

<sup>90</sup> Entrevista concedida por Wilter Coelho, morador de Luziânia, em 29 de março de 2014.

foguetes e bombas, sendo servidos doces, biscoitos e frutas. Os violeiros pedem as esmolas e as agradecem, seguindo-se o cortejo até a hora da chegada em outro pouso marcado. Fazem parte do bando também os caixeiros, que rufam os seus instrumentos, com verdadeiro entusiasmo e mestria.

Dona Corina de Lourdes também faz um breve relato de como acontecem as folias em Luziânia:

Tem o dia de folia de rua, que tem um almoço, que dá entrada franca, que é a saída da folia. A folia consta na visita da bandeira do Divino Espírito Santo em todos os lares da cidade. Ai tem o folião que comanda o grupão, e tem os grupinhos que vão de casa em casa. Abençoando as casas.<sup>91</sup>

Normalmente estes giros são feitos a cavalo ou a pé, e os mais idosos seguem de carro. Em Luziânia a folia de rua acontece durante uma sexta feira, em que foi decretado feriado municipal. Cascudo (2001, p. 321) explica que a folia “é espécie de confraria, meio sagrada, meio profana, instituída para implorar proteção divina contra pragas e malinas que às vezes infestavam os campos”.

Mesmo sendo uma tradição com forte expressividade em Luziânia, a folia de rua vem sendo descaracterizada, tanto pelo aumento no número de participantes que vem para a festa, como por conta da violência na qual a cidade se encontra. A jornalista Francielle Rocha faz uma consideração sobre essa perda das características familiares da festa: “O que antes era uma festa “de família”, de pessoas religiosas, virou uma festa qualquer, praticamente. Violência, roubos e furtos, pessoas estranhas são comuns hoje em dia na Festa do Divino”.<sup>92</sup>

José Álfio da Silva (2014) confirma essa triste realidade:

E assim, as visitas já estão se tornando um tanto preocupante. A vizinha aqui mesmo recebe a bandeira, mas ela já ta preocupando, por que tem que por segurança no portão, por que se não invadem a casa dela. Antigamente era um numero reduzido, as pessoas entravam, era feito tudo a mão, agora as coisas já são encomendadas, terceirizadas, daqui a pouco vai ter até “subway” atendendo o pessoal, caminha pra esse formato.<sup>93</sup>

O consumo de bebidas alcoólicas, junto às músicas e danças sem vínculo religioso sempre foram características da festa do Divino. Abreu, (2002, p. 34) afirma

<sup>91</sup> Entrevista concedida por Dona Corina de Lourdes, participante e organizadora da festa do Divino em Luziânia, em 27 de março de 2014.

<sup>92</sup> Entrevista concedida por Francielle Rocha, moradora de Luziânia, em 07 de abril de 2014.

<sup>93</sup> Entrevista concedida por José Álfio da Silva, morador e participante das festas religiosas de Luziânia, em Luziânia, em 27 de março de 2014.

que “além das missas com músicas mundanas, sermões, [...], novenas e procissões, eram partes importantes as danças, coretos, fogos de artifício e barracas de jogos, de atrações, de comidas e bebidas.”. José Álfio da Silva também fala sobre isso:

Aquelas visitas, com a bandeira andando na rua ainda tem, isso é um caráter forte da festa, mas atrás da festa, vem em grande número, uma juventude que não acompanha, eles vão pro ginásio de esportes se embriagar.<sup>94</sup>

Veloso (2009, p. 86) também discorre sobre esta característica como algo intrínseco a festa:

Sabe-se que existem “excessos” no consumo de bebidas alcoólicas, mas diz-se que o permitido é somente a pequena quantidade de “pinga” reconhecida como parte integrante do ritual “deixado por Cristo”. Apesar de se dizer que a “dança com mulher” não deveria ser permitida durante o giro, constata-se que para um grande número de participantes, a motivação maior é a festa, a bebida, o pagode.

Esse excesso no consumo de bebidas alcoólicas surge para alguns participantes como um problema. Essa característica é encarada como um fator capaz de atrapalhar a sua realização. Wilter Coelho comenta sobre este lado profano da festa, que vem aumentando a cada ano:

A folia principal é uma tradição. Ai é a parte profana da festa, sai a banda de música, tem as folias, tem o almoço, onde esse folião que foi sorteado dá o almoço, ai todo mundo almoça. Ai depois sai gente pra todo lado e sai uma principal. Essa principal é que sai com o padre, a banda de musica, ai saem visitando as ruas escolhidas por eles, as casas principais. Só que a tradição, da folia original, mandava que essas pessoas fossem bem recebidas quando entrasse nas casas. Receber o Divino! Ai, já estamos falando da Luziânia antiga, quando a igreja não tinha industrializado esse processo todo, que o cara abria a porta de casa, chega chorava de emoção, botava comida, botava salgadinhos, como tinha sempre uma pinguinha, ai botava. Mas hoje na folia, é um monte de bêbados, tem um grupinho que vai com as bandeiras, e os outros grupos (...). A igreja não coíbe isso por que convém para ela, mas ai vai dar sermão fala que não pode isso, não pode aquilo, não sei o que. Quando eu identifico pessoas que acreditam nessa folia antiga, isso eu acho bonito, isso me toca.<sup>95</sup>

<sup>94</sup> Entrevista concedida por José Álfio, morador e participante das festas religiosas de Luziânia, em Luziânia, em 27 de março de 2014.

<sup>95</sup> Entrevista concedida por Wilter Coelho, morador de Luziânia, em 29 de março de 2014.



Figura 55 – Folia de Rua em Luziânia.  
Fonte: Acervo da Igreja Matriz de Santa Luzia.

Essa relação do sagrado com o profano sempre foi uma característica das festas do Divino no Brasil. Desde o surgimento destas comemorações que o lado religioso se mistura com o lado mundano. Ao mesmo tempo em que as pessoas rezam e pedem graças, elas bebem e dançam. Abreu (2002, p. 247) conta que “[...] essas festas costumavam confundir as práticas sagradas com as profanas, nas comemorações externas e nas que eram realizadas dentro das igrejas”.

A folia em Luziânia pode ser compreendida como um dos principais momentos da festa do Divino da cidade. Todos os entrevistados citaram essa tradição como um dos momentos mais efusivos da festividade.

Sejam para aqueles que participam por acreditar no poder espiritual do Divino Espírito Santo ou aqueles que só participam por conta das atrações profanas, a folia é um importante fator para o fortalecimento da cultura e para a ascensão do turismo local.

#### 3.1.4. As Cavalhadas

Esta é uma celebração tradicionalmente europeia que veio para o Brasil por volta do século XVII, recriando os torneios medievais entre cristãos e mouros. Para

Cascudo (2001, p. 206) Cavalhada é o nome dado a um “desfile a cavalo, corrida de cavaleiros, jogo de canas, jogo de argolinhas (...) ou de manilha”.

As cavalhadas foram incorporadas às festas do Divino como elemento cômico e profano. Johan Emanuel Pohl (1976, p. 287) explica como as cavalhadas surgiram: “O jogo foi iniciado com o aparecimento de ridículos mascarados, que, com as suas caretas e caçoadas, provocavam gargalhadas, especialmente um deles que representava um mestre de danças francesas”.

A celebração das cavalhadas tem registros nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. Originalmente, durante a encenação, os principais personagens são os cavaleiros, armados de lanças e espadas, alguns trajam roupa azul, representando os cristãos e outros de vermelho, representando os mouros. Tem ainda os personagens da corte, como o rei, o general, príncipes, princesas, embaixadores e lacaios, todos usando luxuosas fantasias. Além disso, há personagens mascarados que representam o povo.

Em Goiás as cavalhadas acontecem desde o início do século XIX, conforme nos conta Pereira (2002, p. 42) ao afirmar que “as Cavalhadas, ritual dramático profano e popular, faziam (e fazem) parte dos festejos do Divino nas cidades goianas do ciclo do ouro, desde o início do século XIX”.

Em Luziânia elas estiveram presentes por muito tempo. Porém, há cerca de dois anos elas não se realizam mais durante a festa do Divino na cidade. Dona Corina de Lourdes explica que a encenação das cavalhadas foi acabando devido à dificuldade em encontrar pessoas que assumissem essa responsabilidade:

Às vezes a pessoa que assumia, que era a testa de ferro, deixou. Ai esfria tudo, ai acabou. Tem dois anos que não tem, mas esse ano até os festeiros falaram, vamos organizar, mas é difícil, por que, por exemplo, a vestimenta deles fica cara, e não tem fundos, não tem condição de cada um assumir a sua, entrou muitos jovens, gente de família pobre, eles fizeram uma com umas coisas muito simples, bonitinho, funcionou, mas ai dos dois responsáveis, um adoeceu, teve um enfarto, ele deixou, depois teve um sobrinho meu, mas também esfriou, saiu, ai ficou assim. Por que depende de muita coisa, mais de 15 dias de ensaio no parque de exposições, tem que trazer os animais, ver quem fica cuidando desses animais, tem que tratar todos os dias, então devido a essas dificuldades, se a pessoa não tiver muito amor, muito entusiasmo vai esfriando.<sup>96</sup>

---

<sup>96</sup> Entrevista concedida por Dona Corina de Lourdes, participante e organizadora da festa do Divino em Luziânia, em 27 de março de 2014.

A festa das Cavalhadas tem importante destaque na cultura popular do estado de Goiás. Porém, em Luziânia, esta tradição foi desaparecendo ao longo dos anos por falta de apoio institucional. Na Casa da Cultura Rui Carneiro ainda existe uma sala dedicada especialmente a esta festividade, lá estão reunidas diversas fotos, bandeiras, fantasias e adereços que representam essa luta entre cristãos e mouros em Luziânia.

### 3.1.5. Os Leilões

Os leilões se constituem como mais um dos destaques na festa do Divino em Luziânia. Eles acontecem normalmente no Centro Comunitário, onde são leiloados todos os tipos de objetos. Alguns produtos leiloados são doados por comerciantes locais e outros pela própria comunidade. Abreu (2002) conta que os leilões das prendas eram uma das principais atrações para os devotos nas festas do Divino.

Em Luziânia, no último domingo de festa, na parte da tarde, acontece o leilão de gado no parque de exposições. Este é feito por fazendeiros da região que doam os animais. Neste domingo também acontece outro leilão na Praça da Igreja do Rosário. Dona Corina de Lourdes explica a programação da festa e afirma que os leilões são momentos aguardados por todos da comunidade:

Todas as noites têm novena e missa solene. Após a missa vai lá para a parte social no centro comunitário, tem leilão lá, barraquinhas, comes e bebes, tudo lá. No sábado levanta o mastro lá na Igreja do Rosário e as duas bandeiras, de Nossa Senhora e São Benedito, de noite, depois que termina o leilão no centro comunitário, a gente vai pra lá em procissão. Sábado tem o jantar de confraternização. Domingo é o dia da festa, tem a missa solene, tem a procissão, tem o sorteio pros novos festeiros, que faz todo ano. É por sorteio. Há uma hora tem o leilão de gado, com doações dos fazendeiros, então faz lá no parque de exposições. Domingo de manhã sai o reinado daqui da Igreja Matriz, e vamos até a Igreja do Rosário, lá pelas nove horas começa a missa solene, e depois tem um animado leilão lá. Muito engraçado o leilão, uma festa, e a noite tem o bingão, que encerra os festejos, no centro comunitário. Os festeiros doam os prêmios, e alguns devotos também doam, e a gente faz um bingão, que encerra a festa.<sup>97</sup>

---

<sup>97</sup> Entrevista concedida por Dona Corina de Lourdes, participante e organizadora da festa do Divino em Luziânia, em 27 de março de 2014.

Há atualmente uma forte presença de empresas locais na participação destes leilões e isso é percebido sob dois pontos de vista. De um lado, alguns consideram benéficos, pois contribui para o aumento da circulação de dinheiro no município, porém, por outro lado, tiram características que eram intrínsecas a essa festa, como as prendas preparadas de forma artesanal pela comunidade. José Álfio da Silva discorre sobre isso:

As pessoas da cidade fabricavam as prendas para serem leiloadas, e esse dinheiro era revertido pras obras da igreja. Então me lembro da minha mãe fazendo esses salgadinhos, essas coisas, ela enfeitava a prenda com papel colorido, então isso pra gente tem uma visualidade forte. Depois com o passar do tempo, dos anos, a festa foi perdendo assim o caráter comunitário.<sup>98</sup>

Percebe-se na fala de José Álfio da Silva um sentimento de saudade pelas características artesanais e comunitárias com que a festa era preparada. É evidente que todo esse contexto que permeia a festa tem uma relação forte com a cultura e com a formação da sua identidade.

É importante estabelecer uma relação saudável entre a cultura, os patrimônios históricos das cidades e a atividade turística. Em Luziânia a festa do Divino tem um forte poder na construção dessa identidade e no desenvolvimento do turismo local, o que pode ser constatado durante a pesquisa.

### 3.2. A Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito

As comemorações em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito são tradicionais em Luziânia e acontecem há mais de 250 anos. Estes santos fazem parte da história de colonização da cidade e sempre foram celebrados no município. Gelmires Reis em seu livro “Folclore de Luziânia” publicado em 1978 descreve como acontecia cada uma destas festas na cidade.

Festa de São Benedito (tempos antigos) – procissão, segunda feira, com fogueira e levantamento de mastro. Foguetes e música. Na terça feira, procissão com os festeiros. Missa Cantada. Sorteio de novos festeiros para o ano seguinte. Banquetes, com doces e bebidas. Na atualidade, somente existe a parte religiosa. A parte profana desapareceu. (REIS, 1978, p.13).

<sup>98</sup> Entrevista concedida por José Álfio, morador e participante das festas religiosas de Luziânia, em Luziânia, em 27 de março de 2014.

Festa de N. S. do Rosário (tempo antigo) – procissão, fogueira e levantamento do mastro, de N. S. do Rosário e de São Benedito, no sábado a noite. Foguetes e banda de música. Festeiros sorteados. Segunda feira: procissão com os festeiros no quadro. Missa cantada, sorteio de festeiros para o ano seguinte. Banquetes regados à bebidas. Dança do Boi, Dança da Ema, e dança de Tapúios foram dadas por alguns “reis”. Na atualidade, não há mais as festas profanas. (REIS, 1978, p.13).



Figura 56 – Procissão na Rua do Rosário  
Fonte: ÁLVARES, 1978.

Observa-se na citação de Reis (1978) que, naquele tempo, cada santo possuía a sua própria festa. O historiador não cita datas, mas é possível perceber que as festas aconteciam em momentos diferentes. Sabe-se que com o passar do tempo estas festas foram incorporadas às comemorações do Divino Espírito Santo e, há cerca de treze anos, estes santos passaram a ter duas comemorações na cidade. A primeira acontece tradicionalmente junto à festa do Divino, por volta de maio/junho, e a segunda entre setembro/outubro. Nossa Senhora do Rosário e São Benedito passaram a ser comemorados juntos, não só pela proximidade de datas dos santos, mas também pela ligação direta que os dois possuem com a cultura negra, sendo considerados seus santos protetores.

Em 2013 as celebrações começaram no final de setembro e se encerraram em outubro. Fonseca (2009) explica que o importante para os grupos sociais é garantir a continuidade de um processo de reprodução, conservando os modos de fazer e o respeito a valores como o do ritual religioso. João Victor Ribeiro comentou sobre a realização da festa em outubro:

Essa festa do Rosário a gente tá começando a resgatar ela. Por que já teve anos que não teve essa festa em outubro, acho tem uns treze anos que está tendo consecutivamente, todos os anos. Desde a restauração de 1999 que voltou a fazer de novo a festa em outubro.<sup>99</sup>

O local para a festa é a praça que fica em frente à paróquia Nossa Senhora do Rosário. Tanto a praça como a igreja são considerados patrimônios da cidade, assim como a festa. Desta forma, podemos relacionar esta festa ao pensamento de Fonseca (2009, p. 191) quando ela afirma ser necessário “abrir espaços para a participação da sociedade no processo de construção e de apropriação de seu patrimônio cultural”, exatamente como acontece durante a festa do Rosário de Luziânia.

O evento se inicia de fato com o encontro de fiéis, grupos religiosos e gestores ligados à prefeitura, que se unem para a organização da festa e distribuição de responsabilidades. Este ano, além do apoio da Prefeitura, os fiéis contaram com a ajuda da Comunidade Mel de Deus, um grupo religioso de Luziânia, que realiza ações em prol da fé para a igreja católica.

Estes encontros servem não somente para o preparo da festa, mas também como forma de aproximação entre a comunidade e outros segmentos da sociedade, o que permite o estabelecimento de vínculos no exercício das práticas sociais e na construção da identidade local. Como afirma Tormin (2004), os eventos, a Igreja, os padres, tornam-se extensão das famílias. Assim, a investigação considerou essa relação e a importância que esta festa tem para os participantes para buscar entender por que as pessoas participam e o que esta festa representa para elas.

Foi investigada durante o estudo a frequência com que as pessoas participam da festa, onde constatou-se que a maioria costuma ir todos os anos, porém, alguns afirmaram que só foram nesta “nova versão” da Festa do Rosário (a

---

<sup>99</sup> Entrevista concedida por João Victor Ribeiro, zelador da igreja e organizador da festa do Rosário em Luziânia, em 28 de janeiro de 2014.

que acontece em setembro/outubro) algumas vezes, o que se justifica pelo fato de haver pouco tempo que a festa vem se realizando.

Durante esse período festivo são realizadas novenas na casa dos fiéis da comunidade, missas, queimas de fogos, levantamento de bandeiras, barraquinhas de comidas típicas, além de música mecânica e apresentação de artistas. Cada momento das comemorações tem as suas especificidades, que vão desde o valor religioso ou lazer puramente dito.

No decorrer da pesquisa, foi constatado que quase todos vão movidos pela vontade de compartilhar momentos de espiritualidade e fé, alguns falaram sobre querer reviver as tradições e outros em aproveitar os momentos de descontração com parentes e amigos. Karina da Silva comentou sobre o significado que a festa do Rosário possui para ela:

Participar das comemorações da Igreja do Rosário significa para mim, cultivar algo que já faz parte da minha história, afinal ser dessa comunidade religiosa é um hábito que eu pretendo manter vivo, afinal não é apenas um costume, mas uma tradição que foi construída em mim por minha família, e que com o tempo ganhou minha admiração.<sup>100</sup>

No ano de 2013 foram comemorados os 250 anos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o que tornou a celebração ainda mais importante para toda a comunidade católica luzianiense. No encerramento da festa houve um grande show com o famoso Padre Fábio de Mello, atraindo, assim, o dobro de pessoas para a comemoração.

A preservação da Igreja do Rosário tem uma forte ligação com a preservação dessa festa e, nesses momentos é possível visualizar a união do patrimônio tangível e intangível. José Álfio da Silva comentou sobre isso:

A festa do Rosário ela é forte por conta da força arquitetônica da igreja. A igreja do Rosário tem aquele caráter de arquitetura colonial, mas ela sofreu muito, por que ela perdeu característica do entorno dela. Muita coisa do entorno foi destruída, vários casarões.<sup>101</sup>

Podemos observar na fala de José Álfio da Silva o quanto a preservação da igreja e dos casarões do centro histórico de Luziânia podem influenciar diretamente

<sup>100</sup> Entrevista concedida por Karina da Silva, participante da festa do Divino em Luziânia, em 11 de fevereiro de 2014

<sup>101</sup> Entrevista concedida por José Álfio da Silva, morador e participante das festas religiosas de Luziânia, em Luziânia, em 27 de março de 2014.

na preservação da festa, já que se torna importante que este evento se realize neste local. É perceptível que estes patrimônios estão totalmente ligados uns aos outros.

Com o passar dos anos, é inevitável que os patrimônios sofram alterações e intervenções de todos os tipos, o que acaba influenciando todo o conjunto. No caso da festa do Rosário de Luziânia, os participantes afirmaram que ela vem ficando cada vez mais estruturada, Angélica Moreira comenta sobre isso:

A festa do Rosário acontece sempre aqui na praça e com o tempo ela tem ficado maior e mais bem organizada. Antes eram só as novenas, as missas, mas hoje em dia tem os leilões, várias barracas de comida e apresentações musicais.<sup>102</sup>

O entrevistado Lucas Pires compartilha da idéia de Angélica Moreira sobre a organização da festa, ambos concordam que ela está mais organizada. Para o estudante as mudanças são vistas como positivas: “Em relação à festa anterior, essa está bem mais organizada, e melhor, pois também no final desta contamos com a presença do show do Padre Fábio de Melo”.<sup>103</sup>

João Victor Ribeiro faz outra afirmação sobre as mudanças, porém a sua fala é com foco na preservação das tradições religiosas: “A festa vai crescendo e a igreja ainda tenta recuperar as tradições passadas, com os reinados de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito”.<sup>104</sup>

Observa-se na fala de João Victor Ribeiro o pensamento de Teixeira (2011) quando este afirma que essas celebrações têm capacidade de adaptação aos tempos e de manutenção da hierarquia e da dinâmica de seus cultos e ritos. Logo, essa flexibilidade favorece a permanência da festa como tradição para os moradores, mesmo diante de todas as mudanças.

Durante a realização das entrevistas, foram detectadas pessoas que não seguem a religião católica, mas que, ainda assim, participam da festa todos os anos. Karina da Silva acredita que as mudanças pelas quais a festa vem passando ao longo dos anos, são benéficas e favorecem a participação de outros tipos de públicos:

---

<sup>102</sup> Entrevista concedida por Angélica Moreira, participante das festas de Luziânia, em 05 de fevereiro de 2014.

<sup>103</sup> Entrevista concedida por Lucas Pires, participante das festas de Luziânia, em 12 de fevereiro de 2014.

<sup>104</sup> Entrevista concedida por João Victor Ribeiro, zelador da igreja e organizador da festa do Rosário Luziânia, em 28 de janeiro de 2014.

Antigamente a festa possuía apenas atrações religiosas, porém isso fazia com que poucos participassem, sendo assim, a festa com o passar dos anos foi adquirindo um novo formato, com leilões, músicas ao vivo e outras atrações, atendendo não apenas os devotos da igreja católica, mas a comunidade em geral.<sup>105</sup>

A maioria dos participantes acredita que a festa tem potencial para atrair benefícios econômicos para a cidade. A questão financeira foi amplamente citada pelos entrevistados e a maior parte deles fez referência ao aumento na circulação de dinheiro no município durante a festa. Lucas Pires falou sobre isso:

A festa traz muitos benefícios para a cidade, além de preservar as tradições, aumenta a circulação de dinheiro, pois a cidade tem como característica base a sua história e suas crenças, ou seja, de certo modo essa é uma alternativa que pode trazer maiores incentivos financeiros para a cidade, o que resultaria em melhorias e em desenvolvimento.<sup>106</sup>

Como explica Ruschmann (1997) o turismo tem este poder de estimular a economia local. A participante Angélica Moreira também falou sobre a movimentação financeira e o aumento no fluxo de pessoas. Ela acredita que a festa tem poder de atrair visitantes para a cidade: “A festa aumenta o fluxo de pessoas na cidade e a circulação de dinheiro também é bem maior. Na época da festa cresce o número de visitantes na cidade e isso mexe também com o aumento da economia do município”.<sup>107</sup>

Como pode ser observado, a questão da potencialidade turística da festa é um assunto que ainda diverge muito as opiniões. Alguns acreditam que a celebração é um atrativo turístico, outros já acham que ela possui potencial para ser um atrativo, e ainda há aqueles que afirmaram incisivamente que a festa não possui potencial algum para se tornar um atrativo turístico em Luziânia. O secretário de turismo, Écio Mendonça, falou sobre as dificuldades em alavancar o turismo na cidade:

Estamos passando por muitas dificuldades, tendo que começar do zero. Não tinha nem um conselho de turismo, e agora já tem. Só tem um ano e dois meses que assumi a secretaria. Nós estamos fazendo de tudo para

---

<sup>105</sup> Entrevista concedida por Karina da Silva, participante das festas de Luziânia, em 11 de fevereiro de 2014.

<sup>106</sup> Entrevista concedida por Lucas Pires, participante das festas de Luziânia, em 12 de fevereiro de 2014.

<sup>107</sup> Entrevista concedida por Angélica Moreira, participante das festas de Luziânia, em 05 de fevereiro de 2014.

que o turismo seja divulgado, para ser mostrado, para ser considerado. Para mostrar que Luziânia existe nessa área.<sup>108</sup>

Alguns participantes comentaram que vão apenas para apreciar as comidas típicas das barraquinhas ou por causa das apresentações musicais, mas o que se constatou é que público principal é composto por pessoas católicas e da própria comunidade. O pároco da igreja do Rosário acredita que a festa tem condições de contribuir para o turismo na cidade:

Sem dúvidas a festa do Rosário é um atrativo turístico, como ela é ligada a Igreja do Rosário, a gente faz um trabalho pra divulgar no máximo o valor patrimonial histórico da Igreja do Rosário, tudo que acontece lá é ligado à igreja, então ao patrimônio também, eu pelo menos faço tudo para a Igreja do Rosário se tornar, com o tempo, um lugar turístico mesmo, a gente está pensando em montar na Igreja do Rosário um tipo de sala que conte a história da igreja, estamos tentando montar algum tipo de infra-estrutura turística, um lugarzinho para os turistas não apenas irem à igreja, mas sentar, tomar um cafezinho, uma água, comprar alguma lembrancinha, então isto é um processo, essa festa que foi agora, ela intensificou um pouquinho essa idéia. Então, em torno da Igreja do Rosário começa um tipo de movimento interessante do ponto de vista turístico.<sup>109</sup>

A partir da fala do padre Simão pode-se afirmar que esta festa de Luziânia tem potencial para alavancar o desenvolvimento do turismo local. Assim como apresentado no discurso do padre, a igreja vem buscando alternativas para aproveitar melhor esse potencial. Logo, o patrimônio vai então se incorporando na comunidade e criando elos de identificação, de tal maneira que a igreja traz pra si a preocupação em salvaguardar esses patrimônios, de modo que eles não se tornem patrimônios estáticos, mas que possam ser utilizados por turistas e pela própria comunidade.

---

<sup>108</sup> Entrevista concedida pelo Secretário de Turismo, Écio Carlos de Mendonça, em 28 de março de 2014.

<sup>109</sup> Entrevista concedida por Padre Simão, organizador da festa do Rosário em Luziânia, em 14 de outubro de 2013.



Figura 57 – Panfleto de divulgação da Festa do Rosário  
 Fonte: Material de divulgação da festa de 2013



Figura 58 – Missa no primeiro dia de festa.  
 Fonte: Página do facebook Nossa Senhora do Rosário<sup>110</sup>.

<sup>110</sup> Fonte: Página do facebook Nossa Senhora do Rosário. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1403156806580611&set=a.1403156706580621.1073741832.100006589146513&type=3&theater> Acesso em: 30 nov, 2013.



Figura 59 – Apresentação de música.  
 Fonte: Página do *facebook* Nossa Senhora do Rosário.<sup>111</sup>



Figura 60 – Igreja ornamentada para a festa.  
 Fonte: Página do *facebook* Nossa Senhora do Rosário.<sup>112</sup>

<sup>111</sup>Fonte: Página do *facebook* Nossa Senhora do Rosário. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1403157359913889&set=a.1403156706580621.1073741832.100006589146513&type=3&theater> Acesso em: 30 nov, 2013.

<sup>112</sup> Fonte: Página do *facebook* Nossa Senhora do Rosário. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1403158156580476&set=a.1403156706580621.1073741832.100006589146513&type=3&theater>> Acesso em 30 nov, 2013.



Figura 61 – Carreata em homenagem aos 250 anos da Igreja do Rosário.

Fonte: Página do *facebook* Nossa Senhora do Rosário.<sup>113</sup>

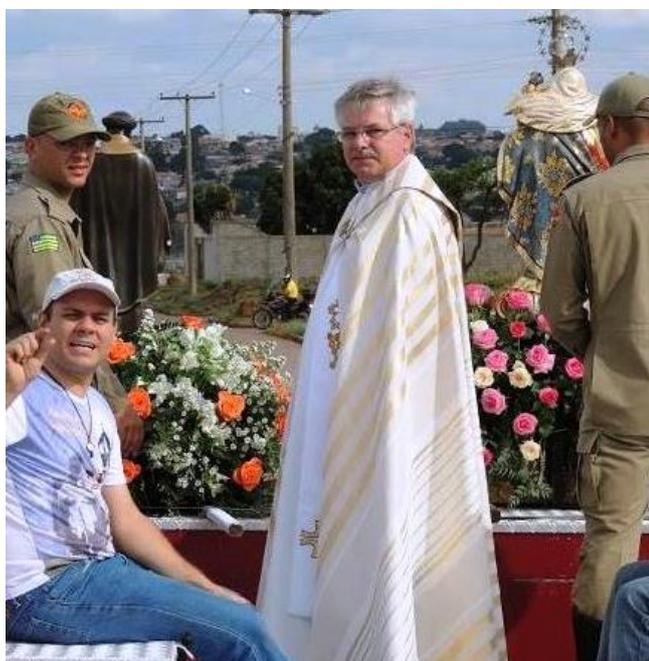


Figura 62 – O padre Simão e a imagem de Nossa Senhora do Rosário durante carreata pela cidade.

Fonte: Página do *facebook* Nossa Senhora do Rosário.<sup>114</sup>

<sup>113</sup> Fonte: Página do *facebook* Nossa Senhora do Rosário. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1408070459422579&set=a.1408069949422630.1073741841.100006589146513&type=3&theater>> Acesso em 30 nov, 2013.



Figura 63 – Último dia de festa.

Fonte: Página do *facebook* Nossa Senhora do Rosário.<sup>115</sup>



Figura 64 – Show do Padre Fábio de Melo

Fonte: Página do *facebook* Nossa Senhora do Rosário.<sup>116</sup>

---

<sup>114</sup> Fonte: Página do *facebook* Nossa Senhora do Rosário. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1408069972755961&set=a.1408069949422630.1073741841.100006589146513&type=3&theater>> Acesso em 30 nov, 2013.

<sup>115</sup> Fonte: Página do *facebook* Nossa Senhora do Rosário. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1408063546089937&set=a.1408063509423274.1073741840.100006589146513&type=3&theater>> Acesso em 30 nov, 2013.

As festas podem ser entendidas, então, como representações de práticas sociais. Por isso elas são tão importantes e movimentam tanto a cidade. Pode-se concluir que, tanto a festa como a igreja, enquanto patrimônios culturais de Luziânia, possuem poder de ressignificar um ao outro, dando um novo sentido não só para as igrejas, mas também para os outros patrimônios da cidade que, por sua vez, são fatores constituintes da identidade local, assim como afirma Gonçalves (2009, p. 31) “o patrimônio, de certo modo, constrói, forma pessoas”.

---

<sup>116</sup> Fonte: Página do *facebook* Nossa Senhora do Rosário<sup>116</sup>. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1408064216089870&set=a.1408063509423274.1073741840.100006589146513&type=3&theater>> Acesso em 30 nov, 2013.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as cidades possuem uma história e uma cultura que definem a sua identidade e as suas tradições. Essa cultura tem o poder de unir as pessoas de uma comunidade e atrair povos de outros lugares interessados em apreciar e conhecer novas culturas. Relacionado a isso, estão os patrimônios históricos, tanto no âmbito do material, quanto do imaterial, e estes possuem características que os tornam atrativos turísticos das cidades.

As festas religiosas no município de Luziânia são encaradas nos dias de hoje como importantes tradições culturais, ainda que tenham adquirido novos formatos. O público turístico vem crescendo cada vez mais e é possível visualizar uma grande quantidade de visitantes vindos de cidades vizinhas, porém, que não se consideram turistas.

As duas festas analisadas possuem um valor e uma importância especial para os moradores, ainda que estes não sejam católicos ou devotos do Divino Espírito Santo, de Nossa Senhora do Rosário ou de São Benedito. O que se observou é que a relação que os moradores têm com essas festividades vai além do vínculo religioso, já que quando relacionadas à cultura local, as festas religiosas assumem um papel reforçador da identidade e da preservação da memória, sendo consideradas fortes tradições culturais.

A modernidade e o avanço das tecnologias implicam em transformações no ambiente urbano. Fazem com que os significados atribuídos aos bens culturais e às práticas a eles associadas criem novos significados com o passar do tempo, além da ação e influência de grupos que não se importam com o valor histórico e a preservação destes patrimônios.

A escolha pela festa do Divino Espírito Santo e pela festa do Rosário e São Benedito se deu por acreditar que estas fazem parte da cultura e da tradição da cidade e possuem um potencial para que o turismo cultural e religioso se desenvolva, pois acredita-se aqui que estes patrimônios podem contribuir de forma positiva para a melhoria de vários outros aspectos da cidade, como no desenvolvimento do comércio local e na melhoria da qualidade dos serviços prestados.

Pode ser constatado que a festa do Divino Espírito Santo de Luziânia é considerada pelos moradores o principal evento cultural e religioso, além de ser a

principal festa tradicional da cidade. Durante sua realização, a cidade cria uma nova configuração e o sentimento de identidade é reafirmado pelos moradores. Por estes motivos, ela foi inscrita no livro do tomo de bens patrimoniais intangíveis do município, ainda que não esteja reconhecida por seu valor patrimonial pelo IPHAN.

Já a festa de Nossa Senhora do Rosário e São Bendito foi percebida como uma manifestação ainda em fase de crescimento. Mesmo que estes santos sejam celebrados há mais de 250 anos na cidade. A festa em homenagem especialmente a estas santidades ainda é nova. Os participantes em sua maioria são formados pelo público católico e por devotos a estes santos, sendo ainda fraco o movimento em torno do turismo. Porém, a festa tem uma íntima relação com a igreja do Rosário, e esta tem um forte poder cultural e patrimonial para a cidade, o que torna esta festa um importante fator de desenvolvimento para o turismo religioso e cultural.

Com o passar dos anos, estas festas religiosas foram sendo descaracterizadas e esquecidas por parte da população e, por consequência, não aproveitadas pelo poder público para o desenvolvimento da atividade turística em Luziânia. Desta forma, o turismo religioso surge como uma alternativa positiva de promoção, já que a grande maioria dos moradores do município vê a religião como parte de sua identidade e fator constituinte de sua cultura, além de a cidade possuir diversos aspectos históricos que contribuem para que este tipo de turismo cresça.

As festividades de Luziânia ainda possuem um público mais restrito aos moradores da cidade e dos municípios vizinhos, o que não impede que este cresça e atraia pessoas de outras regiões, como já acontece com as festas de algumas cidades goianas, como Pirenópolis e Cidade de Goiás, que atraem pessoas vindas de todo o Brasil. A partir do momento em que as celebrações de Luziânia forem vistas com maior importância tanto pela comunidade, como pelo poder público, estes patrimônios poderão contribuir para a ascensão do turismo na cidade.

Logo, o estudo se fez importante, para a compreensão da real representatividade que estas festas possuem para a preservação da história, da tradição e da cultura local. Observou-se a necessidade de olharmos com mais atenção para os bens culturais ligados à história e à tradição da cidade, que estão em completo estado de abandono, sendo descaracterizados, deteriorados, e esquecidos pelos governadores públicos. Como citou um dos entrevistados, Wilter

Coelho: “Ficam procurando a Luziânia antiga e a Luziânia de agora morre a cada dia.”<sup>117</sup>

É inegável que o patrimônio, material e imaterial, de Luziânia vem se perdendo ao longo dos anos. Na Rua do Rosário e na Rua São Benedito, que compõem o centro histórico da cidade, pode ser visivelmente constatado o estado de descaso e abandono que se encontram os casarões ali erguidos. A presença de casas com arquitetura moderna vem aumentando cada vez mais, o que acaba desconfigurando o estilo colonial deste centro. Não existe nenhum projeto de proteção ou revitalização desta área e o que se teme é que daqui a alguns anos, todo esse estilo colonial do centro tenha desaparecido.

É incontestável que a inserção da atividade turística em Luziânia atribui valorização aos patrimônios e oferece possibilidades de revitalização do seu acervo. Nota-se uma urgente necessidade de tratamento destes patrimônios, não só pela importância em se preservar a história local, mas também como forma de torná-los atrativos, tanto para os turistas quanto aos próprios cidadãos luzianienses.

Os patrimônios históricos não são atrativos turísticos por si só e, por isso, é importante à atuação dos planejadores turísticos para darem destaque e visibilidade à sua atratividade, de forma que estes se tornem um potencial para a cidade, aliados aos recursos naturais que o município já possui.

O cuidado que se deve ter é para que não aconteça em Luziânia o que aconteceu em outras cidades goianas, que utilizaram do seu patrimônio intangível, como as festas, para o desenvolvimento turístico, sem o devido planejamento e, assim, estes foram deteriorados e descaracterizados. Resultando em mais retornos negativos do que positivos para a cidade.

A atuação dos órgãos governamentais no que tange à preservação, colaboração e continuidade destas manifestações religiosas em Luziânia ainda é pequena. O apoio dado pela prefeitura na realização das festas foi citado por alguns participantes, mas ainda de forma pouco atuante. O governo ignora o fato de que, para que estas manifestações de Luziânia tenham relevância cultural e artística e se tornem atrativos para o turismo, elas necessitam ser mais valorizadas por todos os envolvidos, a começar pelo poder público.

---

<sup>117</sup> Entrevista concedida por Wilter Coelho, morador de Luziânia, em 29 de março de 2014.

O turismo em Luziânia ainda está em fase de desenvolvimento e, para que isso ocorra de forma equilibrada, a cidade como um todo deve reconhecer os recursos culturais e naturais que o município possui e acreditar que estes têm potencial para o desenvolvimento da atividade na cidade, de forma planejada e sustentável.

O descaso por parte do governo e a violência presenciada no município atrapalham na divulgação da imagem de Luziânia e, conseqüentemente, interferem na ascensão do turismo, já que, antes mesmo de conhecerem o lado bom, o que se propagam são os casos de violência, causando assim uma primeira impressão ruim de toda a cidade.

O turismo é bem visto quando proporciona benefícios para todos os envolvidos, e ajuda a criar um novo olhar sobre os patrimônios da cidade. Deve se reconhecer que a atividade turística tem esse poder de agregar valor aos monumentos das localidades e, por isso, sua valorização em Luziânia tende a ser uma alternativa para solucionar diversos problemas, além de uma forma de preservação dos bens do município. Como diz Fonseca (2009, p. 74) “produzir e consumir cultura são fatores fundamentais para o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade”.

Nessa perspectiva o patrimônio cultural não se dissocia de seus conteúdos vivos, conteúdos estes materializados nos indivíduos e vivificados nos grupos sociais. Portanto quando se fala em conservação e destinação dos bens culturais, sejam eles tangíveis ou intangíveis, não se pode esquecer o contexto histórico e social nos quais estes bens estão inseridos. Há que se lembrar que o patrimônio das populações locais não é desprovido de sentidos e sentimentos, ao contrário, em última instancia é prática social.

Isso constitui sentimentos na comunidade local de pertencimento, o que permite aos depositários desse patrimônio uma possibilidade de sentirem-se parte integrante de seus bens culturais. Assim, pode se deduzir que as festas do Divino Espírito Santo e a festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito podem permitir que surja uma consciência no luzianiense em que se verifica a necessidade de conservação de práticas culturais que conferem significados à identidade local. Nesse sentido a conservação, a proteção, a ressignificação e a divulgação desses eventos são ações que merecem atenção, pois estes patrimônios culturais podem ser determinantes no desenvolvimento do turismo em Luziânia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. **"Nos requebros do Divino": lundus e festas populares no Rio de Janeiro do século XIX**. In: CUNHA, M. C. P. (Org.). Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora da Unicamp/CECULT, 2002. p. 247-280.

ABREU, R. **"Tesouros-Humanos Vivos" Ou Quando as Pessoas Transformam-se em Patrimônio Cultural – Notas Sobre a Experiência Francesa de Distinção do "Mestres da Arte"** in: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

ABREU, T. N. M. de.; CORIOLANO, L. N. M. T. **Os centros de romaria do Ceará e o turismo religioso**. In: CORIOLANO, L. N. M. T. (Org.). O turismo de inclusão e o desenvolvimento local. Fortaleza: FUNECE, 2003, p. 78-95.

AGUIAR, M. R.; DIAS, R. **Fundamentos do Turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas: Editora Alínea, 2002.

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **Histórias dentro da história**. In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes históricas. p.155-202. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: EDUFBA, 2007.

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANDRADE, J. V. de. **Turismo: Fundamentos e Dimensões**. Editora Ática, 8ª. Ed, 2004.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004.

ARAGÃO, I.; MACEDO, J. R. **Turismo religioso, patrimônio e festa: Nosso Senhor dos Passos na cidade sergipana de São Cristóvão**. In: Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 399-414, dez. 2011.

ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BARRETTO, M. **Turismo e Legado Cultural: as possibilidades do planejamento**. São Paulo: Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 8ª ed. Campinas: Papirus, 2001.

BARBOSA, Y. M. **O despertar do turismo: uma visão crítica dos não lugares**. São Paulo: Aleph, 2001.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo. Editora Senac, 1997.

\_\_\_\_\_. **O conceito de sustentabilidade na política de turismo e meio ambiente**. In: Revista de Administração, v. 33, n. 4, p. 53-55, out./ dez. São Paulo, 1998. Disponível em: < <http://www.rausp.usp.br/download.asp?file=3304053.pdf> >. Acesso em: 20 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **Um outro turismo é possível? A recriação de uma nova ética**. In: MOESCH, M.M.; GASTAL, S.(orgs). Um outro Turismo é possível. São Paulo: Contexto, 2004.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 19-42.

BRANDÃO, C. R. **De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia: Ed. UFG, 2004.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

BRASIL. **Decreto nº 3.551**. Brasília: Presidência da República. 2000.

BRASIL, EMBRATUR. **Roteiros da Fé**. Rio de Janeiro: Arquidiocese, 1999.

BRASIL, Ministério da Cultura. **Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial**. 4. ed. Brasília, 2006. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3825> >. Acesso em: 25 fev. 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. Observatório do mundo do trabalho e da educação profissional e tecnológica. **Relatório de estudo/pesquisa natural, social, econômica e educacional do município de Luziânia e da região de influência**. 2010. Disponível em: < [http://www.ifg.edu.br/luziania/images/arquivos/relatorio\\_de\\_estudo\\_pesquisa\\_luziania.pdf](http://www.ifg.edu.br/luziania/images/arquivos/relatorio_de_estudo_pesquisa_luziania.pdf) >. Acesso em: 20 fev. 2013.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Relatório Final das Atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial. O Registro do Patrimônio Imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial**. Brasília: MinC/Iphan/Funarte, 2ª ed., 2003.

\_\_\_\_\_. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiro do Brasil. Conteúdo Fundamental – Turismo e Sustentabilidade**. Brasília, 2007. Disponível em: < [http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/conteudo\\_fundamental\\_turismo\\_e\\_sustentabilidade.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/conteudo_fundamental_turismo_e_sustentabilidade.pdf) >. Acesso em: 27 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes para o desenvolvimento do turismo cultural**. 2. ed. Brasília: MTur, 2008.

\_\_\_\_\_. **Turismo Cultural: orientações básicas**. 3. ed.- Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: < [http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_Cultural\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf) >. Acesso em: 17 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. **Turismo no Brasil, 2011 – 2014**. Brasília, 2011. Disponível em: < [http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_no\\_Brasil\\_2011\\_-\\_2014\\_sem\\_margem\\_corte.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_no_Brasil_2011_-_2014_sem_margem_corte.pdf) >. Acesso em: 27 jun. 2013.

BURNS, P. **Turismo e Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Chronos, 2002.

CÂMARA NETO, L. A. **Religiosidade popular e o catolicismo oficial: o eterno contraponto**. In: Revista Ciências Humanas, Universidade de Taubaté/SP, v. 9, n. 1, jan.-jun. 2003. Disponível em: < <http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/religiosidadepopular-N1-2003.pdf> >. Acesso em: 20 mar. 2014.

CARNEIRO, E.; OLIVEIRA, S. A.; CARVALHO, K. D. **Turismo Cultural e Sustentabilidade: Uma relação possível?** Revista Eletrônica de Turismo Cultural. São Paulo, v. 04, n. 01, jan./jun. 2010.

CARVALHO, K. D. **Lugar de memória e políticas públicas de preservação do Patrimônio: interfaces com o turismo cultural.** In: Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica, Vol. 13 - nº 2 - p. 149-165 / mai-ago 2011.

CASCUDO, L. C. **Dicionário de Folclore Brasileiro.** São Paulo: Global, 2001.

CAVALCANTI, M. L. V. C. **Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica.** In: Revista Tempo Brasileiro. Patrimônio Imaterial. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 2001.

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia.** In: Crítica y emancipación: Revista latino-americana de Ciências Sociais. Ano 1, no. 1. Buenos Aires: CLACSO, 2008.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio.** 3ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CLAVAL, P. **Lieux de memoire.** In: Revista Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, jan/dez 2005. n.19-20. p. 126-153.

COELHO, W. C. **Eternamente Luziânia.** Luziânia: HP Mendes Gráfica. 1989.

COLVERO, A. A. **A requalificação do centro antigo da cidade de são paulo: Políticas urbanas, planejamento participativo e gestão, no período de 2001-2004.** Tese (Doutorado em Geografia). USP, São Paulo, 2010.

CORTÊS, G. P. **Dança Brasil: Festas e danças populares.** Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.

COSTA, E. B. da. **Totalidade urbana e totalidade mundo - as cidades coloniais barrocas face à patrimonialização global**. Tese (Doutorado em Geografia). FFLCH-USP, São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Intervenções em centros urbanos no período da globalização**. Revista Cidades (Presidente Prudente), vol. 15, nº 1, 2013.

COSTA, E. B. da.; SCARLATO, F. C. **Patrimônio da Humanidade: Universalismo de um Apoderamento Territorial Soberano**. In COSTA, E. B.; BRUSADIN, L.; PIRES, M. (orgs.). Valor patrimonial e turismo limiar entre história, território e poder. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

COSTA, E. B. da.; STEINKE, V. A. **Cidades históricas do estado de Goiás, Brasil: uma agenda de pesquisa**. Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 7, n. 2, p.164-195, ago/2013.

CRUCES, F. **Problemas en torno a la restitución del patrimonio. Una visión desde la antropología, em Política y Sociedad**. Nº 27, 1998.

CRUZ, R. C. A. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2000.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CURADO, J. G.; LOBO, T. C. **Herança ibérica na América Latina: as procissões católicas de Pirenópolis-Goiás**. In: X Encontro de Geógrafos da América Latinas (EGAL) - Por uma Geografia Latino-Americana: do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade. São Paulo: USP, 2005. p. 3904-3916.

DELGADO, L. A. N. **História Oral – memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. 2 ed. São Paulo: Futura, 1998.

DUARTE, R. **Entrevistas em Pesquisas Qualitativas**. Curitiba: Editora UFPR, n. 24, p. 213-225, 2004.

FERRARA, L. D`Alessio. **O turismo dos deslocamentos virtuais**. In: YAZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A. da. (Orgs.). Turismo: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 15-24.

FERREIRA, L. D. M. **Festas religiosas: uma manifestação cultural de Mariana**. Ouro Preto: ETFOP, 2009.

FERREIRA, M. L. M. **Patrimônio: Discutindo alguns conceitos**. In: Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.

FONSECA, M. C. L. **Patrimônio e performance: uma relação interessante**. In: TEIXEIRA, J. G. L.C.; GARCIA, M. V. C.; GUSMÃO, R. (Org.). Patrimônio Imaterial, Performance Cultural e (Re)Tradicionalização. 1ed. Brasília, 2004, v. 1, p. 19-30.

\_\_\_\_\_. **Para Além da Pedra e Cal: Por uma concepção Ampla de Patrimônio Cultural**. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

FUNARI, P. P.; PINSKY, J. (orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

GASTAL, S. **Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GIL, A. Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1991. 207 p.

GONÇALVES, J.R. **Autenticidade, memória e ideologias nacionais: O problema dos patrimônios culturais**. Estudos Históricos 1, 1989.

\_\_\_\_\_. **Patrimônio, natureza e etnicidade: reinvenções da cultura açoriana**. Anais do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: A questão social no novo milênio, Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Patrimônio Como Categoria de Pensamento.** In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

GOODEY, B. **A interpretação do Sítio Turístico: desenho e atividade.** In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs). Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar. Belo horizonte: Ed UFMG. Território Brasília, 2002.

GROSSI, Y.; FERREIRA, A. **Razão narrativa: significado e memória.** História Oral (4). São Paulo: ABHO, 2001.

HALL, C. M. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos.** Tradução de Edite Sciulli. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE. **Dados Gerais de Luziânia.** Disponível em: < [http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?lang=\\_ES&codmun=521250&se arch=goias|luziania|infograficos:-dados-gerais-do-municipio](http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?lang=_ES&codmun=521250&se arch=goias|luziania|infograficos:-dados-gerais-do-municipio) >. Acesso em: 10 out. 2011.

INSTITUTO PÓLIS. **Plano Diretor – Participar é um direito!** 2005. Disponível em: < <http://www.polis.org.br/uploads/959/959.pdf> >. Acesso em: 25 fev. 2014.

IPHAN. **Patrimônio Cultural.** 2007. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=20&sigla=PatrimonioCultural&retorno=paginalphan> >. Acesso em 19 set. 2011.

JAFARI, J. **La cientificacion del turismo: estúdios y perspectivas en turismo.** Buenos Aires: CIET, Vol. 3, nº1, p.7-36, 1994.

KÖHLER, A. F.; DURAND, J. C. G. **Turismo cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências.** In: Revista Turismo –Visão e Ação (Itajaí), v. 9, p. 185-198, 2007.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico.** 11<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **Patrimônio imaterial: conceitos e implicações.** In: TEIXEIRA, J. G. L.C.; GARCIA, M. V. C.; GUSMÃO, R. (Org.). Patrimônio Imaterial, Performance Cultural e (Re)Tradicionalização. 1ed. Brasília, 2004, v. 1, p. 12-18.

LAROUSSE. Ática: **Dicionário da Língua Portuguesa.** 2005.

LEENHARDT, J.; PESAVENTO, S. J. (orgs). **Discurso histórico e narrativa literária.** São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

LÉVI-STRAUSS, C. **Introduction à l'oeuvre de Mareei Mauss.** In: MAUSS, Mareei, Sociologie et Anthropologie. Paris: PUF, 1950.

LÓPES, T. **Fragmentando os roteiros turísticos sobre Ouro Preto.** In: BANDUCCI, Á.; BARRETTO, M. Turismo e Identidade Cultural: uma visão antropológica. São Paulo: Papyrus, 2001.

LUCAS, S. M. M. **Vale a Pena Preservar. Turismo Cultural e Desenvolvimento Sustentável.** 2003.

MARTIN-FUGIER, A. **Os ritos da vida privada burguesa.** In: PERROT, Michelle et al. História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 193-262.

MEIRELES, J. D. **Evangelino Meireles – Vida e Obra.** Conferências. Mimeo.1973.

MEIRELES, J. D.; PIMENTEL, A. (orgs.). **História do Planalto.** Coletânea, Luziânia: Academia de Letras e Artes do Planalto, 1996.

MELLO E SOUZA, M. **Parati: a cidade e as festas.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

MINAYO, C. S. M. **O desafio do conhecimento.** 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 1996.

MOESCH, M. M. **Epistemologia social do turismo**. Tese (Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo). Escola de Comunicação e Arte. Universidade de São Paulo, Brasília, 2004.

MOURA, D. A. S. de. **Sociedade movediça: economia, cultura e relações sociais em São Paulo - 1808-1850**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MURTA, S. M. **Turismo histórico-cultural: parques temáticos, roteiros e atrações âncora**. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Orgs.). Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG; Território Brasilis, 2002.

OLIVEN, R. G. **Patrimônio intangível: considerações iniciais**. In: Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. ABREU, R; CHAGAS, M. (orgs.). Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2009.

ONFRAY, M. **Teoria da Viagem**. Porto Alegre, L&PM, 2009.

PEIXOTO, P. **Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades: Intermediários culturais, espaço público e cultura urbana**. Portugal: Centro de Estudos Sociais, 2003.

PELLEGRINI FILHO, A. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

PEREIRA, E. M. C. **Goiânia, filha mais moça e bonita do Brasil**. In: BOTELHO, Tarcisio Rodrigues (Org.). Goiânia: cidade pensada. Goiânia: Editora UFG, 2002.

PIMENTEL, A. **Pela Vila de Santa Luzia ou fragmentos de um passado**. Luziânia, GO: Gráfica e Editora Independências, 1994.

PINTO, J. M. **Intervenção cultural em espaços públicos**. In: SANTOS, M. L. L. dos (org.). Cultura & Economia. Lisboa: Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1995.

PIRES, M. J. **Lazer e turismo cultural**. São Paulo: Manole, 2001.

POHL, J. E. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1976.

PORTUGUEZ, A. P. **Turismo, memória e patrimônio cultural**. São Paulo, Editora Roca, 2004.

PRYTHON, A. (org.). **Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulinas, 2006.

REIS, G. **Almanach de Santa Luzia**. Uberaba. Typografia de São José, 1925.

\_\_\_\_\_. **Folclore de Luziânia**. 1978.

\_\_\_\_\_. **Efemérides Goianas**. Secretaria de Educação e Cultura de Goiás, 1979.

RIBEIRO, H. **Andar com fé e o sentido do chegar**. Caderno Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2003. Disponível em: < <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=25&layout=abstract> >. Acesso em: 29 jan. 2013.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e Planejamento Sustentável: A Proteção do Meio Ambiente**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

SANTOS, D. V. C. **Acerca do conceito de Representação**. Goiânia, Goiás: Universidade Federal de Goiás, Revista de Teoria da História, Ano 3, Número 6, 2011.

SANTOS, J. L. dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, M. F. J. NUNES, V. M. M. **Na Trilha dos Passos do Senhor: A devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão/SE**. In: Revista da Fapese de Pesquisa e Extensão, v. 2, p. 97-110, jul./dez. 2005.

SOUZA, R. L. de. **Festas, procissões, romarias, milagres : aspectos do catolicismo popular** / Ricardo Luiz de Souza. – Natal : IFRN, 2013. 160p.

TEIXEIRA, J. G. L. C. **Patrimônio Imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização**. Brasília: ICS-UnB, 2004.

\_\_\_\_\_. **Performance e Identidade: O Estado das Artes Populares no Planalto Central do Brasil**. In: VI Colóquio Internacional de Festas - outubro/2008.

\_\_\_\_\_. **Brasília 50 anos: Arte e Cultura**. Editora Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

TEIXEIRA, M. F. **Os traços da manifestação cultural da catira nas práticas educacionais de Goiânia/GO**. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade ISSN 1982-3657, p.1-15, 2010.

THEOBALD, W. F. (org.). **Turismo Global**. 2. ed. Traduzido por: Ana Maria Capovilla; Maria Cristina Guimarães Cupertino e João Ricardo Barros Penteado. São Paulo: SENAC, 2002. Tradução de: Global Tourism.

TORMIN, C. V. **Um lugar e suas raízes. O pensamento político em Luziânia/GO**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2004, mimeo, 140 p.

\_\_\_\_\_. **Violência social, pobreza e identidade entre jovens no entorno do Distrito Federal**. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, nº 18, pp. 127 – 137, 2005.

TRAVASSOS, E. **Recriações contemporâneas dos folguedos tradicionais: a performance como modo de conhecimento da cultura popular**. In: TEIXEIRA, J. G. L.C.; GARCIA, M. V. C.; GUSMÃO, R. (Org.). Patrimônio Imaterial, Performance Cultural e (Re)Tradicionalização. 1ed. Brasília, 2004, v. 1, p. 110-116.

TYLOR, E. **Primitive Culture**. Londres, John Mursay & Co.1958.

VASCONCELOS, D. A. L. de. **Conceitos e Modelos em Turismo: uma evolução do reducionismo aos sistemas turísticos**. In: Turismo - Visão e Ação - vol. 7 - n.1 p. 155 - 171 jan. / abr. 2005.

VELOSO, J. G. **A visita do Divino**. Thesaurus, Brasília, 2009.

VELOSO, M. **Patrimônio imaterial, memória coletiva e espaço público**. In: TEIXEIRA, J. G. L.C.; GARCIA, M. V. C.; GUSMÃO, R. (Org.). *Patrimônio Imaterial, Performance Cultural e (Re)Tradicionalização*. 1ed. Brasília, 2004, v. 1, p. 31-36.

VERGARA, S. **Projetos e relatórios de Pesquisa em Administração**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VIANNA L. C.R. e TEIXEIRA, J. G. L. C. **Patrimônio Imaterial, Performance e Identidade**. In: CONCINNITAS, *Revista do Instituto de Artes da UERJ*, volume 1, numero 12, Rio de Janeiro, julho de 2008.

ZANIRATO, S. H. **Patrimônio para todos: promoção e difusão do uso público do patrimônio cultural na cidade histórica**. In: *Patrimônio e Memória*. São Paulo: Unesp, v. 2, n. 2, 2006.

PEREIRA, B. T. S.; SILVA, L. F. O; PERINOTTO, A.. R. C. **Festejo de São Francisco: análise sobre uma alternativa de desenvolvimento do Turismo Religioso em Parnaíba (Piauí, Brasil)**. *Turismo & Sociedade*. Curitiba, v. 4, n. 2, p. 363-380, outubro de 2011.

UNESCO. **Recomendação de Paris – Convenção para a Salvaguarda da Cultura Popular e Tradicional**. Paris, 1989. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=261> >. Acesso em: 27 de jun. 2012.

UNESCO. **Recomendação de Paris – Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 2003. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=271> >. Acesso em: 27 de jun. 2012.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO****UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO**

Esta pesquisa busca compreender como as festas históricas e religiosas relacionadas à cultura e aos patrimônios locais podem atuar no desenvolvimento turístico de cidades históricas, como Luziânia. Trata-se de atividade referente ao curso de Mestrado Profissional em Turismo do Programa de Pós Graduação da Universidade de Brasília.

Para a realização desta pesquisa, gostaríamos de contar com a sua colaboração, por meio de participação em entrevista. Contudo, trata-se de um ato voluntário. Você tem total liberdade para abster-se de fornecer as informações solicitadas pelo pesquisador.

Nesse sentido, pedimos que responda as perguntas de maneira coerente e mais clara possível. Dessa forma, solicitamos sua autorização para apresentar os resultados no estudo acima referido. Caso deseje conhecer os resultados desse trabalho, por favor, contatar a responsável abaixo identificada.

Desde já agradeço sua colaboração.

Carla Adriana Oliveira Silva- Mestranda do Centro de Excelência em Turismo – UnB  
[carlawicca@gmail.com](mailto:carlawicca@gmail.com)

---

Certifico haver lido o conteúdo acima descrito e compreender que estou participando voluntariamente. Pela presente, dou meu consentimento para participar do estudo e para a publicação dos resultados.

Luziânia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_

**APÊNCIDE B – ENTREVISTA: PARTICIPANTES DAS FESTAS HISTÓRICAS E  
RELIGIOSAS DE LUZIÂNIA/GO.**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO**

Esta entrevista é parte integrante da pesquisa intitulada “As festas históricas e religiosas de Luziânia/GO atuando no desenvolvimento do potencial turístico da cidade”, que busca compreender como as festas religiosas, relacionadas à cultura e aos patrimônios locais, podem atuar no desenvolvimento turístico de cidades históricas, como Luziânia.

**Perfil:**

1. Nome:
2. Telefone:
3. Profissão:
4. Idade:
5. Estado Civil:
6. Religião:
  
7. Com que frequência você participa das festas religiosas de Luziânia?
8. Você percebe se houve muitas mudanças nas festas com o passar dos anos?  
Quais?
9. Você acredita que estas festas são atrativos turísticos da cidade?
10. Em sua opinião, em que medida as festas contribuem para a manutenção dos  
patrimônios materiais de Luziânia?
11. O que estas festas representam para você?

**APÊNCIDE C – ENTREVISTA: GESTORES DAS FESTAS HISTÓRICAS E  
RELIGIOSAS DE LUZIÂNIA/GO.**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO**

Esta entrevista é parte integrante da pesquisa intitulada “As festas históricas e religiosas de Luziânia/GO atuando no desenvolvimento do potencial turístico da cidade”, que busca compreender como as festas religiosas, relacionadas à cultura e aos patrimônios locais, podem atuar no desenvolvimento turístico de cidades históricas, como Luziânia.

**Perfil:**

- 1- Nome:
- 2- Telefone:
- 3- Profissão:
- 4- Idade:
- 5- Estado Civil:
- 6- Religião:
  
- 7- Com que frequência você participa das festas religiosas de Luziânia?
- 8- Há quanto tempo você participa da organização das festas religiosas de Luziânia?
- 9- Para você, o que as festas de Luziânia proporcionam para a cidade?
- 10- Você acredita que estas festas são atrativos turísticos da cidade?
- 11- Como e quando se inicia o processo de organização destas festas?

**APÊNCIDE D – ENTREVISTA: SECRETÁRIO DE TURISMO DE LUZIÂNIA/GO.****UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO**

Esta entrevista é parte integrante da pesquisa intitulada “As festas históricas e religiosas de Luziânia/GO atuando no desenvolvimento do potencial turístico da cidade”, que busca compreender como as festas religiosas, relacionadas à cultura e aos patrimônios locais, podem atuar no desenvolvimento turístico de cidades históricas, como Luziânia.

**Perfil:**

- 1- Nome:
- 2- Telefone:
- 3- Profissão:
- 4- Idade:
- 5- Estado Civil:
- 6- Religião:
  
- 7- Para você, o que as festas de Luziânia proporcionam para a cidade?
- 8- Você acredita que estas festas são atrativos turísticos da cidade?
- 9- Em sua opinião, em que medida as festas podem contribuir para o desenvolvimento do turismo local?
- 10- Você considera estas festas como parte do patrimônio histórico e cultural de Luziânia?
- 11- Existe alguma participação da Secretaria de Turismo na organização das festas históricas e religiosas de Luziânia?